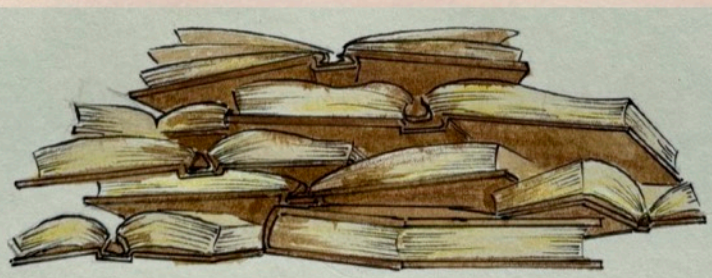
# A Saga Magister-Auctor



## O privilegio do Saber

Binh Pham

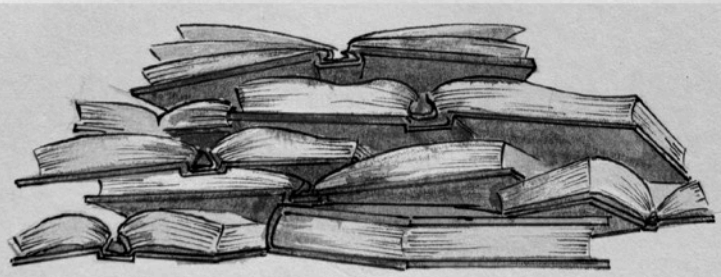
Umut Aydin

versão 2.05

Título: *A saga Magister-Auctor. 04. O privilégio de saber*
Co-autores: Binh Pham e Umut Aydin
E-livro realizado em Pages em *Charter 14*
**Título original**: *De Magister-Auctor Saga. Het voorrecht om te Weten*

Para o século XXI A Saga Magister-Auctor é publicada sob licença Creative Communs BY-NC-ND 4.0 por Pascal Paulus com capa de Frank Nuyts.

# A Saga Magister-Auctor



## O privilegio do Saber

Birth Pharm

Umut Aydin

*Para Manuel,*
*Sebastião e Olívia*

## A biblioteca na Rua dos Cais

Está frio, muito frio, naquele mês de novembro de 1775. Jan e Madeleine instalaram os dois grupos de crianças que ficaram ao seu cuidado em duas salas adjacentes da biblioteca. Uma salamandra dissipa o calor necessário para quem escreve não ficar com os dedos roxos. Na sala maior alguns troncos queimam lentamente na uma lareira. Uma enorme chaleira com agua deixa escapar uma pluma de vapor. De aqui pouco todos irão receber uma bebida de cacau, adocicada com melaço.

As crianças mais novas são apoiadas por companheiros de grupo um pouco mais velhos. Lêem as frases simples por baixo das imagens que o casal de mestres retiveram do trabalho de Comenius. Madeleine está a discutir com outro grupo alguns textos que ela adaptou dos trabalhos de Émilie de Châtelet e depois traduziu. Ela encoraja as crianças mais velhas para contar o que mais gostaram daquilo que leram. De seguida pede-lhes escrever um resumo das suas observações. Naquela tarde Jean-Jacques está de visita. Ele observa com atenção como a mãe leva as crianças a raciocinar em conjunto. Depois mantém-se disponível para aconselhar um ou outro escolar que tem dificuldades na redação do resumo e sugerir palavras.

Perto do fim da tarde um terceiro grupo entra na biblioteca, acompanhado de Karel e Tiene, o casal com o qual Jan e Madeleine trabalham, faz agora dez anos. Caminharam pela cidade e até para lá das portas evitando as escavações não muito longe da Rua dos Cais. Aí iniciaram as obras para as

novas docas o que torne esta parte da cidade perigosa para os mais novos. Mas passaram pelo farol do qual a construção terminou há pouco, em direção ao dique reforçado e à praia que vai de Oostende até Mariakerke. Aí estiveram à vontade e apanharam conchas. No regresso visitaram Jozef, a quem Johannes Lesmeister sempre compra peixe, como o seu pai em tempos fazia ao Pieter Janszoon, pai dele. Jozef sabe muito de conchas, claro, e ajudara as crianças a reconhecer as características de cada espécie.

De volta na Rua dos Cais, os mais velhos combinam desenhar as conchas e identificá-las com o nome, Depois todo o grupo irá fazer um tapete de conchas numa base de argilo. Assim mexilhões, ostras, berbigões, lingueirões, canivetes, conquilhas, lambujinhas e duas amêijoas-mancha formam uma obra bordada de burriés e burgaus, com quatro búzios, um em cada canto do tapete.

Depois de terem arrumado o material de trabalho e bebido o cacau, as crianças deixam a biblioteca e saem em pequenos grupos rumo à casa.

A *Casa-Escola dos Cais* conta hoje com sessenta e dois escolares. Quarenta e três pagam uma mensalidade. Filhos e filhas de pescadores, artesãos e outros trabalhadores pobres não têm que pagar nada. Contudo, surgem pequenos contributos, sob forma de peixe ou molusco fresco, e também acontece pais aparecerem com turfa recém cortado ou com placas de barro fresco. Jan e Madeleine mostram apreciar essas ofertas que revertem para uso pela comunidade escolar. Mas sempre realçam que as crianças são muito bem vindas,

mesmo sem qualquer oferta. O casal explica considerar um direito das crianças acumular conhecimento disponível na biblioteca e através do trabalho em conjunto.

Os quatro adultos reunem para decidir como irão terminar a semana. Depois de amanhã é domingo, dia de fecho semanal da casa-escola.

"Estou muito contente com o uso dos textos adaptados de Émilie," começa Madeleine. "As crianças entendem-nos facilmente e é interessante de ver como alguns já têm bom raciocínio. Precisaremos de barro para reproduzir a experiência com as bolas em queda livre."

"Uma das crianças perguntou ontem porque é que a água não caiu do balde quando o fizemos rodar numa corda esticada," observa Jan. "Karel, consegues tempo para falar com os mais velhos sobre as regras ou leis de Newton? Penso que o fazes melhor do que eu."

"Fica descansado," responde Karel. "E tenho uma ideia que te vai interessar. A Tiene também, de resto. Quando há pouco estávamos a falar com Jozef, pareceu-me que poderia ser proveitoso fazer falar adultos acerca das suas ocupações. Poderia enriquecer os textos que descrevem as diferentes profissões em *Orbis Sensualium Pictus*, o que achas?"

"Com base no que ouvimos poderemos organizar nós próprios um pequeno livro com textos nos quais muitos dos nossos escolares reconhecem a vida do dia a dia," diz Tiene. "Penso que este tipo de leituras pode ser mais interessante do que as apresentações às vezes um pouco datadas de *Orbis*, por mais que tentemos de atualizar os textos."

Jan e Madeleine estão abertos a esta ideia. “Tudo considerado,” diz Jan, “os didáticos do *Trap der Jeugd* pensaram da mesma forma embora para produzir conteúdos muito diferentes. Mas eles adaptam o *Friese Trap* a outras cidades dos Países Baixos do Norte.”

“E tens mais outras noticias de Sluis?” pergunta Karel.

“Nada acerca do mestre-escola anfitrião dos meus avôs quando tiverem que deixar Oostende em ’45. Johannes de Vos, então mestre-mor da cidade sabia provavelmente onde os meus avós ficaram. Ele faleceu alguns anos depois dos acontecimentos e o mestre-mor actual não conseguiu ajudar-nos. Contactou com todos os sub-mestres, mas todos eles foram contratados mais tarde. Porém, a correspondência foi muito amistosa. Concordamos em continuar a partilhar o que sabemos acerca dos desenvolvimentos que concernem a escola.”

“Não vi Jean-Jacques há pouco?” pergunta Tiene. “Pensava que ele já se tinha ido embora.”

“Encontrámos finalmente uma família em Leuven onde ele poderá ficar. Ele sai na próxima semana,” responde Madeleine. “Esperemos que tudo corra bem. Ele acompanha um dos Ingelets que vai para Bruxelas em negócios. Daí até Leuven terá que ir sozinho, mas é fácil. Ele consegue fazer a ultima parte da viagem de carroça pela carreteira Brussel-Leuven-Tienen.”

“Então afinal decidiram fazer seguir Jean-Jacques para Leuven,” constata Karel. “Não há muito tempo ouvi que até aí se fala de vez em quando do mal-estar vivido na França, devido às tendências absolutistas do Rei. A nossa Maria-Theresa bem pode

gostar de estar firme no comando, provocando a ira do clero de tempo em tempo, mas parece mais hábil no seu relacionamento com a nobreza e com os altos burgueses das nossas regiões. E fez-se claramente popular entre os Oostendeses. Penso que aqui também a Casa dos Habsburgos teria mais dificuldades se mexer demasiado nas liberdades das corporações, dos grupos de artesãos e dos guildes. Não escreveram os teus pais de Lille que as mudanças parecem inevitáveis e que sobretudo a pequena aristocracia, a nobreza de robe e os ricos fabricantes-proprietários agitam o descontentamento, aproveitando-se da escrita rebelde de indivíduos como Voltaire ou Rousseau?"

A observação de Karel está parcialmente certa. Sente-se em todo lado o descontentamento. Contudo o dos pobres não é tanto devido à concentração de poder dos reis soberanos, mas às dificuldades do dia-à-dia. Obviamente os grandes espectáculos desviam o povo das preocupações diárias, mas só durante um curto espaço de tempo. As visitas dos reis acompanhadas das festas oferecidas não deixam de ser uma distração bem vinda na difícil existência dos pobres. O que poucos entendem, embora os mais revoltados não deixam de chamar a atenção, é que estas festas são pagas com taxas e impostos contribuindo de forma direta ou indireta para manter o seu magro salário baixo.
A especulação económica sobre os fenómenos naturais é outro aspecto nefasto. Desde 1770 há, tanto nos Países Baixos do Sul como os do Norte, falta de leite e soro de leite devido a recorrentes focos de peste bovina. O trigo aumentou em preço.

Há já bastante tempo as pessoas no Sul substituíram o leite e soro de leite cozido com farinha de trigo ou trigo-mourisco pelo consumo de batatas, mas até na Frísia ela torna-se hoje um alimento base. Os Frisos passaram a consumir eles próprios as batatas que produzem. A consequente proibição de exportação provocou escassez na *Belgium Austriacum* nos últimos anos.

Para ainda mais agravar a situação, a burguesia que sempre desprezou o tubérculo fez subir ainda mais o seu preço, agora que o acolhe cada vez mais na cozinha. Receitas não faltam. A família Lemaître e os seus amigos recorrem muitas vezes ao livro de Knoops, de 1769, no qual o autor descreve todas as plantas comestíveis e o modo de as preparar. Um grande capítulo é dedicado à batata e as preparações sugeridas não deixam dúvidas que a maioria das receitas se destinam a quem tem dinheiro. Para os pobres ficam as sugestões mais elementares: pasteis de batata, como única refeição do dia, ou batatas na agua da cozedura, com um pouco de macis ou orégão, ou ainda, quando possível, um pouco de sal ou pimenta. As receitas mais caras envolvem carne de vaca, borrego ou carneiro. Neste caso, juntam-se batatas e eventualmente outros legumes à carne estufada em caldo, quando a carne estiver quase cozida.

Mesmo quem tiver menos posses permite-se de vez em quando comer umas fatias de batata meia cozida, passadas por farinha e alouradas em manteiga com toucinho ou cebolas. Mas batatas com hadoque em molho de manteiga com salsa ou mostarda não são claramente para todos. Os pescadores

conseguem mesmo assim juntar às vezes um pouco de *stokvis*[1]. Em casa dos Lemaître as receitas mais usadas são as de batatas passadas por manteiga e de panquecas de batatas cozidas fatiadas, polvilhadas de pimenta, gengibre, orégão ou alho. Muito apreciado é também o soufflé de batatas cozidas e desfeitas às quais se acrescenta a mesma quantia de ovos, condimentado com sal e ervas, preparado no carvão. Os escolares adoram as bolas de batata servidos de vez em quando: batatas cozidas arrefecidas e desfeitas são misturadas com farinha de trigo ou de cevada ao qual se juntam ovos, sal e ervas. Uma concha serve de molde para fazer as bolas que vão para uma frigideira quente ou uma tampa de cobre com carvão.

Jan e Madeleine gostam de viver em Oostende. Na *Belgium Austriacum* a família não se sente perturbada por frequentes distúrbios como é o caso no Reino da França. E não são os únicos a pensar assim, é o que deduzem das observações do seu amigo Karel. A casa-escola agrada aos pais que lhes confiam os filhos. Todos os anos têm que fazer escolhas para decidir quem aceitar. Na composição dos grupos, o equilíbrio entre raparigas e rapazes é importante mas também entre mais ricos e mais pobres. Contudo não vivem em Oostende os muito ricos. A escola só é viável porque a família tem proveitos de investimentos feitos em tempos por John Lesmeister, mais tarde adaptados por Johannes, Maria e Dieudonné, navegando

[1] Peixe seco ao vento, parecido com bacalhau mas não salgado. Antes de o cozinhar tem que ser martelado e demolhado.

entre as sucessivas guerras que fazem nascer e morrer sociedades económicas.

Obviamente, os dois casais de pedagogos ficam contentes de saber não serem os únicos a questionar o ensino da leitura baseado no ensino das letras e do soletrar de palavras. Mesmo se regra geral não são considerados textos com sentido acompanhado imagens, entre os mestres cresce a consciência que decorar letras sem mais é uma atividade demasiada abstracta para crianças. A *hoornbook* e o *Haneboek*[1] começam a ter concorrência de outros livros de Abecedário.

Os correspondentes dos Países Baixos do Norte falam-lhes dum relatório de mestres-escola publicado há pouco tempo em preparação do novo regulamento de escolas de Zierikzee. Este revela que aprender a ler soletrando dificilmente prepara para o método de ensino da escrita que segue. As crianças podem até ter uma caligrafia bonita mas '*com uma ortografia tão estragada que a sua escrita não deixa de ser ridícula, mesmo as pessoas mais inteligentes não a conseguem, de que temos diariamente exemplos frente aos nossos olhos prejudicando o estado da burguesia e envergonhando os tais escritores*'.

Surgem propostas para ensinar as letras recorrendo a figuras e textos que fazem lembrar o som e a forma da letra, como para o O: *"De hoepels van K**oo**s en T**oo**n vallen in de sl**oo**t. **OO**, wat een schrik!"*[2].

A preocupação de ambos os casais não fica pela leitura soletrada. Jan escreve ao seu pai: "*Bem, há quem pensa em*

---

[1] Ver *volume 02 Uma ideia perigosa*, Wolfgang

[2] Literalmente: "Os aros de K**oo**s e T**oo**n caem no fosso. **OO**, que susto!"

*modos mais eficazes para ensinar as crianças a ler. Mas continuam a não falar de ensino geral, com a mesma atenção para crianças ricas e pobres, ou para raparigas e rapazes. Tanto entre os nossos vizinhos do norte, como entre nós, as escolas municipais tratam de modo muito diferente os rapazes e as raparigas. A elas só lhes é dado ganhar habilidade na leitura, na Pequena Escola. De resto aprendem a tricotar e coser em vez de escrever e calcular. Escolas que fazem diferente podem até serem multadas. Da nossa correspondência com o mestre-mor de Sluis, ficamos a saber que nos anos cinquenta, as mestras de escola recusando-se a seguir essas regras eram multados em até 50 florins, isto significa até um quinto do salário anual! Colegas femininas contaram Mathilde como ainda hoje ainda, em diferentes municípios, mestres mais velhos são encarregues do controlo das regras impostas. E mesmo se muitos municípios anunciam que as suas pequenas escolas estão abertas para raparigas e rapazes, elas e eles não aprendem a mesma coisa. A nossa opção de oferecer o mesmo conteúdo para rapazes e raparigas pobres normalmente reservado aos ricos, é, pelo que saibamos, relativamente rara. No Norte seria pretexto para nos multar.*

*É mais do que óbvio, querido pai, que existe uma diferença enorme entre a ambição dos humanistas, a da política anunciada de governantes que se dizem abertos às Luzes, e a realidade. Os municípios dispõem pouco dinheiro para criar escolas. As escolas para pobres, como a de Oostende, não são outras senão escolas para órfãos. Mostram semelhanças com prisões infantis e destinam-se a apetrechar as fábricas e os ateliers de produção,*

*que atiram cada vez mais mão de obra de jovens trabalhadores. As pessoas são mantidas na ignorância, simplesmente para as negar o privilégio de dispor de saber e ciência que faz vacilar as relações de poder. É lhes impedido raciocinar acerca da diferença entre ciência da natureza e dogma. São muito poucas as pessoas que sabem da existência do trabalho de Newton. Poucas pessoas entendem o que os cientistas publicaram nos últimos cem anos. A população não letrada tem só uma vaga ideia daquilo que é aprender. Entre a população letrada, há quem entende bem a importância da Academia Real da qual usufrui, mas prefere não ter muita concorrência. Poucos defendem o ensino para todos, muitos ficam no seu mundo de privilégios."*

Jan e Madeleine não estavam minimamente surpreendidos quando Jean-Jacques manifestou a sua vontade de deixar a casa e fazer de Leuven o seu novo poiso. Por isso escreveram os seus amigos Duchamp, da mesma idade deles, que conhecem de Lille, porque os seus pais estavam frequentemente nos *dîners* dos pais de Jan. O casal mudara-se para Leuven no mesmo ano em que Jan e Madeleine vieram para Oostende. Duchamp encontrara trabalho na biblioteca universitária. As aulas são em primeiro lugar administradas aos internos de uma das quatro Pedagogias da Universidade, mas os seus amigos desaconselhem veemente Jean-Jacques de ficar como interno em qualquer uma delas. Para as aulas, pensam que a *Pedagogia De Valk* lhe agradará mais. Este compõem-se parcialmente por jovens docentes, entre os quais Jan Pieter Minckeliers que aí estudou, depois de terminar a Escola Latina com quinze anos. O ensino

nesta Pedagogia certamente acompanha de perto o que se produz de novo conhecimento em relação às ciências da natureza, mas Jean-Jacques encontrará também tudo que desejar se o seu interesse for para a filosofia humana. Duchamp abordou o director da Pedagogia e aprontou com ele que Jean-Jacques poderá residir na casa dos amigos. Eles moram na mesmo rua onde se situa a *Pedagogia De Valk*.

Pouco depois de se instalar em Leuven, Jean-Jacques escreve uma carta entusiasta aos pais. Ele diz estar encantado depois dos primeiros contactos com os docentes que experimentam muito e falam exaustivamente das suas experiências, mesmo com os estudantes mais novos.

Jean-Jacques fica a conhecer Elise Duchamp. Os pais dela contam os jovens que na realidade se trata de um encontro renovado, porque eles brincaram algumas vezes em criança na casa dos avós de Jean-Jacques. Os dois só diferem de um ano e dão se muito bem. Jean-Jacques partilha tudo que ouve na universidade com Elise. Se ele não estiver na biblioteca universitária, encontra-se na biblioteca pessoal de Duchamp, com Elise, onde recorrem às notas de aula de Jean-Jacques para auto-estudo complementar. Ele aprendera muito bem com a avó e a mãe que o privilégio do saber não pode ser exclusivo dos homens. Contudo, quase todas as escolas superiores tudo fazem para barrar as mulheres dos seus edifícios e das suas salas de aula.

É o primeiro ano desde que moram em Oostende que Jan e Madeleine passam os dias de Natal sem Jean-Jacques. O mês de dezembro trouxera muita neve e janeiro de 1776 apresenta-

se muito frio. Até ao fim do mês, o porto de Oostende esteve inteiramente congelado. Os barcos têm a maior dificuldade para entrar e sair. No dia 31, muita gente se juntara no dique frente à costa para ver a luta de dois barcos de pesca para vencer o gelo. Binóculos e tubos de visualização passaram de mão en mão para melhor observar o louco trabalho dos pescadores.
Jean-Jacques escreve que em Bruxelas foram constatados 16 e 17 graus negativos na escala Réaumur[1] e que hoje, dia 1 de fevereiro ainda gela com 16 graus. Um conhecido do pai Duchamp chegara de Namur com a notícia que dias seguidas fora possível atravessar o rio Mosa a pé, tão fortemente gelado estivera.

Em meados de fevereiro, Jozef Pieterszoon visita a *Casa-Escola dos Cais*. Jan tinha-lhe pedido para falar com um dos grupos de crianças acerca do farol. Jozef entra um pouco envergonhado na biblioteca. Na mesa central estão dois modelos de barro. Num dos modelos, foram colocados pedrinhas de carvão, no outro um pedaço de vidro representa um espelho.
Jozef senta-se no lugar que lhe foi preparada e conta: "Para melhorar a segurança dos barcos e do porto, os pilotos devem saber exatamente para onde conduzi-los. Quando está bom tempo apercebem se bem para onde se devem dirigir. Mas como sabem, o Mar do Norte é muitas vezes muito sombrio devido às nuvens baixas, tempestades ou nevoeiro. Também pode acontecer que os barcos não conseguem voltar a tempo ou

[1] 20 a 22 graus negativos na escala de Celsius.

precisam de entrar no porto quando já está escuro. E no inverno a noite cai cedo, não é verdade? Pois bem, faz agora cinco anos, a Imperatriz Maria-Theresa que sempre foi boa para a nossa cidade, deu autorização para construir uma torre, com uns recipientes no topo, nos quais é possível manter um fogo de carvão. E, no dia 15 de outubro de 1772 pudemos começar a utilizar o nosso farol, depois da inauguração com a presença do Mestre Arnold Hoys. Certamente viram a pequena casa para o guardião do farol, mesmo ao pé da torre. O guardião tem a tarefa de manter o fogo aceso. Mas um fogo de carvão pode ser perigoso; crepita e lança brasas incandescentes, sobretudo em dias de vento. O telhado da casa já ardeu uma vez e não é sempre seguro estar por perto, sobretudo em dias de chuva ou de nevoeiro quando se quer um fogo com mais brilho e chamas mais altas. Tentem só de manter um fogo brilhante quando chove a cântaros! Por isso, decidiu-se mudar a torre. A partir de setembro, em vez do carvão, serão lamparinas de óleo a providenciar a luz.Vão ser instalados espelhos para a refletir e assim será vista até longe no mar. Digo até setembro, porque até ao fim do ano também estarão prontas as novas docas."

Os escolares e os mestres apreciam muito estas curtas aulas informativas, dadas por convidados. Madeleine e Tiene frequentemente deixam um desenho que recorda a visita que Karel e Jan comentam com um curto texto, seguido de um conjunto de palavras selecionadas do texto para acentuar a ortografia de *sonantes* e *consonantes*. Texto e desenho são colados numa pequena prancha de madeira e desta forma a casa-escola se constrói gradualmente um conjunto de curtas

histórias que cativam as crianças e com as quais rapidamente melhoram a sua destreza na leitura. No ano corrente irão aparecer até aos meses de verão novas pranchas com informações ou histórias acerca de barcos, peixes, a atividade do pescador, fazer pão, as igrejas de Oostende e tipos de cavalos.

Os dias passam e a medida que a primavera avança, a atividade piscatória aumenta. Nos campos dos *polderes* há mais trabalho, o que se nota nas atividades da casa-escola. As crianças das famílias menos abastadas e pobres faltam muitas vezes. Os seus pais põem-nas a trabalhar, para conseguir aumentar ligeiramente o rendimento familiar. Durante esta estação, há sempre pelo menos um dos quatro mestres-escola da casa disponível ao domingo, para pais e crianças que querem aproveitar a escola dominical.

Fins de maio, Jan está de serviço enquanto os outros três revêem textos para eventual uso futuro. Numa curta pausa, Madeleine observa: "Parecemos uma *Ordem dos Aperfeiçoáveis* em miniatura."

"O que estas a inventar agora?" estranha Karel.

Madeleine ri-se: "Tomei há pouco tempo conhecimento desta Ordem pelos nossos vizinhos do Norte, mas ela surgiu numa região no Sudoeste: na Baviera formou-se uma companhia para a proteção da literatura e o ensinamento das Luzes. E conhecida com o nome de *Ordem dos Aperfeiçoáveis* ou *Illuminati*."

"O ensinamento das Luzes," observa Tiene. "Pode significar

muita coisa. Sabes mais?"
"Não muito. Contaram-me serem estudantes e jovens docentes que consideram o Conhecimento e a Ciência um benefício para todos, assim que se retira da educação o dogma e o esoterismo. Levantam-se contra o ensino influenciado pelos jesuítas e as escolas fortemente marcadas por outras influências religiosas, mas também contra a superstição e o obscurantismo que reina na vida pública logo quando a ignorância toma conta de uma sociedade. Dessa maneira querem combater abusos de poder, incluindo do estado."
"Em muitos meios, não vão ganhar em popularidade," diz Karel. "Vemos todos os dias como a ignorância serve os propósitos de quem quer salvaguardar o seu poder."
"Esses *Illuminati*, como se referem a si próprios, tem só um grande ponto fraco: trata-se de uma confraria secreta, um pouco como os maçons. Combatem o esoterismo, mas há quem os aponta essa mesma atitude esotérica e ninguém sabe ao certo quem são os seus membros. O secretismo serve de proteção para os membros da associação contra agressões e perseguições como razão óbvia, mas não deixa de ser a causa principal das muitas falsas histórias que circulam ao respeito do grupo. Além do mais, em qualquer grupo secreto, membros menos empáticos podem rapidamente considerar-se superiores ao mundo externo, porque eles, sim, dominam a Ciência, diga-se a Verdade, enquanto o resto da população não. Quando chega ao conhecimento de um governador, um líder da igreja e um edil de uma cidade que os *Illuminati* inscrevem nos estatutos quererem pôr termo às maquinações dos fornecedores da

injustiça e desejarem governar sem dominar, rapidamente surgiu a reação," continua Madeleine.
"É bonito saber existir mais um grupo que lembra a *República das Letras* claro, mas sim, existe sempre o risco que um ou outro elemento do grupo queira tomar a liderança e desenvolva um despotismo próprio," pensa Tiene.
"Talvez o risco para despotismo não é tão grande, depende de como os membros do grupo se tratam uns aos outros. Mas o risco de uma nova corporação como se vê nos artesãos e nas guildas existe sempre. E não me parece muito saudável desenvolver-se uma forma de corporativismo entre pensadores e filósofos. Como é que uma companhia deste género age para que todas as pessoas possam ser *Illuminati*? Continua a mesma dificuldade de sempre, desde o início da época cultural," termina Karel. De seguida pergunta ao Jan que entra na sala: "Madeleine falou-nos dos *Illuminati*, qual é a tua opinião?"
"Não sei de que falaram, mas ouvi a tua última observação. E cultivo este sonho que as crianças com as quais trabalhamos, exatamente pela forma como trabalhamos, possam todos dispor da Ciência e do Conhecimento comum. Saber não pode ser um privilégio, mas deve-se tornar um direito universal, não?" reponde Jan.

"Ouviram a novidade no porto?" Com esta pergunta, Karel e Tiene entrem na casa de Jan e Madeleine.
"Há dificuldades nas escavações?" pergunta Jan.
"Isso não é novidade, é assunto do dia-a-dia," ri-se Tiene.
"Não," continua Karel, "a novidade chegou de barco. Os

colonos britânicos na América declararam os territórios por eles ocupados independentes da Coroa Britânica."
"Entendo bem?" pergunta Madeleine. "Os descendentes dos Britânicos que, em nome da Coroa Britânica, expulsaram ou mataram a população residente nessas terras, dizem agora não mais reconhecer o monarca britânico como Senhor?"
"Os oficiais com quem estivemos a conversar há pouco, falaram-nos acerca do cargo que irão transportar para os rebeldes dos estados americanos. Inclui muito material bélico. Em breve vamos ouvir falar de mais uma guerra parece-me, agora entre auto-intitulados proprietários do antigo mundo e auto-intitulados proprietários do novo mundo," completa Tiene.
"Querem aqueles Britânicos de ultramar formar o seu próprio reinado?" pergunta Jan.
"Neste momento só dá para fazer suposições. Tentemos de saber mais nas próximas semanas e nos próximos meses," responde Karel.

As atividades letivas foram interrompidas pelo verão e os amigos tem um pouco de tempo livre. Hoje o sol convida para uma caminhada direção dique, dunas e praia. Equipados de chapéus e sombrinhas, os dois casais põem-se em caminho. Quando chegam à praia, a oeste do farol, constatam com os próprios olhos o que já tinham ouvido. Como o ano passado, também este ano, os banhos no mar são autorizados. Tomar banho em si é cada vez mais considerado uma atividade normal, agora que a ciência demonstrou a pele não ser

afectada pela água e banhos regulares diminuir o risco de contrair doenças. Contudo, continua a haver muitas opiniões contraditórias acerca dos banhos de mar. Segundo alguns médicos e boticários o banho na água salgada só traz benefício para a saúde e há quem chega a aconselhar beber água do mar. Outros pelo contrário consideram que tomar banho em outra água sem ser de fonte mineral, só traz desvantagem. Os pescadores, que devido a sua profissão não raras vezes tomam banhos de água do mar involuntários, consideram peregrina a ideia de se atirar voluntariamente nas ondas. Bem, nas ondas… As últimas semanas dificilmente se consegue falar de ondas na praia.
À distância os quatro amigos observam uns jovens a rebolar na água. Jan diz: "Se os banhos ganharem mais adeptos, haverá antes observações acerca da imoralidade e não acerca da insalubridade dos banhos do mar." Os outros riem-se e concordam que do púlpito os corpos desnudados serão apontados como sendo um escândalo.

Nos dias seguintes o grupo estuda os apontamentos de Madeleine. Ela aproveitou a pausa escolar para sistematizar as suas pesquisas na bibliotecas dos avós de Jan e as informações vindas dos seus correspondentes. Ela quer mapear parte da atividade cultural humana, entre 1750 e hoje. Ela visa sobretudo esboçar uma imagem daquilo que ela chama a aceleração dos acontecimentos na recolha de Conhecimento. Os quatro concordam retirar do compêndio que Madeleine está a elaborar informação para novos textos de leitura para os

escolares mais velhos. Agrupam alguns desenvolvimentos notáveis no âmbito da astronomia, da matemática, da ciência das plantas e dos animais e da medicina. Também dão atenção a alguns efeitos da pesquisa e das descobertas.

Karel pensa ser muito importante falar do céu e da observação do céu. Propõe evocar Kant. Este anunciou em 1754 conseguir provar matematicamente que a velocidade com a qual a terra gira em torno do sol diminui ligeiramente com o tempo. Jan concorda ser útil combinar astronomia com matemática. Nesse contexto certamente pode-se dar atenção às observações de Halley, prevendo com os seus cálculos o regresso do cometa que observou em 1705 no ano de 1758, o que se mostrou certo. De resto é preciso falar das observações e dos cálculos dos movimentos aparentes das estrelas em relação à terra, ao longo da sua volta anual em torno do sol. Tiene pensa valer a pena mostrar aos mais velhos as observações desenhadas por Charles Messier do espiral de estrelas em *Canis Venatici*. Ela pensa ser útil falar um pouco acerca das rivalidades entre astrónomos. Dá como exemplo Elert Bode: pelo seu próprio dizer, terá registado outro espiral de estrelas, em *Urso Maior*, ao qual deu o nome de *Constelação Bode.* Charles Messier só o terá redescoberta[1].

Jan sugere referir o ano de 1759 na evocação do avanço da matemática, devido à publicação póstuma da tradução dos *Principia* de Newton, feita por Émilie de Châtelet. De resto sugere falar de Euler a propósito das suas publicações em 1755 acerca do cálculo diferencial. Segundo Karel não pode faltar o

[1] A constelação ficou registada como Messier 81

nome de Lambert tendo provado em 1761 não ser possível determinar pi (π) com precisão, apesar deste número definir exatamente a relação entre raio e perímetro de qualquer circunferência que se desenha. Acha útil falar do número quando explora as bases da geometria com as crianças e as deixa desenhar círculos recorrendo a uma corda e um pedaço de giz ou carvão.

Tiene e Madeleine querem dar mais atenção ao mundo das plantas e dos animais e apresentar a classificação de Linnaeus iniciado para plantas em 1753 e a taxinomia do mundo dos animais começado em 1758. A obra facilita a inclusão de novas espécies entretanto descobertas, como foi o caso em 1773 com o urso polar e a gaivota-marfim na sequência da expedição de Phipps.

As amigas encontraram na biblioteca a obra com ilustrações botânicas de Elisabeth Blackwell que faleceu em 1758 bem como os livros de Maria Sibylla Merian. Os documentos parecem ter sobrevivido às viagens da família de Amsterdam para Oostende, passando por Frankfurt e Köln!

Na casa-escola fala-se frequentemente da atividade naval com as crianças, claro. Os mestres-escola incluem histórias acerca das doenças a bordo e como os marinheiros aprenderam já há bastante tempo combater algumas com o consumo de batatas. Madeleine percorreu entretanto um exemplar de *Examen chymique des pommes de terres*, publicado em 1774 pelo boticário Antoine Parmentier. Esta obra popularizou ainda mais a batata.

Mas as amigas alegram-se sobretudo com a cada vez melhor

aceite obra *Theoria Generationis* de Casper Wolff dando suporte à teoria da epigenese desde 1759. Acham de grande interesse a hipótese segundo a qual o embrião não seja um adulto em miniatura mas um ser em desenvolvimento. A teoria explica também melhor a especificidade e individualidade da pessoa e a sua relação com o mundo das plantas e dos animais. É uma hipótese interessante com a qual se pode contradizer a sugestão que Deus criou o Homem a sua imagem.

Os cuidados com as mulheres grávidas melhoraram. Mesmo se um parto ainda traz grandes riscos para mãe e criança, existem atualmente mais parteiras com formação específica, mais nas cidades do que no campo, onde quem apoia as parturientes continua a ser principalmente uma ou outra vizinha tendo eventualmente acumulado algum saber-fazer em assistências anteriores. Contudo não só em Bologna existe muita pesquisa acerca do ato de dar à luz. Nos anos 1758 e 1759 Angélique du Coudray inicia uma formação de dois meses para futuras parteiras. O seu manual *Abrégé de l'art des accouchements* foi entretanto traduzido em flamengo  e publicado em 1775 entre nós sob o título *Onderwys voor de leerlingen in de vroedkunde ofte konst der kinderbedden*[1].

Nos últimos vinte cinco anos houve outros desenvolvimentos importantes na medicina. Depois de já se saber que a variolação em muitos casos protege contra o desfecho fatal da varíola, Francis Home procura em 1758 uma proteção semelhante contra o sarampo, doença fatal para muitas

[1] Educação para os alunos em obstetrícia ou a arte de camas infantis

crianças. Em 1774 Edward Jenner descobre até uma forma mais segura para proteger contra a varíola. Ele fica a pensar no que se conta no campo:  diz-se que quem teve varíola bovina já não apanha varíola humana. A variante bovina da varíola consiste numa infeção do úbere sem grande gravidade. Jenner toma conhecimento do trabalho de Geert Reinders, nos Países Baixos relacionado à peste bovina. Entende que leiteiras ocasionalmente infectadas com a varíola bovina ficam protegidas contra a humana. Quando uma doente o consulta, ele tem a oportunidade para testar a hipótese sua hipótese. Infecta James Phipps, filho do seu jardineiro com a varíola bovina da leiteira. Depois de ter ligeiramente adoecido durante uma semana James está saudável. O importante é o James já não reagir à variolação a seguir. Jenner conclui que a infecção com varíola bovina em vez da variolação é menos perigosa e da mesma eficácia. Ele descreve a nova intervenção com o termo *'inoculação com vaccinia'*.

Os dois casais concordam incluir no conjunto de textos algumas curtas histórias nas quais falam da importância de lavar o corpo e de catar parasitas como pulgas e piolhos. Acompanham estas aulas com informação acerca daquilo que os médicos hoje conseguem fazer. Este tipo de textos talvez ajudam para prevenir algumas doenças graves entre os seus educandos.

Os quatro mestres-escola querem explorar mais as novas visões relativas ao globo terrestre. Pensam ser interessante de proporcionar um pequeno texto com a história do planeta segundo Giovanni Arduino. Este engenheiro das minas sugeriu em 1759 quatro eras geológicas: a primitiva, a secundária, a

terceira-vulcânica e o quaternário. Mas continuam prudente e explicam que de momento se trata de uma hipótese no âmbito da ciência da natureza.
Colecionam mapa-múndi recentes. Um deles dá para observar as alterações introduzidas pelo Capitão Cook quando constatou em 1769 que a Nova Holanda e a Nova Guinea não estão ligadas por terra. Dispõem de mapas de projeção cónica conforme e de projeção azimutal publicadas em 1772 por Johann Lambert além das já clássicas projeções cilíndricas de Mercator.
Ambos os casais querem estimular o raciocínio das crianças. Mapear o globo e aumentar o conhecimento acerca dele envolve também perigos para a natureza. Elaboram dois textos. Um fala da exploração do Mar de Bering de onde Georg Wilhelm Steller volta com a descrição de um grande mamífero marinho em 1741. O texto explica como a descrição originou uma caça intensiva ao animal por causa da carne, da pele e do óleo, pelo qual se pagava muito dinheiro. A partir de 1768 já não foi possível caçá-lo. Nem trinta anos foram necessários para a sede de lucro de aventureiros e comerciantes levar a matar o último exemplar do animal.
O segundo texto baseia-se nos relatos das desavenças constantes entre os colonos americanos e o Rei Jorge III depois da assinatura do tratado de Paris e a associada Ata de Proclamação em 1763. Madeleine escreve uma história falando das aventuras do caçador de floresta Daniel Boone. Este inicia em 1767 a exploração de ricos terrenos de caça em Kentucky levando a população local autóctone a ser expulsa

para reservas ou morta. Madeleine esboça uma imagem matizada da revolta dos colonos contra a terra mãe. Não se trata-se só de uma rebelião contra os impostos e a Monarquia. Ela inclui na história o desejo dos colonos de negar os tratados celebrados entre a população autóctone e os representantes da Monarquia, para assim satisfazer a sua sede de posse. Quando Jan e Madeleine partilham ideias com o resto da família e com correspondentes acerca deste assunto, é-lhes dito que apresentam um ponto de vista muito longe daquele limitando-se a descrever uma revolta republicana contra a velha nobreza. Contudo Jan pensa set necessário mostrar que, sob o desejo legitimo de uma vida melhor, muitos colonos ignoram por completo quem não é originário da Europa. Eles continuam a achar evidente a população original ser deslocada ou morta e normal importar escravos para lavras as terras de que tomaram posse.
Por fim, os quatro amigos discutem o trabalho de James Watt, as melhorias introduzidas na máquina a vapor em 1765 e os fornos solares desenvolvidos por De Saussure em 1767.

O primeiro das novas docas comerciais de Oostende está operacional em finais de 1776. A comporta marina é solenemente inaugurada no dia 24 de novembro. As terras baixas e os pântanos salgados fora da cidade possibilitam ainda outros negócios. Johannes fala com Jan acerca da cada vez maior procura de ostras. Ele foi contactado pelos irmãos De Loose com a pergunta se não estava interessado em investir na ampliação da ostricultura num terreno de dois hectares nos

*polderes de Santa Catarina*. Mesmo não tendo sido prolongado o monopólio que obtiveram em 1770 para o fornecimento para todo o interior, a cultura e venda das ostras corre muito bem. Jan concorda com Johannes investir nessa ostricultura parte do capital de família que gere para Dieudonné e aumentar assim os interesses da família na pesca local e atividades afins. Quando Tiene fica ao par, ela oferece Jan em tom de brincadeira uma receita de *batatas em concha de ostra*. Para a confecção deve-se '*cozer batatas com suficientemente sal até se desfazerem. Misturar com manteiga e pimenta e encher as conchas com a massa obtida, colocando-as num recipiente de cobre, com muito carvão na tampa para conseguir uma fina crosta castanha, não havendo mais lume em baixo do que o necessário para manter quente*'.

Na Rua dos Cais seguem-se atentamente as reformas educacionais promovidas pela Imperatriz Maria-Theresa de Áustria. Iniciaram há pouco mais de dez anos e têm de momento sobretudo repercussões nos *gymnasia*. O governo central quer uniformizar esse nível de ensino e para tal são emitidas uma serie de indicações para a organização da *poesis* e da *rethorica*. O currículo deve ser planificado para anos escolares inteiros e as escolas devem dispor dum corpo docente específico contratado para o efeito. A docência da dialéctica é proibida e punível com uma coima de 1000 florins. A supressão da Ordem dos Jesuítas origina o encerramento de 17 *gymnasia*. Hoje existem ao todo aproximadamente quarenta deste tipo de estabelecimentos nos Países Baixos do Sul. As reformas

Imperiais não influenciam directamente o trabalho da Casa-escola dos Cais. De resto, os Lemaître e seus amigos têm a perfeita consciência irem muito além do que se pretende para o ensino das crianças de seis a doze anos anos com a sua organização das aulas e dos textos. Ninguém os aborda especificamente, também ninguém os impede de prosseguir.
O governo não se preocupa com um preceptor ou uma escola local em particular, mas com as instituições eclesiásticas que muitas vezes superem em riqueza Feudos, Condados e Ducados, todos percebem isso. A introdução de uma gestão escolar centralizada e o maior controle nos *gymnasia* são acompanhados da proibição de exigir um dote de noviços e noviças. As paroquias são igualmente mais controlados. A partir de agora os cobradores de dízimos passam a ser eles próprios responsáveis pela construção das igrejas paroquiais.

Durante o ano de 1777 aumenta em Oostende e arredores Jan Lemaître torna-se mais conhecido como ativo acusador do tráfico de escravos ainda existente nos territórios de ultramar. Ele é o primeiro a denunciar a miserável vida dos pobres na Flandres, mas ele apanha calafrios quando lê os relatórios de John Stedman. Por essa razão denuncia veemente os lados obscuros do negócio dos esclavagistas. A própria história de Stedman é elucidativa. Este embarcou como soldado rumo Suriname para reprimir uma revolta de escravos quando repentinamente a sua vida se virou de avessa depois de se apaixonar por uma escrava que de seguida tenta resgatar. O seu livro *Five years Expedition against the revolted Negroes*

ocupa um lugar de destaque nas prateleiras da biblioteca da Rua dos Cais e Jan não deixa passar uma única ocasião para mostrar as degradantes imagens que contém. Informa com regularidade colegas nos Países Baixos do Norte e do Sul o que lhe é contado por marinheiros acerca do negócio de escravos. Fruto dos seus contactos com Sluis, Jan e Madeleine recebem na sua casa um casal amigo de mestres-escola de Sluis, por sua vez amigos de quem foi primeiro piloto do navio *De Eenigheid*, comissionado pela *Middelburgse Commercie Compagnie*[1].

Os convidados do casal Lemaître descrevem, tal como lhes foi contado, os dias a bordo do navio antes da travessia de África para Berbice, Essequebo e Demerary, uma viagem de três meses e meio, paragens incluídas. E mesmo antes da viagem, algumas mulheres e homens comprados no início da chegada à costa Africana já estavam em cativeiro no navio há cinco meses. Naquela viagem especificamente foram compradas 329 pessoas escravizadas. A própria compra decorria muitas vezes no mar, sem que o navio devesse atracar em terra firme. Era comum proceder a um tiro de canhão dando o sinal o capitão estar interessado para negociar. Apareciam negociantes locais para apresentar a sua mercadoria, entre ela prisioneiros escravizados. Percorria-se assim a costa, dando de vez em quando um tiro. Logo na altura da compra, os seres humanos eram registados como mercadoria, sem nome nem número de serie. O piloto não pude assim perceber ao certo se os primeiros escravos a bordo sobreviveram ou não. Nessa viagem específica só existe o registo de sete escravos mortos

[1] Companhia de Comércio de Middelburg.

ainda antes da travessia, portanto iniciada com 322 escravos à bordo. O capitão estava mais preocupado com o preço médio de compra do que com a perda de mercadoria devido à morte. Considerava ter havido erros, não só no registo do valor dos objetos utilizados no negocio de trocas, mas também na escolha de determinados produtos de troca. Pano de algodão por exemplo, é um produto que só dá prejuízo na Costa Dourada. Tudo somado, a mercadoria custou 60 florins por exemplar na costa superior, subindo para quase 100 florins por indivíduo na região do Cabo Lahoe, atingindo até 170 florins entre este cabo e Elmina.

Os sete mortes antes da saída para as ilhas da India Occidental deviam-se em primeiro a brigas entre os prisioneiros. Quando o navio estava quase cheio, o porão tornara-se pequeno para tantos indivíduos, enquanto a comida escasseava. O sumo de lima comprado para travar o escorbuto não tivera sempre êxito. Entre os presos mortos havia de certeza uma mulher adolescente. De três homens não se soube exatamente se morreram: desapareceram depois de saltar ao mar. Pressupôs-se que não chegaram à costa devido às correntes e aos tubarões.

Quando Jan e Madeleine aprendem como os escravos são levados de África para Berbice, Essequebo e Demerary, constatam horrorizados poder-se tratar de um relato de transporte de gado. Os seus convidados dizem ter tido a mesma sensação. A história do primeiro piloto seu amigo deu-lhes a perceber que a sua preocupação com '*a carga*' era somente a do negociante querendo manter a sua mercadoria

nas melhores condições para salvaguardar um bom prémio acima do seu salário. Havia milhete a bordo para alimentar os presos com papa, nos navios de escravos dava-se bastante importância à alimentação para manter os presos saudáveis. Havia suficientemente tangas à bordo para os vestir. As reservas de água doce eram grandes, tanto para a tripulação como para os presos e esta água era ainda fervida antes de a dar a beber, mesmo aos presos. Preparava-se as papas de milhete com água salgada. Alternava-se essas papas e as papas de sêmola com favas, aquela feijão gigante para gado.
Os presos recebiam de que fumar durante o dia e nas viagens longas havia uma grande quantidade de sumo de lima disponível contra escorbuto. Sumo de lima e também vinho serviam de medicamento.
O porão era borrifado com sumo de lima e era limpo uma vez por semana. O fedor era fumigado com a queima de de bagos de zimbro e incenso. Tudo junto fazia com que naquela viagem poucas pessoas escravizadas morressem. Ao todo faleceram 13 homens, 4 mulheres e 3 crianças. Juntando os sete mortes frente a costa Africana e mais seis durante a deslocação entre Berbice e Demerary, ao todo morreram 33 indivíduos durante o transporte. Segundo o amigo dos convidados de Jan e Madeleine não era raro pessoas morrer por deixar de comer ou por entrar em melancolia profunda. Em termos físicas, a diarreia era a causa de morte mais frequente.
Nos dois primeiros leilões de Berbice, a venda ‘só’ rendeu em média 250 florins por escravo, três a três vezes e meia o salário anual de quem trabalha num atelier ou numa unidade de

produção e aproximadamente um quarto do salário anual do prefeito de Bruges. No total a venda dos 296 escravos ainda em vida perfez aproximadamente 100.000 florins, o que corresponde a uma média de 340 florins por indivíduo. Como de costume, venderam-se as jovens crianças juntas com a mãe.

Segundo o piloto, aquela viagem do *Eenigheid* há uns dez anos foi bastante proveitosa tanto para a Companhia como para os oficiais. Proporcionou ao *Middelburgse Commercie Compagnie* um lucro de mais de 2.200 libras flamengas ou seja, mais de 13.300 florins. O capitão recebeu para toda a viagem perto de 600 libras flamengas, o amigo dos convidados de Jan que contou a história, quase 220. Para este salário estiveram em viagem pouco mais de 600 dias ou 18 meses fora de casa. Feitas as contas, o capitão recebeu para 20 meses de trabalho 3600 florins, o dobro do rendimento do prefeito de Bruges. O rendimento anual do primeiro piloto ficou ligeiramente abaixo do que ganha o prefeito de Bruges e equivaleu o do primeiro vereador. Os ganhos dos oficiais são parcialmente calculados em função do número de escravos vendidos. Recebem um prémio por escravo leiloado. Nessa viagem o prémio do capitão foi de quase 200 libras flamengas, o do primeiro piloto de quase 60. Jan observa que então como agora, o comércio de escravos faz entrar muito dinheiro. Como é costume, um terço do rendimento do capitão veio do premio.

A franqueza com a qual o piloto amigo fala dos seus rendimentos bem contrasta com as respostas evasivas aqui, no porto de Oostende, quando se interpela oficiais da marinha directa- ou indirectamente ligados ao comércio de escravos.

Os convidados concordam. De resto ficou claro da história do amigo deles que, como em terra, também no mar as diferenças de rendimento são muito elevadas. Na mesma viagem, o rendimento total de um marujo era de pouco menos de 50 libras flamengas para estar um ano e meio fora de casa, logo um rendimento anual de aproximadamente 200 florins ou 3940 soldos. Os grumetes receberam para esta viagem de 18 meses 102 florins, em termos de salário anual equivalente ao rendimento de um trabalhador num atelier. A tripulação costuma ter a permissão de fazer algum negócio por conta próprio, mas os convidados de Jan não conseguem estipular o que isso efectivamente rende. O que ainda sabem daquela viagem do *Eenigheid*, é que os negros escravizados foram vendidos a perto de quarenta compradores, sendo um dos maiores um pastor. Jan constata que este sacerdote, como muitos outros assume Deus permitir o acto de tratar seres humanos como mercadoria uma vez que não são cristãos. Ou então, como Voltaire, considera as pessoas negras serem de outra espécie humana. Não considerado criado à imagem de Deus, a sua propriedade não é filho de Deus. O seu hospede tem dúvidas, porque entra em contradição com a vontade de prosseguir com a cristianização de quem foi escravizado.

O modo como os governantes europeus tratam a própria população já levanta por si muitas perguntas segundo Marianne. Mas o poder que instauram em quem consideram ser os seus servos, quando os mandam para longe e os deixam supor habitantes de outras regiões como uma espécie menor, reveste-se para ela de um certo requinte demoníaco. Cristãos e

não-cristãos, humanistas europeias de primeira linha incluídos, não se cansam em dar justificações racionais pela escravização e matança da população autóctone de territórios que ocupam e pela deslocação de populações inteiras de um local para outro. Trata-se de subjugação e dominação brutal e mortífero, em que se abusa de Deus é a torto e a direito, como se Ele teria dado autorização para chacinas e maus tratos de humanos que por muitos olhos-de-crentes não são vistos como da mesma espécie.

A necessidade doentia para o abuso e o maltrato talvez se tornou uma característica de soberanos e dominadores observa Karel. Os soberanos europeus atuando tão descaradamente tornaram-se o exemplo atroz para quem conquista em seu nome terra e matéria prima atuando tão ou ainda mais feroz, continua. A instrução para o manuseamento de armas e para matar sem ser morto é uma escola com longa tradição de sucesso, recuando até antes do tempo dos gladiadores acrescenta Jan. A simples escolarização para majorar o conhecimento e a ciência da natureza não consegue competir com isso. Para Tiene resulta do facto que os dogmas desenvolvidos e impostos pelos soberanos nunca proibiram inexoravelmente a violência. Ironicamente esses mesmos dogmas muitas vezes proíbem a divulgação da ciência da natureza sob pena de multa ou de morte. Faz observar Madeleine ligeiramente desgostoso como a casa-escola deles na Rua dos Cais corresponde a uma minúscula exceção da corrente geral e que talvez eles dificultam em vez de facilitar a vida das crianças para se inserir na comunidade envolvente.

Contudo os quatro continuam convencidos que aprender a raciocinar e analisar é melhor do que ser manipulado inconscientemente.

## Escolas e tascas

Voltaire falece no dia 30 de maio de 1778. Jan e Madeleine recebem a noticia da sua morte por carta vinda de Lille. Mathilde observa que Voltaire sempre continuou a cuidar da publicação das obras de Émilie, mas que não era mais do que um humanista europeu local e nunca um humanista universal. Pelo que é do conhecimento dela, ele nunca corrigiu as suas observações acerca das várias espécies humanas. Ele contribuiu para o *status quo* da domesticação dos povos fora da Europa e para o comercio lucrativo de escravos associado.

No dia 2 de julho também falece Jean-Jacques Rousseau. Como já tinha anunciado na altura do seu casamento com Thérèse Levasseur, ele nomeou-a única herdeira dos seus bens. Inspira muitos mestres-escola com as suas ideias assaz controvérsias em relação à educação das crianças. Nunca aplicou as suas propostas aos seus próprios filhos, que nunca reconheceu aliás, como Jan e Madeleine não tardam de saber.

Não podem sequer imaginar a muito superior a qualquer humanista que Joseph Lancaster, nascido no dia 25 de novembro do mesmo ano, terá uma sobre o sistema escolar e os mestres-escola. A organização escolar dele em combinação com a instrução existente como foi pensado para os pobres, entre outros por Jean-Batiste La Salle, irá contribuir para desviar cada vez mais a escolaridade obrigatória do pressuposto de acesso universal ao conhecimento e à ciência. Torna-se cada vez mais óbvio que se trabalha em prol de um gigantesco modelo de instrução, no qual as crianças desde muito cedo são colocadas

ou mantidas num determinado papel.

Hoje há muitos sítios onde os mestres-escola da pequena escola ganham anualmente de entre 350 e 500 florins. Por norma os pais pagam até um quinto deste valor em mensalidades. Esse rendimento anual é menos de um quarto do rendimento dum capitão de um barco de escravos há quinze anos e menos da metade do rendimento do primeiro piloto na mesma época.

O ensino e as competências da pequena escola e da escola segunda são hoje nos Países Baixos Austríacos regulados por decreto imperial. Deverão abrir quinze colégios Theresianos, mas de momento só três funcionam, em Bruxelas, Antuérpia e Gent. Cada um dos colégios é dirigido por um Principal proveniente do clero. É dado grande atenção às ciências, matemática, geografia e história contemporânea, mas a religião católica e o Latim continuam a constituir a trave mestre do programa. Aproximadamente três alunos em cada dez deste nível de ensino estão inscritos nos Colégios Theresianos. Muitos dos pais com os filhos a estudar continuam a preferir os Colégios dos Agostinhos, Dominicanos, Franciscanos ou Oratorianos.

A centralização do ensino escolar desejado pelo Poder é menos visível na pequena escola do que nos *gymnasia* ou colégios. Ainda menos atenção é dada à educação das crianças nas escolas para pobres, ou orfanatos. A maior parte das pequenas escolas mantidas pelos municípios recebem quase nenhumas ou vagas indicações. É o caso da escola dos pobres de

Oostende. A escola não tem quase apoio nenhum com exceção de contributos financeiros de burgueses mais ricos em busca de salvação da própria alma. A educação em si é uma lástima. Os últimos cinco anos, os mestres-escola sucederam-se rapidamente, ou porque não cumpriram as suas funções devidamente, ou porque a edilidade assim o julgara. Continua a dar-se mais atenção a uma educação rudimentar que garante emprego dos jovens para um patrão ou num atelier. Os mestres-de-louça não só assegurem as crianças serem nutridas e vestidas. Também encarregam-se da preparação das meninas para o trabalho doméstico, fazer renda, tricotar e coser, ou seja, para se tornarem razoáveis empregadas domesticas. Os rapazes são o mais que possível levados a aprender um ofício da sua escolha gratuitamente, para ficar como aprendiz num patrão e muito eventualmente ganhar mestria no ofício escolhido.

Segundo os amigos de Jan e Madeleine, a situação não é muito diferente em *Zeeland*. As pequenas escolas onde rapazes e as raparigas aprendem as letras quase não estavam, até há 20 anos sujeitas a qualquer tipo de autorização central. Quem pedia uma autorização para iniciar um pequena escola comprometia-se certamente para levar as crianças a soletrar e a ler, era isso o subentendido. Só em meados dos anos cinquenta mestres-escola nomeados para o efeito começaram a visitar as pequenas escolas, frequentemente com pequenas prendas para quem melhor lia. Desencadeou uma maior vontade para a regulação central acerca do conhecimento-base requerido a quem mantém uma escola. Atualmente há já

muitos lugares em *Zeeland* onde uma nova autorização está sujeita a esta regulação central.

De Leuven vêm noticias de outro teor. Jean-Jacques e Elise Duchamp estão apaixonadíssimos e Jean-Jacques fá-lo perceber claramente nas cartas aos pais. Ele entende-se também muito bem com os pais de Elise, algo que Jan e Madeleine já esperavam. Os jovens continuam a viver em casa dos Duchamp enquanto Jean-Jacques fique na universidade, mas fazem muitos projetos. Querem abrir uma casa-escola parecida com àquela dos pais de Jean-Jacques em Brugge. Também querem continuar a desenvolver uma filosofia de aprendizagem que coloca a aprendizagem e não o ensino como foco central. Para falar com as palavras de Comenius, querem persistir no desenvolvimento de uma abordagem matética e não didática. A tendência dinástica mantém-se porque o casal quer investigar como par, num mundo no qual a arrogância masculina continua a vedar o acesso das mulheres à escola superior. Elise continua a não estar autorizada em assistir às aulas na universidade.
Jan escreve os pais para lhes pôr à par dos desenvolvimentos. Dieudonné responde ele e a Mathilde estarem entusiasmados de saber que uma neta de um dos seus antigos parceiros nos *dîners*, se vai ligar a um dos netos deles.
Na mesma carta Dieudonné fala de alguns textos de Mathilde e ele próprio. Decidiram subscrevem publicamente a tese da impossibilidade de provar a existência de Deus por meios científicos. Adoptam definitivamente a filosofia cética de

Hume e de Kant. E vão mais longe: consideram ser a única atitude possível, coerente com a sua interpretação do conceito de cosmopolitismo e a sua convicção só existir uma espécie humana. Facilita-lhes também explicitar a distinção entre a ciência da natureza e a ciência relativamente ao ser humano. A natureza tal como é não precisa de um deus humano para se fazer conhecer. Antes pelo contrário. Pouco a pouco, os seres humanos com o seu engenho constroem-se coletivamente uma imagem mais pormenorizada de todos os fenómenos da natureza. Estes fenómenos são processos que se desenvolvem por si, independente da vontade do ser humano. Para Dieudonné e Mathilde não existe por trás da natureza um Grande Arquitecto. Querem distanciar-se de qualquer forma de obscurantismo ou de intervenção transcendente. Pela mesma razão pela qual não vêm inteligência extra-humana na existência dos *numeri primi* — os primeiros números — também não a observam na regularidade das órbitas dos planetas ou do movimento das estrelas umas perante outras em determinados momentos do ano. Hoje é fácil explicar e prever os eclipses logo que se entenda e utilize a mecânica de Newton. Eles partem do princípio que outros fenómenos, como erupções vulcânicos, terramotos, o aparente parentesco entre determinados animais ou determinadas plantas e tantas outras coisas da natureza que ainda não se percebe, um dia serão entendidos. Por isso desejam encorajar o seu neto e a sua companheira para sempre ter em mente aquela abordagem matética dos processos pelos quais se interessem. Ganhar entendimento com o único objetivo de formular novas hipóteses para conseguir aprofundar

colectivamente ainda mais este mesmo entendimento, parece-lhes a nobre tarefa de quem pesquisa a mente humana, como ela se forma e alimenta individual- e coletivamente, bem como a importância da interação entre os espíritos humanos.

Dieudonné e Mathilde consideram a experiência transcendente ou do divino como estritamente pessoal. Em muitas culturas, para muitos povos, esta experiência tem um efeito consolador, em processos de luto por exemplo, mas também um efeito tranquilizante na vivência de acontecimentos de difícil compreensão. Estão convictos que a combinação desses dois efeitos leva as pessoas a encontrar o seu equilíbrio. Imaginam isso poder ser verdade para qualquer um, como é também possível de se construir um quadro conceptual equilibrado no qual não existe a presença de Deus.

Pondo isso, é um pequeno passo constatar como quem aspira poder abusa da ideia de um Deus uniforme ao qual se deve obedecer e quão falso é o apelo à destruição de outras ideias de Deus. Então a fé individual de muitos é atraiçoado por quem a envenena colocando na cabeça dos crentes as suas interpretações pessoais de poder e posse. Dieudonné escreve como nos últimos anos, nos serões de *dîner*, reconta histórias bíblicas, mostrando subtilmente em como muitos membros do clero manipulam essas mesmas histórias, logrando as pessoas acerca do poder que dizem exercer sobre elas. Mas o clima social na França é instável e as afirmações de Mathilde e Dieudonné são vistos por alguns como uma forma de defesa de quem analisa criticamente a Igreja e o Rei, por outros como uma alerta contra quem de modo intolerante questiona Igreja e Rei.

O crescente número de viajantes nas estradas europeias têm que ser albergados e alimentado havendo cada vez mais albergues e estalagens dentro e fora das cidades. Só o Condado de Flandres, parte de *Belgium Austriacum*, conta em 1778 com três mil albergues. Todas servem *dikbier* e *dunbier* ou *klein-bier*[1]. Essa última praticamente não tem álcool e serve de alternativa à água potável não disponível em muitos locais porque as linhas de água e as valas estão poluídas. Servem-se também licores e, muitas vezes, aguardente. Vinho, café e chá continuam a ser bebidas de ricos, não disponíveis em muitos locais.

O governo central tenta combater o crescimento selvagem de albergas. Um anúncio público de 21 de julho de 1779 estabelece as regras. Rapidamente muitas medidas parecem impraticáveis, mesmo tendo o apoio da igreja. O clero menor e os estalajadeiros estão frequentemente em campos opostos. Para os primeiros as estalagens são locais perniciosos que encorajem encontros mistos entre solteiros. Logo os párocos apoiam as tentativas do governo central para conter o consumo de álcool. Mas até os governadores locais entendem não ter sentido de proibir festas de solteiros em fins de verão. Os jovens encontram-se de qualquer forma em público ou clandestinamente apesar de todas as ameaças de excomunhão ou multas.

E como as medidas têm que ser tomadas pelos governos locais ou pelos governos municipais, não são praticáveis. Os albergues fazem parte da comunidade e o fecho de parte ou

[1] Literalmente: cerveja gorda, cerveja magra, cerveja pequena. A *dikbier* tem maior teor de cereais e maior nível de álcool.

todos os locais onde se servem bebidas pode rapidamente tornar-se fonte de revolta. Regra geral aceita-se mal toques de recolher, horas de fecho obrigatórias, limitação do número de concursos de tiro ao alvo ou de quermesses. O placado com as novas ordenanças originam entretanto grandes protestos. Os governos locais consideram ser-lhes completamente impossível de elaborar a lista exigida de albergues desnecessários e que por isso deverão fechar.

Em Leuven a docência de conhecimento novo retoma pouco a pouco. Os sectores mais conservadoras da Igreja perderem o controlo e a ciência experimental surge em força.
O antigo estudante da *Pedagogia De Valk* Jan Pieter Minckeliers desenvolve a produção de um gas inflamável do qual descobriu ser possível extraí-lo do carvão de rocha. Ele próprio utiliza o gaz inodoro para iluminar o seu auditório. Mas o avanço da iluminação artificial e a facilidade de uso anunciam novos problemas. Noël Retz elabora um relatório de observação de jovens fiadoras com o qual mostra a própria atividade ser fonte dos problemas de saúde das raparigas. Elas desenvolvem uma tosse seca acompanhada de dores peitorais. Teme-se com razão que melhor iluminação no inverno irá aumenta o tempo de trabalho logo as dificuldades das fiadoras.

Os melómanos no mundo artístico europeu não admiram só o trabalho de Bach. Influenciados pelos pais, Elise e Jean-jacques assistiram a alguns concertos de orquestra de câmara com obras de Haydn e Mozart. Este último, agora com 23 anos é às vezes

referido como '*o rapaz-milagre*'. E sabe-se como o desejo paternal para produzir mais um rapaz-milagre vive na cabeça de Johan van Beethoven. Este recomenda o seu filho Ludwig em todo lado. Conta-se que, com nove anos, o rapaz já tocava *o cravo bem temperado* de Bach de cabeça.
Para Elise não pode faltar a educação musical na casa-escola que ela sonha com Jean-Jacques. Não só as crianças devem ter a oportunidade para ouvir bons músicos de instrumentos de cordas e de teclas, mas devem também experimentar esses mesmos instrumentos. Ela pensa na guitarra, no bandolim hoje tão popular em Mantua, Milano e Veneza, mas também no cravo e no piano forte. Estes instrumentos têm o seu lugar em locais onde jovens crianças aprendem a ler, escrever, contar? Ou só têm que ser oferecidos às crianças-milagre? E, continua a pensar Elise, qual é a relação entre educação, instrução e desempenho-milagre?

A azáfama é grande no dia-a-dia do porto de Oostende. Desde o início de 1780 não é raro ver sair mais de 50 navios numa só maré. Muitos rumam para América, mas existem outros destinos para a marinha mercante e a pesca vai de vento em popa. O sucesso do porto deve-se à concretização dos planos da edilidade para o desenvolvimento da cidade, quase sempre positivamente apreciados pela Imperatriz. Quando esta falece em 17 de novembro, os habitantes da cidade não ficam muito preocupados. A Imperatriz conhecia bem a obsessão reformadora do seu filho que a sucede e tinha-o exortado para ter calma nos Países Baixos Austríacos

bastante conservadores. Mas com Oostende não há dificuldades e sabe-se de boa fonte que o novo imperador José II endereçou uma carta ao governador local Príncipe Kaunitz, manifestando o desejo de fazer zona franca do porto de Oostende, jogando assim em seu favor as consequências económicas dos acordos e desacordos entre as grandes potências circundantes. As hostilidades entre as Casas Reais Britânica, Francesa e a Casa do Estatuder da República das Sete Províncias é uma oportunidade para fazer passar as todas as ligações comerciais importantes por Oostende. José II parte do princípio que uma zona franca na costa de *Belgium Austriacum* será visto como um assunto interno e não irá causar ressentimentos nos vizinhos. Fazem-se preparativos para a sua *blijde inkomst*[1] na próxima primavera. Toda a gente acredita ouvir o anúncio de estatuto de zona franca como parte do programa de festividades.

Na Rua dos Cais, os casais de mestres-escola acompanham naturalmente o desenvolvimento da cidade. Mais atividade comercial significa mais gente e mais meios financeiros e a casa-escola pode beneficiar com isso. Há muito que fazer e Jan não tem sempre o tempo necessário para continuar a trabalhar no seu ensaio sobre livros para a juventude, incluindo os livros escolares, contudo… O seu pai lembrara-lhe encontrar-se na biblioteca do avô John um livro de 1722, de Manoel de Figueiredo, no qual o autor critica a aprendizagem da leitura soletrando as palavras. Jan lê a crítica e analisa de seguida

[1] literalmente "alegre entrada": uma visita protocolar do governante para reafirmar as liberdades da cidade visitada

exemplares atuais dos '*hornbooks*', do *Haneboek* e do *Trap der Jeugd*[1], e só pode concluir que estes livros percorrem o mesmo caminho lento e entorpecente da mente como os livros de que falava de Figueiredo. Jan reflete acerca da introdução de Bastiaan Cramer no *Trap der Jeugd*, na edição de 1772. Cramer considera que uma reorganização das taxas escolares, com mensalidades fixas para as famílias e em função do rendimento familiar poderá favorecer o número de alunos a frequentar a escola. Porque, diz Cramer, '*É apenas Desamor, se as Crianças só aprenderem a cavar na terra o dia todo como toupeiras, e para quem ir à escola não é assunto, porque os pais não se podem passar sem eles*'. Quem dispõe de rendimentos superiores e tem o hábito de enviar os seus filhos para a escola pagaria ligeiramente mais e desta forma também contribuirá para um melhor rendimento fixo dos mestres-escola.

Jan entende o raciocínio de Cramer quando diz que pais que nunca ou quase nunca andaram na escola não entendem a importância dela. Mas beneficiará a obrigação de pagar uma taxa escolar, mesmo reduzida, a frequência da escola? Cramer coloca a decisão nas mãos dos *Pais da Pátria em Busca da Salvação*[2] e reafirma quatro vantagens:

- Muitas das crianças que hoje morrem na ignorância poderiam aprender mais e serem suscetíveis para as coisas essenciais das quais os pais não têm a mínima noção;
- Os mestres viveriam melhor e assim se dedicariam mais à

[1] literalmente *A escada da juventude*

[2] É com esta formula que Cramer define os governantes com responsabilidade para o fornecimento de ensino.

profissão sem assegurar atividades secundárias para melhorar o seu rendimento.
- Seria mais fácil atrair pessoas mais competentes para trabalhar na escola;
- Com uma taxa familiar, os mais pobres poderiam enviar mais crianças para a escola pelo mesmo valor que agora pagam para menos crianças.

Obviamente, Bastiaan Cramer defende *Trap der Jeugd* como sendo um ótimo livro para fazer conhecer mais às crianças do comparado com os pequenos livros de Abecedário. Mas nem toda a gente concorda. Na cidade de Veere, *Trap der Jeugd* deixou de ser autorizado, já em 1743. O governo local considerava até este livro '*mais contribuir para cansar a juventude do que ser de proveito para a juventude*'. Não é claro se esta observação tem a ver com o ainda grande componente de leitura soletrada ou com o conteúdo de determinadas lições. Segundo os amigos de Sluis a crítica é geral na província de Zeeland. Chegando a 1780 só são autorizadas um livro de Abecedário e os livrinhos escolares de Bakker, Maes e Heugelenberg em muitos locais. Introduz-se igualmente a *Breve Compreensão da Gramática do Baixo Alemão* e a *Nova Ortografia do Baixo Alemão* de Reiner Arrenberg. Entretanto, a tipografia A.L. Callenfels e Filho de Middelburg considerara mais interessante publicar um Abecedário de outra forma: Apresenta-se cada letra com oito caligrafias diferentes em 1 de 25 cartões, '*servindo para que as crianças por meio de um jogo ou brincando facilmente possam aprender o ABC inteiro*'.

Portanto, constata Jan, de modo geral e no final de contas,

quase toda gente continua com a leitura soletrada. Apesar do método ser questionado porque atrasa o processo de aprendizagem  e origina dificuldades quanto ao estabelecer de relação entre letras e sons, muito raramente muda-se para métodos de ensino baseados nesta relação. A afirmação de John e Mariana que, historicamente, a escrita antecede a leitura logo decodifica-se depois de codificar, parece demasiada abstracta para muitos mestres e docentes. Quem tem um raciocínio didático trabalha a partir do ponto de vista de quem ensina, tornando o ponto de vista matético invisível.

Jan pensa nas observações do filho acerca das pressupostas crianças-milagre no mundo da música. Elas utilizam técnicas convencionadas de codificação quando compõem em tenra idade? Ou utilizam uma codificação própria que transformam num código mais universal posteriormente com a ajuda dos seus mestres? Ele não sabe. É possível deixar contar uma história por alguém que não sabe ler? Sim. A História está repleta de exemplos. Esta história pode ser transcrita? Sim. Por quem? Os escribas existem há muito tempo. Mas isso era no mundo dos adultos. As crianças têm algo para contar quando não são crianças-milagre?

Quando aborda a Madeleine com estas perguntas, ela pensa logo no inverso e responde: “E conta-se o quê às crianças? Histórias para adultos ou histórias para crianças?”

A pergunta de Madeleine tem certamente razão de ser. Pouco a pouco Tiene e ela própria foram ganhando consciência que não é possível falar verdadeiramente de livros ou histórias para crianças. Existe, claro, o catecismo no qual histórias bíblicas

foram adaptadas e eventualmente simplificadas. Felizmente *O Espelho da Juventude* parece ter perdido interesse. Aliás era difícil considerá-lo um livro para a juventude, muito menos para crianças. Era antes literatura de maldizer, atiçando medos e ódios.

Existem, claro, as epopeias; aventuras de heróis, escritas para adultos e muito contadas à juventude. Frequentemente não têm sentido para jovens crianças, como é por exemplo o caso de *Robinson Crusoé* publicado por Defoe em 1719. Madeleine e Tiene pensam num livro de Campe que viram recentemente: *Manual de Educação Natural, ou Robinson Crusoé. Adequado ao Serviço da Juventude*. Trata-se de uma tradução de *Robinson der Jüngere, zur angenehmen und nützlichen Unterhaltung für Kinder*. Só o título clarifica que não é bem um livro juvenil. Trata-se de um conjunto de dicas moralistas, inspirados em *Robinson Crusoé* e *Émile* de Rousseau. Neste livro, um pai de família conta em trinta noites, a história de Robinson, em tudo o oposto da Boa Família com pai e mãe corretos e crianças bem comportadas. Na história, as crianças são encorajadas para elogiar Robinson, sempre que melhora um pouco a sua vida. São também convidadas para refazer elas próprias as pequenas invenções de Robinson, como a sombrinha. Para Madeleine o livro pode ser visto como um bizarro manual para o educador da *educação natural* de Rousseau.

Tiene e Madeleine têm algumas dúvidas acerca dos livros com canções para crianças e os seus pais. Rimas como

*'Lieve Telgen, waardste Schatten,*

*Speelt vry om en op myn' schoot!*
*Als myne armen u omvatten,*
*Ben ik als een Vorst zoo groot.*'[1]

podem talvez serem utilizadas para lembrar os pais o seu papel de pai e mãe e para convencer as crianças que os pais gostam delas. Contudo as amigas têm dúvidas porque conhecem as circunstâncias de vida de crianças pobres postas a trabalhar demasiado cedo para o ganha-pão. Os pais estão presos num espartilho económico do qual as crianças também são vitimas.

O Imperador José II assume o poder e torna-se imediatamente claro que quer apressar os seus planos de modernização do governo em *Belgium Austriacum*. Ele aspira um governo central forte e de união nacional, no qual muitos serviços são secularizados e controlados por funcionários competentes. Pretende dessa forma diminuir a influência da Igreja de Roma nos assuntos internos do Estado. Segundo o Imperador, um governo central não só beneficia as reformas desejadas, como facilita o apoio público.

Em 1781 o Imperador acompanha pessoalmente a introdução da tolerância civil com o objetivo de atribuir aos protestantes e, curto tempo depois, também aos judeus plenos direitos civis e a —parcial — liberdade religiosa. Logo há quem começa a semear desassossego nos Países Baixos fortemente católicos.

---

[1] "Queridos Tesouros, desejada Prole,
Brinquem livremente no meu colo!
Quando vos abraçam meus braços,
Sinto me tão alto como um príncipe."

Durante a sua visita secreta aos Países Baixos Austríacos, o Imperador desassossega ainda mais os dirigentes católicos locais. Eles vêem ameaçadas as suas liberdades como governador. Cardeal Franckenberg apresenta as suas objecções ao Imperador mas este não entende porque deveria fazer exceções para os seus súbditos dos Países Baixos, se no resto do reino as medidas foram bem acolhidas. Logo, o imperador continua as reformas com a abolição da servidão por decreto imperial. As Senhorias perdem assim parte do seu poder sobre servos, empregadas e agricultores. A partir desse momento toda a gente tem direito ao casamento sem precisar do consentimento da Casa Senhorial. O casamento é valido assim que um funcionário do registo civil elabora a ata. No papel todos adquirem o direito de deixar o Amo para procurar trabalho em outro sítio ou para aprender um ofício do seu agrado. As tarefas obrigatórias gratuitas ou pagas *in natura* são extintas. Estas medidas por si só beneficiam o povo. Contudo decisões em papel não evitem modos de as contornar. Quem procura mudar é frequentemente assediado. Obviamente, as Casas Senhoriais de uma região facilmente conseguem conluiar e quem procure outro Amo tem grandes dificuldades para conseguir em ser aceite. A pequena nobreza rural e o clero local tiram habilmente proveito da ignorância do povo pouco instruído para pintar as medidas do Imperador como sendo perigosas e contra a vontade de Deus.

Jan lembra-se as referências feitas pelo seu pai e o seu avô ao argumento '*Deus criou os estados*', utilizado a torto e a direito, mesmo entre humanistas. Como então, também hoje é fácil

atirar areia aos olhos das gentes ignorantes, na igreja e nos campos e fazer acreditar que as novas modas do Imperador só levam à condenação eterna de quem a elas fique 'submetido'. Várias gerações da dinastia Magister-Lemaître já observaram vezes sem conta como, de modo subtil ou menos subtil, decisões centrais, potencialmente vantajosas para quem dispõe de poucos direitos e é pouco escolarizado, são tornadas impopulares entre quem, a partida, beneficiaria delas. Os arrogantes detentores do pequeno poder têm muitas possibilidades de jogar ao seu próprio favor junto à população ignorante, bem mais do que as de que dispõe o arrogante e paternalista déspota iluminado para fazer valer decisões que considera ser à favor desta mesma população.

Ultimamente Maria passa muito tempo em casa de Jan e Madeleine. Ela ainda não se remetera do falecimento de Begga de Bruges, faz quase um ano. Tendo perdido a parceira de conversas de uma vida inteira, ela hoje discute as mudanças políticas em curso com os sobrinhos. Begga era mais velha seis anos em relação a Maria e tinha-lhe rapidamente a afeição que sempre teve para a mãe dela. Com Jan Maria avalia as medidas do Imperador para promover a tolerância, tendo a certeza que Begga as teria considerado insuficientes.
Maria corresponde mais frequentemente com Mathilde. Hoje a a família sabe bem rápido o que se passa na França. Ai as tenções são de outra ordem. Mathilde Larouge fala da sua troca de cartas com alguns membros da nobreza, entre eles Nicolas de Caritat, Marquês de Condorcet. Nos olhos de Mathilde este não

só defende profundas alterações na gestão financeira do Estado, mas também pensa na necessidade da secularização do ensino. De facto, pensa, ele pretende a tomada do poder tal como outros membros da nobreza o aspiram. Mas esses aristocratas reformadores repugnam o modo como enredadeiros procuram o apoio da população pobre e iletrada, espalhando ou retomando discursos inflamatórios. Quando Mathilde entende melhor as muitas diferentes razões pela insatisfação observada em todo lado, ela prevê um cenário de potencial violência, matança e fratricídio tal como aconteceu na época da reforma e contra-reforma. Ela exprime a sua inquietação em duas cartas para Maria. Numa delas ela admite que Dieudonné e ela própria são frequentemente olhados com desconfiança porque continuam a denunciar publicamente o abuso do poder, tanto na Igreja como no Estado. E tal como o casal já tinha percebido em ocasiões anteriores, por alguns conspira contra o factual poder absoluto do Rei, enquanto para outros é fiel seguidor do Rei absolutista devido à sua atitude crítica contra a Igreja e contra a intromissão dos ultramontanistas nos assuntos do estado.

Entretanto em Oostende há festa. Depois de ter percorrido a costa desde Dunquerque, o Imperador faz a sua entrada na cidade pela Porta Oeste. Escreve-se 11 de junho quando, pela alegria dos seus habitantes, Oostende e o seu porto são declarados zona franca para quase todos os bens transacionados.

A zona franca origina de imediato uma nova expansão da cidade. O desmantelamento de antigas fortificações liberta

novos terrenos onde são projetadas muitas edificações. A família Lemaître e os amigos Karel e Tiene seguem de perto os planos. Querem vender a casa da Rua dos Cais, que se tornou demasiado pequena, e aspiram uma nova casa-escola, com biblioteca e habitação se os seus meios financeiros assim o permitem. Novos habitantes surgem em Oostende Zona Franca e as suas casas bem conservadas valem um bom preço de venda. No outono, os planos da edilidade são claros. Em fins de julho iniciaram-se as remoções das muralhas e o enchimento das valas a oeste da Rua dos Cais. A Porta dos Cais é desmantelada bem como três revelins, dois a oeste da referida porta e um a leste. A cidade passa a ser proprietária dos terrenos libertados. Jan e Karel sabem de Johannes que parte desses terrenos vão ser vendidos em hasta pública. Johannes também lhes informa do projecto do pensionário urbano Cavaleiro Thomas de Grysperre de manter uma unidade de estilo para o que vai ser um novo cais com acesso direto às docas. Com Johannes como intermediário, a família consegue comprar um lote de terreno perto da nova Casa de Água, na via frente às docas para a qual se propõe o nome de *Cais do Imperador*. Condição é de aceitar o projeto de construção desenhado pelo arquitecto que vigia a unidade de estilo desejado por de Grysperre. Johannes informa Jan e Madeleine em fins de agosto, dias depois da visita da arquiduquesa Cristina da Áustria.

Para não interromper a atividade educativa da *Casa-escola dos Cais*, Jan negoceia a venda do prédio da Rua dos Cais diretamente com o banco que financia em parte o novo edifício. Prevê-se a conclusão da obra para fins de 1782 ou o

início de 1783. O novo edifício terá espaço para quatro a cinco grupos, e os quatro mestres-escola põem-se de acordo em associar-se com um terceiro casal. Os novos sócios deverão mostrar bom conhecimento geral e a vontade de se atualizar continuadamente acerca do desenvolvimentos da ciência e da técnica. Tal como eles, deverão dispor de algum capital próprio. A *Casa-escola dos Cais*, em breve no novo cais, não é uma mera iniciativa commercial, mas um local de encontro e de aprendizagem, para crianças e para adultos. Os casais instituidores do projeto querem dispor de tempo e meios para refletirem acerca da sua atividade e por isso não podem estar só dependente do rendimento obtido da casa-escola através das taxas escolares.

Em todo o Condado de Flandres diminuir a frequência nas albergues e nas estalagens é tão difícil como aumentá-la nos locais de ensino ou de aprendizagem. Cinco meses depois da ordenança de fechar as estalagens com parecer negativo, nada se fizera no concreto em quase sítio nenhum. A título de exemplo Karel conta como os governadores do *Brugse Vrije*[1] se limitaram a informar oficialmente o Conselho Fiscal de Gent simplesmente não lhes ser possível diminuir o numero de estalagens e tascas.

A edilidade de Oostende por sua vez prepara um novo regulamento para a iluminação da cidade. Quer assim exercer melhor controlo sobre as brigas entre bêbados depois do sol

[1] Literalmente 'Livre de Bruges', uma espécie de zona franca para cobrança de favores e impostos, que era comum no norte da Europa desde o século XII até o século XIX.

posto e reforçar a segurança na rua. Lanternas com espelhos de luz são penduradas em todos os cruzamentos da cidade, cinquenta e seis ao todo.

Outros regulamentos surgem para combater o lixo, a doença e as inundações. Hoje cada vez mais pessoas percebem a importância de se lavar e de tomar banhos, mesmo no mar e todos os governadores locais e centrais entendem que os novos regulamentos são mesmo necessários. A higiene já não é visto como um assunto pessoal mas como um assunto coletivo. Em dezembro de 1781 a poluição fica informada como a poluição da água e do ar devido à queima de objetos ou da propagação de mau cheiro será objeto de regulação.
Jan e Madeleine propõem um novo texto para o livro de textos para as crianças da casa-escola.
Na mesma altura Karel sugere um encontro com o antigo edil e mestre dos correios Jacobus Bowens. Ele soube que Senhor Bowens está a elaborar uma crónica da cidade. É bem provável que dessa crónica podem ser extraídas histórias para as crianças acerca do desenvolvimento da cidade de Oostende. Depois da conversa, Tiene e Madeleine elaboram três textos. São histórias por norma contadas na primeira pessoa num curto lapso de tempo. A última história fala da expansão em curso da cidade.

Os amigos Zeelandeses de Jan e Madeleine ficam admirados com o número relativamente grande de crianças na *Casa-escola dos Cais*. Atualmente há na escola municipal de Sluis 45 crianças

que aprendem a ler, escrever e contar, das quais 28 são rapazes. Na escola para órfãos há 13 crianças, 7 são raparigas. São escolas mistas para rapazes e raparigas, tal como a escola dos pobres de Oostende e, como é sabido, a casa-escola gerida por Jan e Madeleine.

Os amigos confirmam que nos Países Baixos do Norte também se escrevem poucos livros para as crianças sem serem livros escolares. Há quem considera a *Orbis Sensualium Pictus* ilustrada de Comenius uma espécie de enciclopédia para jovens. Recentemente foi publicado uma edição satírica do livro do Abecedário tendo o Príncipe de Orange como protagonista. Mas justifica-se a pergunta se é bem um livro para crianças. O que vende são os pequenos livros de Van Alphen.

Por fim, existe o Abecedário de Swildens com textos morais. Encontram-se diálogos do género:

'*P. — Um homem que é muito rico, que vive numa casa grande e bonita, que gosta de carruagens e cavalos, e que se deixa servir por muitas pessoas, uma pessoa assim, será realmente melhor do que outras pessoas?*

*R. — Não, certamente não. E se tal homem não é sábio nem virtuoso, ele pode ser um homem muito mau e perigoso, ainda pior e mais perigoso do que um vil patife que anda pela rua: pois então ele pode causar muito mais e muito maior mal.*'

## Pequenas e Grandes Escolas

O porto de Oostende continua a beneficiar da guerra na América entre os colonizadores e as tropas britânicas. Infelizmente é uma situação recorrente, pensa Jan. Basta algures iniciar-se um conflito armado e há comerciantes a ganhar muito dinheiro fazendo crescer a atividade económica em geral.

Mas a zona franca atraíra outros investidores. O Grossista escocês Herries recebe a autorização para iniciar um banco e uma casa de câmbio na *Rua do Brabante*. Em toda a cidade velha há renovações em curso e nos novos terrenos, aparecem armazéns e casas comerciais. Hoje não é raro encontrar casas comerciais com até vinte escriturários.

Durante as caminhadas dominicais, Jan, Madeleine e os amigos costumam passear pela zona das muralhas desmontadas para observar o andamento das novas construções em vários pontos da cidade. A partir de meados de agosto de 1782 o passeio inclui visitas semanais aos progressos na edificação da nova Casa-escola e residência do casal Lemaître a norte das novas docas. É oficial o nome *Cais do Imperador* para a nova rua. Tiene e Madeleine procuraram candidatos para integrar a equipa que vai estrear a nova casa-escola. Tiene falou com Louise, neta de Pieter van Heurck. O filho de Louise, Boudewijn, casara há pouco com uma das filhas Hoyt. Ambos têm mais apetência pelo trabalho intelectual do que pelo comércio do peixe. Uma noite os jovens visitam Jan e Madeleine, acompanhados de Tiene e Karel.

Boudewijn apresenta a sua esposa Gertrude.
Jan pergunta porque estão interessados de trabalhar com quatro 'cotas'.
Gertrude começa logo: "Talvez sabem que Boudewijn e eu somos amigos de Jean-Jacques. Encontrávamo-nos com frequência antes de ele ir para Leuven. No ano passado quando ele esteve cá de visita, falámos muito. Ele contou-nos dos planos que Elise e ele têm para iniciar em Brugge uma casa-escola semelhante àquela que vocês iniciaram aqui quando ainda éramos crianças. Falei das nossas conversas com Boudewijn, ele leu a obra de Rousseau. Ele está muito interessado na educação natural e rasteou um pedagogo na Confederação dos XIII Cantões. Chama-se Johann Pestalozzi. Deitámos a mão em *Lienhard und Gertrud* no ano passado. A leitura do livro fez me pensar nas conversas com Jean-Jacques. Fiquei muito entusiasmada quando ouvi que Tiene e a mãe de Boudewijn se conheciam e ainda mais quando Tiene lhe disse que estavam a pensar alargar a equipa da casa-escola.
Madeleine, surpreendida de ouvir o nome de Pestalozzi, diz: "Então vocês estão atentos ao que se escreve acerca da educação natural e do trabalho com crianças? Sim, também já lemos alguns textos de Pestalozzi. Aliás, gostávamos de perceber melhor como ele lida com a questão da pobreza. Ele terá dito que os pobres precisam ser elevados da pobreza. Subscrevemos as ideias dele quando afirma não dever abordar a desigualdade com caridade, mas com a apropriação de conhecimento. O que não nos é claro é se ele segue a maioria dos filósofos de hoje e pretende uma educação específica para

os pobres. Regra geral as propostas deste tipo fazem perdurar o fosso entre ricos e pobres, mesmo se os pobres conseguem mais autonomia para se governar a si próprio. O Imperador parece querer regular administrativamente esta questão com a abolição da servidão."

Boudewijn fixa os interlocutores nos olhos e pergunta: "Mas vocês pensam que foi esse o caminho de Pestalozzi?"

Karel responde: "Ainda não temos uma opinião clara. Sabemos não termos encontrado até hoje um projeto equivalente ao nosso, no qual deixamos conscientemente trabalhar em conjunto crianças de meios e estados diferentes. Claro que sabemos que existem mais escolas que fixam as taxas escolares em função do rendimento dos pais, mas é mais exceção do que regra. Além disso, normalmente as diferenças são pequenas. Aqui em Oostende não contamos com crianças da aristocracia entre os nossos escolares, a não ser os filhos e as filhas de alguns dos altos oficiais aqui acantonados. Não propomos uma educação específica para pobres e outra para ricos, mas uma escolarização exigente de todas as crianças, sem encaminhar demasiado cedo para a formação profissional."

Gertrude pergunta: "Mas não é a formação profissional precoce a condição para os pobres escaparem à pobreza? Não é o conhecimento profissional a chave para a autonomia?"

"O conhecimento profissional é a chave para autonomia," observa Tiene. "Mas isso é o caso para todos, não só para os pobres. Contudo, a nossa experiência diz-nos que a desigualdade permanece enquanto as crianças das famílias abastadas tiverem mais tempo do que as crianças de famílias

pobres para acumular conhecimento de base, antes de iniciar a sua formação profissional. Para aproximar-nos do princípio de Comenius de *Omnes Omnia Omnino*, demonstramos ser necessário aceitar a proposta sistémica associada pelo próprio: seis anos de pequena escola e depois seis anos de gymnasium *para todos*, antes de começar com a formação para a profissão. Talvez não somos realistas. Talvez ninguém quer ser servo ou trabalhador ao serviço de outros assim que o seu conhecimento base for demasiado grande. Grandes proprietários podem não querer ou conseguir libertar-se da necessidade de ter subordinados, se querem proteger as suas posses. Pode toda a gente de uma comunidade trabalhar autonomamente se tiverem todos um fraco conhecimento base? Não vimos acontecer exatamente o inverso nos últimos cinquenta anos? Não vimos como pequenos trabalhadores independentes, só dispondo de saber profissional foram forçados a vender a sua produção aos intermediários? E como estes intermediários foram concentrando a produção em casas de trabalho? Não vimos como transmutaram pequenos e pobres *independentes* em pequenos e pobres *dependentes*? Talvez tanto Pestalozzi como nós estejamos errados e riem-se os proprietários ricos nas suas barbas com tanta ingenuidade da nossa parte."

"O que não nos impede," alega Jan, "querermos aumentar efetivamente a nossa equipa com um terceiro casal reflectindo acerca da aprendizagem e dos processos de aprendizagem. É importante fazê-lo, mesmo se somos acusados de sermos ingénuos. Pessoalmente, agrada-me vocês se mostrarem bem

informados acerca da arte de aprender e da arte de ensinar e quem publica neste domínio. Além do mais," e aqui Jan olha para os outros, "parece-me uma boa ideia atrair para a casa-escola pessoas ainda novas de idade. O que acham?"

Dois dias mais tarde, Tiene informa Boudewijn e Gertrude estarem todos de acordo para alargar a parceria com o casal. A partir de setembro irão coadjuvar os grupos já existentes. Quando a mudança para a nova casa-escola estiver concluída, terão o seu próprio grupo ao seu cargo. Mas continua em voga o princípio que qualquer dos adultos esteja disponível para qualquer dos grupos de crianças em circunstâncias específicas."

No mesmo mês de setembro os recém-casados Jean-Jacques Lemaître e Elise Duchamp estabelecem-se em Brugge, a algumas horas de distância da *Casa-escola dos Cais*. Iniciam a sua aventura educacional com um pequeno grupo de crianças: a mais nova tem quase cinco anos e a mais velha um pouco mais de nove. Para manter as crianças mais novas em atividade com sentido, recorre-se muito a bonecos de palha e contam-se histórias apoiadas em cartazes de parede e alguns livros com ilustrações. O espaço dispõe de um piano forte e dois bandolins. Elise domina razoavelmente bem os instrumentos e toca para as crianças. Podem elas próprias experimentar o piano forte. Na mesma altura em que o jovem casal procura diversificar as atividades na pequena casa-escola de Brugge no ano 1782, Friedrich Fröbel dorme no seu berço em Oberweißbach/Thür Wald. Ainda faltam cinquenta anos para crianças serem intencionalmente convidadas a dobragens e jogos intencionais com blocos de construção. É demasiado

cedo sequer imaginar que um membro da dinastia irá cruzar-se com Friedrich.

Na França, Mathilde e Dieudonné são mais uma vez exortados à calma. Tal como nos anos trinta, quando foram obrigados a fugir de Paris devido aos panfletos encontrados na casa deles e ao seu posicionamento em relação à igreja e a escolarização dos pobres, são seguidos de perto.
Dieudonné entrou definitivamente em rota de colisão com o clero por causa do seu modo original de contar as histórias da bíblia. De resto, ele discursa num texto publicado acerca dos privilégios do Saber. Conhecimento, lembra ele, é a base cientifica para facilmente perceber a diferença entre uma mensagem de fé e a usurpação de quem recorre ao dogma com o objetivo de manipular indivíduos ignorantes, somente para os obrigar à determinados pontos de vistas. Quem detém o poder e recorre aos textos bíblicos para impor as suas próprias interpretações morais e de fé obviamente não lhe agradece o texto.
Dieudonné investiga igualmente a influência Moura na ciência. Ele relaciona o florescer do Saber em universidades de alguns califados de 200 à 700 anos atrás com o conhecimento menos profundo e a interpretação menos dogmática da ciência aristotélica. Conjuntura ser uma consequência adicional a menor importância dada à antiga e ultrapassada aritmética Grega. Além disso havia nas universidades Mouras um bom conhecimento da astronomia e astrologia oriental. Logo, os templos de conhecimento onde

os filósofos maometanos trabalhavam e estudavam, estavam disponível para todo e qualquer saber que não estava de acordo com as teses de Aristoteles e era por isso descartado como falso pela controladora igreja cristã. Contudo, observa Dieudonné, isto não significa que o mundo maometano não tenha o mesmo tipo de arrogantes líderes masculinos como o mundo cristão os tem. E, tal como no mundo cristão, estes controlavam o acesso do povo, e das mulheres em particular, às ciências da natureza. Tal como no mundo cristão, argumenta Dieudonné, proprietários e governantes seculares e religiosos impunham a sua vontade, pela força quando necessário.

Dieudonné é um bom contador de histórias. Algumas baseiam-se na bíblia. Outras, como aquelas acerca do Alhambra têm origem em textos antigos de Granada. Naquelas histórias específicas, os cristãos nem sempre são retratados do seu melhor lado, uma das razões para se tornar ainda mais suspeito na católica cidade de Lille.

Mathilde e Dieudonné continuam a seguir de perto a carreira de Nicolas de Caritat, Marquês de Condorcet, há pouco admitido na *Académie Française*. Tal como introduziram em Paris John e Mariana e as suas conjunturas acerca da arrogância e da ignorância, divulgam agora em Lille com o mesmo entusiasmo as ideias do Marquês de Condorcet em relação aos direitos do ser humano, com especial atenção pela mulheres e pelas pessoas com cor de pele não branca. Contudo, sabem que Nicolas de Caritat simpatiza abertamente com os colonos de América, devido à sua pretensão de substituir a obediência ao monarca

britânico por um governo não monárquico de uma federação de estados, sem fazer nenhuma diligência em prol da abolição da escravatura. Na prática é bastante claro o Marquês espelhar as suas propostas para as reformas governativas e económicas na França aos acontecimentos na América. Esta posição faz crescer tanto o número dos seus adeptos como dos seus adversários. Nos círculos monarquistas de Lille quem mostrar uma leve simpatia sequer para as ideias de Nicolas de Caritat são imediatamente suspeitos. Numa carta a Jan, Mathilde fala da diminuição do número de pessoas aceitando os convites para os *dîners* quando comparado com há dez anos atrás. Não tem unicamente a ver com a respeitável idade de muitos dos convidados. Ressurgiu em força a intolerância contra quem se deixa mover pela paixão pelo Saber e o Conhecimento. Numa outra carta, desta vez dirigida à Maria, Mathilde diz pouco se poder fazer. Ela consola-se com a certeza de que quem dispõe de mais Saber e Conhecimento ser mais rápido e perspicaz para entender as manhas de quem tem poder para impor o seu próprio ponto de vista. É curioso como muitas pessoas são levados a despender energia para combater o Saber em vez de o adquirir. O modo como a Ciência é omitida na pequena escola não deve ser estranho a isso, termina Mathilde.

Realmente, hoje não é tão fácil como no tempo de Wolfgang para ficar informado acerca do andar do mundo. Parece paradoxal uma vez que existem cada vez mais periódicos e jornais de notícias. Os inventores mostram-se em rápida aceleração e a divulgação dos achados não segue o mesmo

ritmo. E as invenções não se limitam às ciências da natureza: depois das inovações de Bach e Mozart, os amantes da música tem mais algo para falar: Beethoven, de 12 anos, acaba de publicar as *Dessler-Variationen*.

O novo assunto favorito são as observações meteorológicas para quem dispõe de tempo e dinheiro para comprar os instrumentos necessários para as fazer. Karl Theodor, Eleitor do Palatinado formou a *Societas meteorologica palatina* em Mannheim. O objetivo final da sociedade é de efectuar diariamente em todo o mundo conhecido, a exatamente a mesma hora, observações do tempo com instrumentos do mesmo tipo, fabricados pela sociedade e assim construir-se uma imagem dos fenómenos do tempo a nível planetário. Johan Jacob Hemmer fica encarregado do projeto e o primeiro número de *Ephemerides Societatis meteorologicae palatinae, Manheimi* está previsto para 1783. De momento instalam-se instrumentos em vários sítios. Em fevereiro de 1781 a *Sociedade Meteorológica Palatina* propusera um acordo de cooperação com a Academia de Bruxelas. Os instrumentos chegaram um ano mais tarde e levara ainda um ano até iniciarem-se publicações. Ninguém pôde prever que esta investigação, como muitas outras, seria parada quando dez anos mais tarde, devastadoras tropas francesas sitiariam Mannheim e aniquilariam o castelo do Eleitor.

Em finais de 1782 os sócios da Casa-escola dos Cais em Oostende aprendem pormenores acerca da escola tida por David Manson na Irlanda. Um dos capitães que trabalha para

Jan Ingelet ficara mais tempo que previsto retido em Belfast, devido às primeiras tempestades outonais. Regressando de América, o navio tivera que ser parcialmente reequipado de cordoalha, antes de prosseguir para Oostende. Durante o tempo de espera, o capitão mantivera contactos com algumas famílias proeminentes que comercializam bens tanto com os Ingelet como com importadores americanos. Entre os seus membros, alguns foram alunos do próprio Manson.

O capitão é amigo de Boudewijn e sabe do seu interesse por tudo que tenha a ver com a educação e a escolarização de crianças. Uma tarde de dezembro, Boudewijn convida o amigo para um sarau na Rua dos Cais. O amigo inicia a conversa com: "Soube como David Manson e a sua mulher iniciaram uma pequena cervejaria nos anos '50. Um dos frequentadores habituais era Henry Joy, proprietário de *The News Letter*. Ele tinha gosto em discutir a fundo tudo e mais alguma coisa com David, incluindo o ensino. David teria afirmado muitas vezes considerar ser possível criar uma escola lúdica, na qual o ensino parecer-se-ia um entretenimento."

"Hmm", diz Karel, "aquela ideia de entretenimento tem alguma coisa a ver com a matética, ou trata-se só de uma proposta de para a aprendizagem um assunto lúdico?"

"Não o sei avaliar," continua o amigo de Boudewijn, "mas escuta o resto. Talvez consegues tirar conclusões a partir daí. Sei que Manson iniciou a sua escola em 1755 em *Clugston's Entry*. Anunciou ensinar as crianças a ler e compreender a língua inglesa, contra um preço razoável e sem recorrer à vara. Ele escolheu abordar a instrução com exercícios agradáveis

que fascinavam as crianças. Tal como no vosso caso, tratava-se de co-educação de raparigas e rapazes. Não só o filho mais velho de Henry Joy fora um dos primeiros alunos de Manson, mas também descendentes de outras famílias proeminentes, dos McCracken, do naturalista John Templeton e do Doutor MacDonnell para só mencionar alguns.

David Manson considera ser possível levar as crianças a conduzir-se a si próprias na aprendizagem, a assistir o mestre. Na sala, ele imita o mundo dos adultos. Os melhores escolares da semana são designados Rei e Rainha e aos outros são dados títulos em função do conhecimento gramatical que adquiriram na 'companhia real'. Depois segue quem se lembra menos. São os fidalgos e sub-fidalgos. O serviço senhorial associado é de seguir uma aula de leitura ou de gramática: quem ocupa uma posição mais alta é envolvido no ensinar dos outros. Uma vez por semana, o Rei reúne o parlamento para fazer o ajusto de contas. A grande diferença com o mundo dos adultos é que a hierarquia não é fixa e que todos podem mudar de posição, uma vez que todos se podem candidatar a quantas aulas lhes for agradável ter.

Logo que o grupo de crianças autoconfiantes fora suficientemente grande, Manson começou a aceitar crianças com adversão à aprendizagem da leitura devido às severas punições infligidas. No primeiro tempo, elas não eram obrigadas a nada. Todas podiam observar como o jogo evoluía; quem mostrava interesse pela leitura podia entrar no jogo. Os recém-chegados pediram gradualmente para nele ser integrado.

Manson continua convicto que é preciso banir a apatia e o medo da pequena escola. Acentua a lógica da escolha e não da compulsão. Não é, diz ele, o suficiente um mestre-escola dispor de conhecimento, diligência e sensatez; também necessita de paciência e vontade para fazer da instrução um jogo, tanto para as crianças como para ele próprio.
É mais ou menos o que compreendi das ideias e da prática de David Manson hoje," termina o amigo de Boudewijn.
Os casais olham-se uns aos outros.
"Trata-se claramente de um sistema de recompensa e não de punição," começa Jan.
"Vejo a influência de Rousseau," observa Tiene. "Sem considerar *tudo* como 'natural', Manson parte do princípio que todas as crianças querem aprender e que mestres-escola severos e punitivos retiram esta vontade de aprender."
"Considero eventualmente divertido," começa Madeleine prudentemente, "é Manson presumivelmente concordar com Locke que as crianças são seres pensantes, e por isso devem ser ouvidas com respeito."
"E onde está o divertido nisso?" pergunta Karel.
"Isso por si não é divertido," responde Madeleine. "Mas entendo das palavras do nosso amigo que Manson *não* segue Locke nas suas posições acerca dos rapazes e das raparigas, do estado social e do ensino como um bem para crianças de famílias mais ou menos abastadas. Manson parece ir um pouco mais longe quando se trata da relação entre adultos e crianças, independente da sua origem. Ai reside a ironia."
"Claro que entendo por que razão Jan diz tratar-se de um

sistema de recompensa," continua Karel. "E posso agora só fazer '*wishful thinking*', parecem-me recompensas com o intuito de promover a cooperação. Podemos falar dum sistema cooperativo?"
Boudewijn observa: "Pelo que sabemos, David Manson criou mais recentemente uma escola nocturna para formar mestres-escola. Poderemos tentar saber mais do curso administrado. Talvez Manson é somente pragmático ou efectivamente mais bem informado acerca das crianças que desistem e como lhes devolver a apetência para a aprendizagem."
"Eis uma boa ideia," concorda Jan. "E divertido será Boudewijn e Gertrude visitar Belfast e a escola de mestres-escola de Manson para perceber as ondas que provoca."
"Para o fazer, terão que enfrentar primeiro as ondas provocadas pelo mar do norte", graceja o amigo de Boudewijn. E, olhando para o jovem casal, continua: "Mas tenho a certeza que Ingelet irá concordar em vos aceitar como passageiros, se encararem uma viagem desse género."

Os primeiros dias do novo ano são frios e ventosos. A maior parte do tempo as crianças da casa-escola não conseguem ir à rua. Desenham, lêem, estudam. Tiene e Madeleine aproveitam de bom grado os talentos de Gertrude para terminar algumas maquetas com os escolares mais velhos. Entretanto todos utilizam os tempos mortos para empacotar livros e conteúdos de armários em preparação da mudança para o *Cais do Imperador*. Durante um dos muitos curtos passeios da rua para o cais, na última semana de janeiro, Boudewijn e Gertrude

cruzam-se com a mãe de Boudewijn. Ela sabe do nascimento de um rapazito em casa dos Liebaerts no passado dia 19. Vendo o olhar interrogativo de Boudewijn, a mãe esclarece: "Sabes, encontramos a família de vez em quando nos serões da Câmara de Retórica *Wat ryp wat groen, komt wysheyd voën*[1]." Karel e Jan implicam um pouco com Boudewijn nos dias seguintes. Já em outras ocasiões teceram criticas em relação à linguagem pomposa usada pelas câmaras de retórica. De resto os elementos das câmaras costumam distanciar-se bastante de quem designam por povo comum. Há não muito tempo Karel e Jan tiveram uma discussão bastante acesa com dois membros dessa Câmara de Oostende em relação ao projeto da Casa-escola. Existem claramente grandes divergências mesmo no seio dos burgueses abastados de Oostende sobre se devem ou não crianças provenientes de estratos diferentes aprender e brincar umas com as outras.

A mudança para o *Cais do Imperador* está praticamente concluída quando em abril chegam notícias acerca das tensões entre os colonos americanos e a coroa britânica. Aliás, hoje pode-se falar de guerra aberta. E esta guerra beneficia o neutro-burgo-de-Hamburgo. A navegação entre aquela cidade portuária e os Países Baixos intensifica-se de dia para dia. Não se trata só do transporte de bens para o destino final. Muitos dos bens, incluindo material bélico, são expedidos a partir de grandes entrepostos, tanto para a Grã-Bretanha como para os colonos americanos.

---

[1] Em tradução livre '*O verde amadurece, o conhecimento cresce*'

Nos Países Baixos Austríacos, o porto franco de Oostende assegura parte desse comércio. A expansão e modernização da cidade que começou há deze anos tem as três docas no sul da cidade quase concluídas com o novo Cais do Imperador a fazer de fronteira Norte desta expansão terminado. Um dos edis da cidade conta Jan e Madeleine que o pensionário urbano Thomas de Grysperre informou orgulhosamente Bruxelas já se encontrar 30 novos edifícios a norte das docas comerciais. Eles próprios por sua vez sentem algum orgulho fazerem parte do grupo de habitantes e proprietários do grande edifício que alberga a nova *Casa-escola dos Cais*. A partir do cais os novos habitantes seguem a crescente atividade portuária. Mas também na zona sul das docas surgem novos bairros de habitação, como é o caso do *Hazegras* que ocupa a extremidade nordeste do polder de Santa Catarina, não só com habitações mas também com espaços para comércio.

Em meados de junho surge um teimoso "nevoeiro seco" no norte normalmente húmido. Pouco tempo antes chegara a notícia da França do lançamento para os céus dum balão não tripulado pelos irmãos Montgolfier. Há imediatamente quem diga de alto e bom tom aquele balão de ar quente ser uma blasfémia nos olhos de Deus. E como o balão derivara para norte provocara o "nevoeiro seco".
Em julho surgem explicações mais científicos.
Os mestres-escola da casa-escola obtém informação através de diversas publicações e aprendem que tanto o meteorologista Barão Eugène de Poederlé d'Olmen como o Abade Chevalier

falam de um acontecimento natural associado a terramotos registados no sul da Europa. Da França os pais de Jan e Madeleine fazem saber que De la Lande explica os nevoeiros devido à evaporação dos solos. Mas segundo outros, isto não pode ser verdade, porque existem registos do nevoeiro revelando tratar-se de uma neblina seca com cheiro a enxofre, dando ao sol uma cor amarela insalubre. Há quem diga que o sol sofre de icterícia! As populações nos Países Baixos e na França preocupam-se mais com as epidemias aparentemente trazidas pelas, sobretudo de febre tifóide, sarampo e doenças de pulmão. De momento ninguém sabe ao certo se existe mesmo uma relação entre ambos os fenómenos. Contudo há quem vê nisso claramente a chegada do apocalipse e se sente legitimado para dizer que o dia do Juízo Final está a chegar.

Estranhamente, as neblinas não tornam o verão mais fresco, bem pelo contrário. Apesar do permanente véu ao redor do sol, o calor veio para ficar. Para Oostende significa a chegada de roulottes, com base num modelo idealizado por William Hasketh. Assim torna-se mais fácil para quem quiser usufruir das benesses anunciadas dos banhos do mar de o fazer sem provocar os defensores da moral. Com as roulottes, os banhos do mar tornam-se mais pudicos do que um qualquer baile de aldeia.

Durante todo o mês de julho o tempo continua quente, embora nem sempre seco. O interior e a costa são fustigados por repentinas trovoadas e inundações logo seguidas de novas ondas de calor.  Não tornam o verão mais saudável, antes pelo contrário.

Os dias seguidas de bom tempo permitem acelerar a conclusão da obra da terceira nova doca. Existe o desejo de a ter aberta aos navios a partir de 15 de agosto. Os governadores Alberto Casimir, Duque de Saxe-Techen, e Maria Christina, irmã do Imperador José II desejam abrilhantar a abertura solene da doca com a sua presença.

No dia 13 as Suas Altezas acompanhadas dos seus convidados chegam de barcaça real na comporta de Slijkens. Pensionário De Grysperre vai ao encontro deles para os cumprimentar, numa frota de barcos a remo festivamente decorados e tripulados pelos jovens da Guilda dos Barqueiros de Oostende. Os governadores e a sua comitiva tomam lugar num dos barcos decorados e rumam à doca seguidos de outros barcos e precedidos pela *banda de Música Turca*.

Atravessa-se a nova doca comercial do meio para entrar na *doca do banco de quilha*, destinada aos estaleiros. Governadores e ministros estão satisfeitos com o que lhes é mostrado. A comitiva volta para a primeira doca e observa a facilidade com a qual são viradas as pontes duplas por cima dos canais de navegação entre as docas. Agora é altura para os convidados e os edis observarem a entrada de múltiplos navios.

No obelisco hoje inaugurado e erguido em homenagem à anterior visita do imperador lê-se: *'A José II, ilustre príncipe e maior benfeitor, pai da pátria, que veio a Oostende em 11 de junho de 1781, e no mesmo dia aboliu os direitos instituindo a liberdade de comércio, e logo, por ordem do imperador, a expansão a cidade, a doca de abrigo para os navios ampliado e o acesso mais seguro ao porto foram estabelecidos; o povo grato de Oostende ergueu-lhe*

*este memorial em reconhecimento do grande evento.'*
O resto do dia há festejos em todo Oostende e à noite a cidade está iluminada.

O outono aproxima-se e os meses quentes de verão parecem finalmente ceder para dias mais frios. Contudo ainda se registam violentes trovoadas de fim de verão com enormes relâmpagos e trovões ruidosos. O meteorologista de agricultura Barão Eugène de Poederlé d'Olmen formula uma nova explicação consistente com a neblina seca e sulfurosa dos últimos meses, o calor continuado alternado com enormes descargas de água e com os acontecimentos contraditórios no universo das plantas que tanto mostra sinais de envenenamento como anuncia colheitas ultrapassando todo o previsto. Sabe-se agora em todo o noroeste da Europa da massiva erupção vulcânica na Islândia no dia 8 de junho e da corrente de lava que até hoje ainda não estagnou. As colunas de fumo e poeira associadas a constantes ventos de noroeste e do norte são uma muito melhor explicação para o nevoeiro seco ou a neblina amarela do que as hipóteses apresentadas antes do verão. O vulcano Lakagígar estivera muito ativo neste ano de 1784 e pelos vistos responsável pelo constante nevoeiro.

Os irmãos Montgolfier não abrandam as experiências com o balão de ar quente. No dia 19 de setembro uma ovelha, um galo e o pato sobrevoem Versailles. Diz-se os animais terem sobrevivido à experiência. É portanto só uma questão de tempo antes deste tipo de balões também levarem pessoas para o céu.

Em dezembro corre em Oostende uma notícia recebida com alguma incredibilidade: dia 21 de novembro este voo tripulado realizou-se. O cientista Jean-François Pilâtre de Rozier e o Marquês François-Laurent d'Arlandes terão conseguido a proeza. Diferente das experiências anteriores, desta vez o cesto não foi ancorado ao chão. Pode-se portanto afirmar que o ser humano se deslocou no ar recorrendo ao conhecimento cientifico adquirido. Karel e Jan estão encantados, Boudewijn ainda mais. Gertrude e ele próprio perguntam-se se algum dia será possível viajar para Belfast — ou outro destino — pelo ar e não por barco.

Outras notícias chegam da França. Pelo que contam os amigos parisienses de Mathilde, a Casa Real britânica aceitou a independência da América e os seus representantes assinaram a Paz de Paris em novembro. A Declaração de Independência de 1776 foi explicitamente reconhecida. "Os vendedores de armas terão que incentivar outra guerra para manter os seus lucrativos negócios", observa Tiene com algum cinismo. Num tom igualmente sarcástico Madeleine considera: "seja como for, a captura e opressão de africanos negros também favorece os negócios. Entretanto podem os piedosos indivíduos de Roma sempre encorajar uma nova guerra contra outros piedosos indivíduos de outra região ou religião."

As amigas referem-se aos indivíduos piedosos não é totalmente por acaso. Os seus colegas de Sluis informaram-nas acerca das medidas do poder instalado contra os cristãos católicos na cidade de Middelburg. Mulheres de fé católica romana são proibidas de iniciar escolas para crianças muito pequenas. Há

quem tenta disfarçar, falando de uma 'loja de galantaria', mas nada feito. O corporativismo ajuda quando mestras de escolas não católicas se recusam a pagar a taxa anual à guilda de mestres-escola em protesto contra a concorrência das colegas católicas. Como resultado, qualquer ensino inspirado no catolicismo romano é proibido. O Conselho de Igrejas exerce claramente influência na contratação de mestres e mestras para os colégios municipais e todas as escolas financiadas com dinheiros públicos. Essa influência não se verifica no ensino profissional: na escola de costura, tanto se admite crianças luteranas como católicas. Os amigos de Sluis sentem como todas essas desavenças religiosas mudam a oferta de ensino: as novas escolas na Zona Franca de Sluis, em Cadzand, Retranchement, Schoondijk, Waterlandkerkje e Zuidzande são financiadas com dinheiros provenientes de bens geridos por religiosos.
No domínio da religião outro desenvolvimento há em Oostende: no dia 18 de dezembro, 80 anglicanos juntam-se no Hotel Inglês na *Praça dos Legumes*, com a intenção de iniciar uma congregação da *Church of England*.

Perto do dia de Natal instalara-se o frio e já nevou abundantemente. Em toda a Europa Ocidental os rios e os canais congelam e dificultarão a navegação até meados de fevereiro dentro. O último dia de 1783, medem-se nos Países Baixos Austríacos temperaturas negativas de 13 até 24,4 graus Réaumur.
As barcaças diárias entre Gent e Brugge por 15 soldos e entre Brugge e Oostende por 10 soldos são afetadas pelo frio e o

gelo. A carroça de 36 soldos (6 *schellingen*) ligando Gent ao serviço de barcaça de Bruges para Oostende ainda opera, mas a diligence de Gent para Lille não efectua viagens entre novembro e fevereiro, como é habitual no inverno. Já em circunstâncias normais a viagem leva doze horas, das seis da madrugada até às seis da tarde. Neste frio gélido uma tal jornada pode revelar-se fatal para muitos passageiros.

No início de janeiro a comunidade da *Church of England* de Oostende celebra a sua primeira missa num armazém na *Rua de São Francisco*. Algumas crianças dessa comunidade começam a frequentar a *Casa-escola dos Cais*. Jan e Madeleine apreciam a crescente diversidade do grupo.

Jean-Jacques e Elise fazem uma curta visita a Oostende para discutir com o grupo de mestres amigos dos pais de Jean-Jacques o seu projeto de Brugge. Jean-Jacques traz dois exemplares do *Almanaque servindo os bispados de Gent, Brugge, Iperen en Doornyk*. Como muitos habitantes da região de Flandres sabem da erupção do vulcão Islandês, o almanaque refere o acontecimento. Para mais foram incluídas duas outras histórias respectivamente sob o título '*Terrível história do terramoto em Messina*' e '*O triste acidente ocorrido na ilha Formosa em dezembro de 1782*'. As montanhas cuspidoras de fogo como são referidas no Almanaque, estão definitivamente na moda.

Jean-Jacques traz também um exemplar do livro '*O pedagogo católico ou mestre-escola cristão no ensino do catecismo*'[1] editado pelo mesmo tipógrafo e vendido por 35 soldos.

---

[1] *Den Katholyken Pedagoge ofte christelijken onderwyzer in den catechismus*'

Uma noite, depois do jantar, o grupo senta-se para discutir o Almanaque e as aulas para o mestre-escola cristão.

"Se compararmos as previsões do Almanaque hoje com as do tempo do avô Pieter," começa Jan, "podemos talvez afirmar que a astronomia ganhou à astrologia."

"Queres dizer que já não aparecem aquelas afirmações vagas como '*amigos seus vão falecer*' ou '*vai chover durante este mês*' mas que se fala dos eclipses da lua e do sol e também das fases da lua?" pergunta Madeleine.

"Sim, as fases da lua continuam a ter significado para reconverter para o calendário solar as festas religiosas dependendo do calendário lunar," sabe Karel. "O cálculo da posição futura dos corpos celestes continua a ser necessário. Mas a superstição é difícil de erradicar e os horoscópios continuam popular, pelo que sei."

"Também tiveram tempo para folhar o '*Pedagogo Católico*'," pergunta Jean-Jacques.

Boudewijn começa a rir. "Para já, achei interessante a frase de abertura em resposta à pergunta qual é a vantagem do catecismo. O argumento utilizado pelo organizador Padre Petrus Van den Bossche é difícil de contestar: *O catecismo é um bom manual para a fé Católica*. É quase uma lapalissada."

"Sim, literalmente ele diz," começa Tiene pegando no livro e lendo em voz alta: " *'P. Como se poder fazer ver a vantagem do catecismo? R. Porque no catecismo se trata dos Mistérios e dos Valores mais altos da Religião Cristã*'."

Madeleine diz: "De determinadas partes do livro há pouco a dizer. Ele é obviamente coerente com toda a maneira de

pensar de quem guia os Católicos Romanos. Begga de Bruges, uma mulher de profunda fé, teria dificuldades com o modo como mais uma vez é descrito o corpo. O ser humano criado à imagem de Deus, certamente não tem corpo, se não porquê falar de modo tão negativo dele?" Ela cita: " *'P. O que nos está para observar em relação ao corpo do Homem? R. Também três coisas. Primeiro, a sua rejeição e maldade, a saber que é feito de lodo e terra e se transformará depressa em pó e vermes fedorentas, sim, que está cheio de sujidade e sujeito a incalculáveis vícios. Segundo, a sua nocividade, a saber que o corpo é um inimigo da graça de Deus e a nossa salvação, cheio de maus desejos*' Digo-vos!"

Karel sorri. "Não estás a ser inteiramente honesta, querida amiga," diz. "Não falas da terceira observação, que me parece menos negativa: '*Terceiro, a sua dignidade, a saber, que o corpo é a habitação de uma alma tão digna, e um instrumento da graça de Deus e dos santos sacramentos e capaz de um dia ressuscitar gloriosamente com a alma.*' É uma promessa, ou não é? Vai até ressuscitar sem mácula, apesar de antes ter sido transformado em pó e vermes."

Jan mira o amigo: "É claro que aqui começa a separação entre ciência e fé. Obviamente qualquer fé apoia e consola quem não consegue lidar com a mortalidade. Se ajuda as pessoas para se manter equilibradas, só podemos nos dar por satisfeitos. Entretanto a ciência mostra-nos claramente que um corpo físico morto só continua a apodrecer. Só é possível compreender aquela ressurreição simbolicamente e não literalmente."

"O conteúdo torna-se, direi mais quezilento, quando se fala

dos inimigos de Cristo," constata Elise.
"Sim," concorda Gertrude, "Como é? Ah, já encontrei: '*P. A quem chamas os inimigos de Jesus Cristo, e a sua cruz? R. Idólatras, Pagãos, Turcos, Judeus e Heréticos são inimigos de CRISTO e da sua cruz, Philip. 3. v. 18*'. Por mim isso é semear o ódio, e não consigo compreender como um indivíduo dito carinhoso, um indivíduo que, segundo os contadores da mesma história, carrega todos os fardos da humanidade nos seus ombros, tenha depois seguidores que falam de inimigos."
"Em resposta a essa tua observação será dito logo Deus nos ter dado sinais em número suficiente mostrando não apreciar os seus inimigos," responde Karel.
"Há na religião cristã um dilema constante entre um Deus zangado, punitivo e destruidor e um Deus amável, compreensivo e que perdoa. Isto reforça a minha opinião que se trata de uma história humana e não de uma história transcendente. Aquelas erupções emotivas parecem-me serem projeções de um determinado tipo de espírito próprio sobre outro tipo de espírito próprio. Mais vale admitir então que fomos criado à imagem de uma figura transcendente caprichosa, um Zeus, que tenta fazer o melhor que pode, mas nunca se controla por inteiro."
"Engraçado falares de Zeus," diz Jan. "Achei interessante um dos exemplos demonstrando a força da cruz. Escutem: '*Um Católico e um Herético deslocam se no caminho para Geneva, Flo.18.C.4.S.1, quando de repente se levantou uma grande tempestade de trovões e relâmpagos: o Católico, como é seu hábito, fez o sinal da cruz; mas o Herético, vendo, começou a*

*gracejar e achincalhar e perguntou se assim afugentava as moscas da face. Porém Deus Todo-Poderoso de quem não se ri, imediatamente com um raio do céu matou o difamador; e o Católico mesmo ao seu lado, ficou ileso e sem estorvo*'. É interessante por várias razões. Primeiro há o temperamento-Zeus: Ah, estás a rir de mim?, então toma! E depois há o relâmpago-Zeus. Pronto. O gigante da mitologia Grega revoltado e sujeito à ira tornou-se um herético pecaminoso, sujeito à mesma ira.

Mas simultaneamente podemos fazer uma reflexão acerca de *acreditar* ou *ser crédulo*. Um sinal de cruz realmente protege contra a queda de um raio? Não será mais adequado utilizar a invenção de Benjamin Franklin? Ouvi há pouco que se colocou um para-raios na torre da igreja reformada de Doesburg por aconselhamento do naturalista Krayenhoff. Os Católicos podem alegar a igreja ter sofrido a queda de um raio em 1717 porque Deus castigou os Reformadores pouco mais de cem anos depois da Reforma se ter apropriada dessa igreja em Doesburg. Os ditos Hereges podem, por outro lado afirmar confiar mais na ciência da natureza do que no dogma para proteger o seu local de culto…"

"Pai, com isso poderás ser culpabilizado de pensamento pecaminoso, receio" observa Jean-Jacques com ligeira ironia.

"É só pensamento, portanto não é um pecado real," riposta Jan.

"Não tenho a certeza disso, meu amor," diz Madeleine. "Se li bem o meu Van den Bossche, pecado real é algo que fazes ou não fazes de livre vontade. Se pensar for considerado como

‘fazer algo’, já estás a pecar, simplesmente por pensar naquela invenção herética.”

“Sim, sim,” provoca Tiene, “Vê só, Jan. Aqui está bem claro:

‘*P. Porque é chamado pecado real?*

*R. Porque o próprio Homem o torne real pela sua livre ação.*

*P. Quantas coisas são precisas para o pecado real?*

*R. Três: primeiro que fazemos ou não fazemos algo da nossa vontade contra a vontade de Deus. Segundo que o fazemos de livre arbitro, ou seja que está em nosso poder de o fazer ou de não o fazer. Terceiro que o fazemos com algum conhecimento acerca do mal, ou que conhecemos ou deveríamos conhecer o mal*’. Não acredito que escapas facilmente desta.”

Jean-Jacques continua a provocação: “Até é ainda pior pai. Diria que estás a cometer um pecado venial, leve, mas que se torne grave se não confessares. De pecado real e pecado venial fala Santo Agostinho. Ouve!” Jean-Jacques lê em voz alta:

“ *‘P. O que é o pecado real?*

*R. Santo Agostinho diz que pecado é tudo que de livre vontade você quer, diz, faz ou deseja contra a lei Eterna, ou seja a lei de Deus. Lib. 22 contra Faust. Cap 27.*

*Com isso também é descrito o pecado venial, quando incluímos aquela palavrinha contra, ou fora da lei Eterna, porque mesmo se o pecado venial não é realmente contra a Lei de Deus, como aquele que despreza e quebra a amizade de Deus, ele fica mesmo assim um pouco fora da exigência da lei Eterna e da vontade de Deus.*

*Esta descrição do pecado inclui os pecados contra os mandamentos legais dos seres humanos, às quais somos obrigados de obedecer,*

*sejam religiosos, sejam seculares; porque as ligações que advém das suas leis ou seus mandamentos, originam na eterna Lei de Deus. S Th. 1.2. q. 95 a.2.*
*Esta descrição do pecado abrange também o pecado da omissão daquilo que pela Lei eterna se é obrigado a fazer, dizer ou desejar. S. Th. 1. 2. q. 71. a. 6. ad 1'.*"
"Este trecho é muito interessante," considera Gertrude. "Não se baseia só na bíblia. Agostinho é autorizado de explicar em nome de Deus o que é pecado, na sua argumentação para Faustus, no livro 22, parágrafo 27. Na versão espanhola das obras de Agostinho está claramente escrito '*Pecado es un hecho, dicho o deseo contra la ley eterna*'. Dizer ou desejar já é pecado. Mas o que me salta à vista, é como se aconselha o pedagogo católico de seguir S. Tomás quando deixa decorrer a lei humana e secular da lei de Deus."
Tiene e Madeleine levantam o olhar. "É certamente um trecho de longo alcance," concorda Madeleine. "Aqui, o instrutor do pedagogo católico dá sem mais a entender que na ordem do mundo desejada por Deus o pobre pecador deva obedecer às leis de quem tem poder. A única consolação é que os tais pecados veniais não sujeitam logo à ira de Deus, pelo menos segundo os seus representantes católicos na Terra. Van den Bossche responde pois à pergunta '*O que são pecados veniais?*': '*São pecados que, mesmo que desagradam a Deus, não colocam a pessoa fora do estado de graça, de amizade de Deus, e que são facilmente perdoáveis e que pessoas piedosas cometem diariamente*'."
Jean-Jacques toma novamente a palavra: "É fácil livrar-se do

pecado venial, basta confessar. Não sei se o comércio de indultos ainda funciona, mas para se livrar deste tipo de pecados, provavelmente nem é preciso pagar. O pedagogo deve concentrar a sua ação na explicação acerca de qualquer um dos pecados mortais. É um assunto grave, pelo que é melhor envolver um profeta. Leio-vos em voz alta: '*Trata-se dum pecado que mata espiritualmente a alma da pessoa, como diz o profeta Ezequiel: A alma que pecará morrerá. Porque este pecado retira à alma a vida supranatural, a saber a graça de Deus, e coloca-a em situação de condenação eterna. Já falámos do pecado mortal e dissemos que ele é uma transgressão do Mandamento de Deus, em ato ou em pensamento, através da qual somos roubados da graça santificante, nos tornamos inimigos de Deus e sujeitos ao fogo eterno. O que para mais tem a ver com ele, poder-se-á ver e ouvir na continuação da presente lição*'.

O que me chamou a atenção é como todo o capítulo que aborda o pecado mortal traz exemplos baseados em raciocínios circulares, acompanhados de silogismos retóricos nos quais frequentemente a primeira premissa seja uma afirmação dogmática. Claro que um bom crente não pode duvidar do carater verdadeiro de uma afirmação dessas.

De seguida, o texto aborda os pecados capitais. Não é assunto leve sentir se culpado. Contudo, fica-me a impressão que um preceptor e pedagogo católico pode não ter grande sucesso quando tenta levar os seus discípulos a não pecar. Reparem no pecado capital avareza, e nem se quer menciono a luxúria.

À pergunta '*O que é avareza*' segue a resposta de Thomas de

Aquinas. '*É um desejo irregular ou imoderado de bens temporários S. Th.2. 2. q. 118. a.1*'. Avareza não é somente o medo de perder os bens, mas também o desejo de ser rico e poderoso e segundo Van den Bossche isto só traz ao mundo a injustiça e o mal. Recorre à bíblia para mostrar que se trata efectivamente de um pecado capital: '*Porque o desejo de ficar rico e poderoso ou o medo de perder os nossos bens é fonte de muitas injustiças e outros males, que brota deste pecado, diz o Sábio: Eccli. 10. 8. 9. Não existe nada pior do que o avarento; e o Apóstolo Paulo, Ephef. 5. 8. 5., chama a avareza a escravatura dos ídolos'*. Mais grave é de constatar o que decorre da avareza. Aqui, este livro para o pedagogo católico ensina-nos, e cito: '*P. Que pecados decorrem da avareza? R. São seis: impiedade, ansiedade do coração, engano em palavras e obras, violência, juramentos falsos, traição*'. Não é o que infelizmente constatamos entre os soberanos, não só durante cada conflito, mas também depois de cada conflito? Os tratados não são assinados e depois negados, não se recorre constantemente a falsos juramentos, não há constante traição por parte de quem se arroga o poder?"

Jean-Jacques enervara-se ligeiramente. Karel não consegue senão dizer: "Podemos nos interrogar com razão se essa nobreza e outras figuras poderosas de facto conseguem atuar sem recorrer às indulgências. Uma outra pergunta é se eles estão de facto interessados na salvação eterna.

Thomas Morus descreve *Utopia* como um lugar onde não há posse pessoal. Certamente não o faz por acaso, embora não se pode dizer que tivera muitos seguidores, tanto entre os seus

amigos católicos, como entre quem apoiava o surgimento da Igreja Anglicana de Enrique VIII."
Elise ri: "Nós próprios nunca vamos cultivar ideias de querermos ser ricos ou poderosos, penso. Mas estou curiosa em saber quais são os governadores e proprietários com a sua relação com Deus em ordem, no dia do Juízo Final. Ou pensam eles que vão conseguir corrompe-Lo. Vêem-No realmente como tão ingénuo?"

Fins de fevereiro chegam notícias de Lille. Os meses de inverno dificultaram a correspondência, mas a ligação entre Lille e Gent normalizou-se, embora o repentino degelo provocara muitas inundações. Tanto Benjamin Franklin, cientista americano em serviço diplomático em Paris, como o seu colega francês De Montredon continuam a relacionar as irregularidades das temperaturas desde há muitos meses às erupções vulcânicas na Islândia.

*Queridos filhos,*

*Faz algum tempo que não tivemos notícias de Oostende. Suponho que, tal como nós, sofreram um pouco durante esses frios meses de inverno. Como vão os projetos de Jean-Jacques e Elise, assim se chama a esposa dele, não é verdade? E vocês? O novo casal com o qual trabalham é do vosso agrado? E conseguiram o alargamento da casa-escola, agora que vivem naquele novo Cais?*

*Aqui houve alguns percalços. Durante o outono o Dieudonné teve muitas dificuldades para aguentar o calor e o nevoeiro*

*amarelo. Em Lille, muitas pessoas adoecerem seriamente e o frio que veio logo a seguir não melhorou a situação. Jan, o teu pai tem ataques de tosse cada vez mais frequentes e os teus irmãos e eu estamos apreensivos quanto à saúde dele. Muitas vezes tem a respiração ofegante. Ele próprio diz que carroça velha tem eixos a ranger e que tudo se arranja.*

*Em Paris há cada vez mais balões no ar. As pessoas dizem Montgolfières, pois os irmãos Montgolfier continuam as suas experiências com esses balões. Ouvi que Benjamin Franklin, ainda na França a promover os Estados Livres da América, já sonha de um voo de balão para a Irlanda. Daquele americano chegam nos muitas informações positivas. Diz-se que ele se movimenta tanto em meios favoráveis como os desfavoráveis ao rei e à igreja. Provavelmente tem a ver com o facto de ser referido como um dos fundadores dos jovens Estado Americanos Independentes. Amigos dizem também que ele gostava de abolir a escravatura, mas isso não o faz popular na própria América…*

*Sabemos de amigos de Arras, não muito longe daqui, que o filho de François de Robespierre não só segue as pisadas do pai, como também se revelou poeta. Acaba de ganhar um prémio em Metz. Lembram-se, Jan e Madeleine, François era um pouco mais velho do que vocês e estudou em Douai, onde teve aulas de um colega de estudos de Pierre. François nunca superou a morte da mulher quando deu à luz pela quinta vez. Ele emigrou para uma cidade germânica e diz-se ele ter morrido ali. Seja. O que soubemos dos nossos amigos é que Maximilien (recebeu o nome do avô) passou quase toda a infância e juventude em casa dos avós, 'gens de robe'. É ou fora sido juiz no tribunal episcopal.*

*Digo 'fora' porque consta ter se oposto à sentença de morte de um criminoso. Não me ficou claro se ele se pronunciou contra a sentença de morte em geral ou contra a execução por certos atos criminosos, por exemplo contra a igreja. A mulher do teu irmão Karel passou algum tempo com uma das filhas de François, Charlotte, numa instituição para a educação de jovens mulheres de boa proveniência mas sem grande fortuna. Ela tenta saber mais. Tal como o pai, Maximilien parece dar pouca importância à igreja, e, diferente do pai, não é adepto da concentração do poder na pessoa do Rei. Já perceberam porque estamos interessados em saber mais.*

*Queridos filhos, esperemos que o tempo se torne menos imprevisível nos próximos meses. Seria benéfico para a saúde de Dieudonné. De vez em quando tento convencê-lo procurar o ar do mar trazido pelo vento lhe faria bem. Hoje em dia Lille está muitas vezes sob um manto de fumo de chaminé, mas ele não quer ouvir falar de uma deslocação à Oostende.*

*Abraço-vos todos.*

Os balões parecem tema de conversa em muitos sítios. Os pais de Elise dizem que o Conde de Arenberg experimenta com gases para encher balões no seu castelo em Heverlee. Na universidade de Leuven o professor Minckeleers considera gás de hulha a solução para aumentar a capacidade de voo dos balões.
A loucura pelos balões chega também a Oostende, onde no dia 8 de fevereiro um *Montgolfière* se elevou no céu.
Na Feira de Cavalos primaveril de Brugge, Elise e Jean-Jacques constatam como os balões influenciam novamente as histórias

de superstição. Como em outros sítios, muitos frequentadores da feira consideram os balões a causa principal dos estranhos fenómenos do tempo no ano transato. Há até quem afirma de alto e bom tom que a lua poderá bem ser ocultada para sempre se estes balões começarem a ocupar muito espaço no céu, ou não foi isso que aconteceu há pouco mais de um mês? A lua ficou vermelha e depois desapareceu durante quase uma hora. Quem conta esta história ligando o temporário desaparecimento da lua aos balões é gozado por outros: de vez em quando a lua desaparece e isso não tem nada a ver com balões mas com o generalizado comportamento pecaminoso na terra. Isto, por sua vez, faz rir outros. Assunto mais sério é que também o sol poderá desaparecer novamente, e não devido a neblinas e nevoeiros como o ano passado. Não, imaginem só o sol simplesmente a ficar preto, a desligar… Poucos visitantes da feira de Brugge irão alguma vez saber que foi exatamente o que aconteceu há dois meses nas ilhas das Caraíbas colonizadas pelos vizinhos do Norte, semeando o pânico entre a população de escravos.
Mas hoje e agora, Jean-Jacques irrita-se. Como é possível existir ainda tanta ignorância em relação a um fenómeno tão previsível e de fácil explicação como um eclipse, os almanaques mais antigos já os referem. Talvez não se trata somente de ignorância. Querem os humanos simplesmente acreditar em contos de fada?

O bairro *Hazegras* não fica muito longe da casa-escola. Esta tarde de maio, Jan resolve passear nessa direção. Quer ver

com os próprios olhos a nova fundição onde baleeiros poderão descarregar o toucinho dos animais caçados para ser transformado em óleo. Tio Johannes falara-lhe dessa nova empresa parcialmente financiada por um banqueiro de Bruxelas do seu círculo de conhecidos. A família continua interessada em investir em tudo que tem a ver com a pesca e atividades afins. Depois de uma agradável conversa com o parceiro de negócios do conhecido de Johannes, Jan regressa à casa perdido em pensamentos. Não só o investimento na empresa parece-lhe interessante. Gostava de trocar impressões com Ingelet, Jozef Pieterszoon e os pais de Boudewijn e Gertrude. O comércio com todo o tipo de pesca é um bom investimento, as atividades no mar intensificaram-se muito. Talvez até consegue convencer Boudewijn e Gertrude de não virar completamente as costas para o passado familiar. Bem disposto abre a porta da sala de estar para falar com Madeleine desses novos planos. Mas ela está num pranto. Levanta-se do sofá soluçando e dirige-se a ele com algumas folhas de papel na mão. Ela passa-lhe uma carta e ele começa a ler com as mãos a tremer:

*Caro irmão,*

*Espero não estares sozinho quando a minha carta te chega. Sei que já estás com o coração apertado, a pensar porque que é que Karel me escreve tão pouco tempo depois da mãe. Sim, querido irmão, podes bem ter esse olhar assustado. O que te devo escrever não é nada agradável. Trata-se do nosso pai. Sei que a mãe te escreveu das dificuldades respiratórias depois do verão quente, seguido do inverno muito frio. Lille não foi nada poupado da*

*neblina amarela e muitas famílias tiveram que chorar mortos devido às epidemias sobretudo originadas pelo tempo. Desde o início do ano insistimos para nos mudar para a costa ou pelo menos para procurar um local mais bem arejado, quando a respiração do pai começou a piorar. Mas sabes como ele foi sempre casmurro.*

*Querido irmão, sei que tenho que te dizer o que vem a seguir. Perdoa-me ter tanta dificuldade em fazê-lo. O nosso querido pai, Jan, o nosso querido pai faleceu no dia 6 de maio. Sei como é duro lê-lo assim e é duro dizê-lo assim, Jan.*

*Os dias depois do falecimento do pai não foram fáceis. E nem vimos chegar o rápido fim, a mãe to teria dito na carta anterior. Nada fez supor aquele dia ser diferente dos outros dias do último ano. De vez em quanto tinha um violento ataque de tosse, mas depois parecia estar melhor. No dia 5 de maio fomos visitar os pais de Madeleine. A noite foi agradável, acompanhada de uma boa taça de vinho. Tudo parecia normal. Como muitas vezes acontecia nos últimos tempos, a mãe levantou-se primeiro. Ela foi falar da organização do dia com a governanta da casa e depois de algum tempo estranhou o pai ainda não ter saído do quarto. Foi ver e encontrou-o sem vida, na cama.*

*A mãe tenta ser forte, mas vejo bem como ela está apagada. Além da perda, ela está preocupada com o que lhe vai acontecer. Os seus amigos continuam a dizer que tanto ela como o pai já não eram bem vistos nos círculos do poder, mas as suas posições às vezes radicais contra posse e arrogância, também não são do agrado dos revoltosos. Verdade seja dita, toda a França transformou-se num imenso baril de pólvora. Vê-se todos os dias a*

*desconfiança entre as pessoas a aumentar. Para ser breve, a mãe prefere não ficar em Lille, agora que o pai já não está entre nós. Durante tantos anos puderam falar e viver segundo a sua própria interpretação ética do humanismo, porque discutiam previamente juntos cada conversa com outros, cada encontro, cada escrito, assim entendi. Hoje está sozinha, sente-se fraca e ameaçada. Falei longamente disso com a minha esposa. Pensamos que o melhor a fazer, é de acompanhar a mãe para Oostende.*

*Enquanto escrevo a carta que estas a ler, a mãe está a escrever outra à tia Maria. Ela propõe-se ir viver em casa da tia. Nós próprios ainda vamos estudar o que queremos fazer daqui para frente. Queremos acompanhar a mãe para Oostende, mas não queremos ficar lá. Pensamos nos Países Baixos do Norte ou em Cambridge. Consegues ajudar-nos? O nosso irmão quer ficar em Lille e gerir os bens da família aqui. Parece-me uma boa solução, o que achas?*

*Querido Jan, sei que vais estar muito tristonho devido à minha missiva de hoje e perdoa-me te falar tão abertamente do futuro, no mesmo momento em que te anuncio o falecimento do pai. Espero conseguirem ganhar forças juntos apoiadas em todas as boas lembranças que tu e Madeleine partilham do nosso querido pai. Espero abraçar-nos em breve. Teria preferido uma grande reunião de família em torno dele, mas já não foi possível. Aguardo a tua resposta com grande expectativa,*

*O teu Karel.*

*Querido Karel,*

*Não tenho palavras para te descrever o estado em que a tua*

*carta nos deixou. É difícil de perder alguém assim tão de repente. Podemos te dizer já que iremos receber-vos com braços abertos a mãe, a tua filha, a tua esposa e tu. Ontem estava cá a Tia Maria. Ela planeia algumas alterações na casa dela para a mãe se sentir em casa o mais rapidamente possível. Ela espera mesmo conseguir ser uma amiga reconfortante. Sei da ampla correspondência de ambas, na qual estava também envolvida Begga de Bruges com a qual as duas criaram uma forte relação.*

*Apraz-nos hospedar-vos na nossa casa todo o tempo que querem ficar em Oostende. Também teremos o maior gosto em vos ajudar quanto aos vossos futuros planos de migração. Parece-nos sensato o nosso irmão debruçar-se sobre os pertences da família em Lille se tiver vontade para tal. De qualquer forma, aconselho-vos de fazer claros acordos e de consultar o irmão de Madeleine. Como a mãe sabe, ele retomou os clientes do pai Lacour e vigiará certamente tudo se passar conforme a lei. Fica imediatamente claro que nós não reclamamos nada. Preferimos que façam tudo para a mãe e a tua família terem alguma segurança financeira nos próximos anos, até terminar essa fase de profundas mudanças nas vossas vidas.*

*Querido irmão, até breve, cá em Oostende.*

O verão começou e com ele a primeira das duas feiras anuais. Jan e o irmão Karel observam. O número de famílias provenientes da França aumenta. Além do dialecto de Oostende ouve-se falar muito francês, e o sotaque faz perceber tratar-se maioritariamente de pessoas vindo das zonas fronteiriças. Segundo Karel sabe, ao abandonar o país, os parisienses

procuram antes outras grandes cidades como London ou Amsterdam, eventualmente cidades no vale do Reno. Até para a Confederação dos XIII Cantões há maior fluxo de emigrantes parisienses do que para os Países Baixos do Sul. Sente-se aí também alguma instabilidade mas as universidades continuam a atirar humanistas e gente das cidades. Os dois irmãos caminham em direção ao dique e ao farol, onde encontram um William Hasketh muito entusiasmado por este ano ter, além das roulottes de banho, uma '*cabane temporaire*' com refrescos e bebidas para os banhistas. Os edis de Oostende acabam de lhe passar a licença. Hoje, Oostende é frequentado por muita gente, não só franceses ou pessoas vindo do interior, mas também ingleses que atravessem o Mar do Norte para passar algum tempo cá. Os esforços do Imperador José II não são estranhos a todo esse desenvolvimento. Mas não tudo que José II decreta é recebido com o mesmo agrado. Há por exemplo grandes protestos contra o fim do enterro no centro das cidades. Ninguém percebe que se trata de uma exigência sanitária, e muitos consideram ser um ataque aos privilégios das famílias abastadas enterradas dentro de ou junto às igrejas centrais.

Quando em meados de setembro Jan ouve haver maçons a reunir-se na *loge des Trois Niveaux établies à l'Orient d'Ostende* ele suspeita o envolvimento do irmão na criação desta nova loja. Contudo, e embora de abrangência internacional, esta loja tem assinatura católico-romana o tornando a participação do irmão menos provável. Resolve não abordar o assunto com Karel, porque sabe que, seja como for, só terá umas respostas evasivas.

Entretanto, e apesar do interesse da sua esposa e filha para a casa-escola, a família decide estabelecer-se mais a Norte. Ficará em Utrecht, onde Karel poderá fazer trabalho de pesquisa na universidade. Oficialmente continua a não serem aceitas mulheres no ensino superior, mas a esposa e a filha solteira poderão trabalhar com Karel sem lhes ser apontado o dedo. Querem elaborar o mapa das primeiras gerações de empreendedores e empreendimentos do último século, estudar eventuais padrões e ver se existem tendências levando ao afastamento das rotinas tradicionais da relação homem-mulher.

Logo, em finais de novembro, já não é o irmão a acompanhar Jan nas suas visitas à segunda feira anual de Oostende. Mas não deixam de ser passeios em família. Jean-Jacques e Elise desceram até Oostende pela ocasião. Os jovens caminham com os pais de Jean-Jacques, avó Mathilde e tia-avó Maria, da feira para o dique e o mar. A praia já revela o seu aspecto invernal e abandonada, sem roulottes de banho ou *cabane* com refrescos de Hasketh. Existe contudo alguma atividade entre a linha de maré alta e o bordo de água de quem extrai clames-de-areia com a faca-espátula apropriada.

Durante o passeio conversam acerca das últimas ordenanças do Imperador.

"Penso que o Imperador se aventura em terreno perigoso," opina Mathilde, "com o edital que seculariza o casamento."

"De qualquer modo vai, num só gesto, receber a oposição de muitos bispos," pensa Elise.

"E não só bispos. Não vai agradar às famílias tradicionais de quem surge frequentemente o alto clero," acrescenta Jan. "Vai

mais uma vez ser um confronto. Aqui, a igreja perde claramente uma parte do seu poder, porque deixa de ser necessário preocupar-se com as restrições por ela impostas, sobretudo para desfazer um casamento. Não foi essa a origem da Igreja Anglicana? Mas desta vez o Papa nem é consultado nem atacado, parte-se simplesmente do princípio que a união entre duas pessoas não é assunto da igreja, mas assunto de pessoa, citadino ou camponês. Mas temo que, depois da histeria em torno de albergues e estalagens, os distúrbios acerca dos enterros e agora isso, invisivelmente a resistência se vai organizar, tão invisível como o eclipse lunar em pleno dia neste mes de agosto."

"As tuas comparações são tão rebuscadas como em tempos as do teu pai," observa Mathilde com um sorriso melancólico, "mas penso que tens razão. E a Corte não é muito prudente. Ficou claro que as influências ultramontanas serão banidas do ensino teológico e que as ordens monásticas vão depender menos de Roma."

Jean-Jacques acrescenta: "Estou curioso em saber o que vai acontecer no geral com o ensino. O imperador continua na linha da mãe dele. O pai de Elise contou-nos haver preparações em curso para enviar todos os seminaristas para um seminário imperial em Leuven. De momento está-se a proceder ao controlo imperial das nomeações do corpo docente."

"Posso mudar de assunto?" pergunta Maria. "Não tenho muitas informações acerca da vida artística junto à Corte. Mas sei que o Imperador continua a ser patrono por excelência da Ópera

de Viena onde tem Wolfgang Mozart em alta consideração. E sabem, o irmão mais novo do Imperador, o atual Arcebispo e Eleitor de Köln contratou também Beethoven, a outra criança pródiga. Com 13 anos tem agora pelo menos um concerto de piano escrito, assim ouvi de uma das aias da governadora Maria-Christina."

"Como vamos conseguir encaminhar mais música e teatro para Oostende?" suspira Madeleine. "Seria boa coisa para as crianças. Infelizmente bons recitais de música continuam escassos, mesmo na igreja. E de ópera e música de câmara nem sequer falo."

"Jean-Jacques e eu tentamos incorporar mais aprendizagem dessas artes na oferta da nossa casa-escola de Bruges," diz Elise. "Mantemos o contacto com uma confraria, mas é difícil de convencer alguém de apresentar música de câmara para crianças, sobretudo quando elas não provêm da burguesia abastada ou da aristocracia. Pensa-se logo que vai haver roubos. Mantemos alguma esperança, depois do nosso encontro com Bispo Brenart. O meu pai conhece-o do tempo em que ia regularmente a Leuven para os seus estudos acerca da História da Igreja Católica nos Países Baixos do Sul. Sendo humanista, preocupa-se claramente com o abuso de poder sobre pessoas ignorantes, por parte cultivando uma superstição associado à ignorância. *Sine Minerva Nihil*, Nada sem Ciência, é o seu lema episcopal. Podemos interpretar este lema de várias formas, claro. Parece-me que Brenart se deixou influenciar por François-Charles de Velbrück, Príncipe-Bispo de Liège. Este não só obrou para uma maior implementação da

rede de escolas para pobres; sim, eu sei, não significa um ensino equivalente ao dado à aristocracia — acrescenta Elise vendo a reação de Madeleine — mas também se mobilizou pela pintura e pela música."

"Tal como houve Claudius Cardinalis, encontras também hoje bispos e altos representantes da Igreja interessados no humanismo e pelos filósofos humanistas e deles retomam ideias," começa Mathilde. "Mas é melhor não fazer demasiadas ilusões acerca do impacto real que isso tem sobre a população em geral. O humanismo está circunscrito a determinados estratos dizia o vosso pai, como antes o vosso avô falava dos estados, depois de estudar textos de pensadores como Voltaire e Rousseau, mas também Hume com quem passou algum tempo. Poucos humanistas dedicaram aos escravos e aos pobres a mesma atenção dispensada à divulgação da ciência e do conhecimento entre aristocratas, nobreza de toga e burguesia abastada.

Numa das suas primeiras cartas desde Utrecht, Karel conta que os párocos católicos nas aldeias à volta da cidade continuam a protestar contra o uso do catecismo de Heidelberg. Preferem certamente o catecismo de Mechelen, elaborado pelos jesuítas, apesar da companhia ter sido oficialmente dissolvida. Mas quero-vos contar outra coisa: nas aldeias de Utrecht, pouco mais de 5 em 10 homens católico-romanos sabem escrever o seu nome no casamento. São 3 em 10 jornaleiros e 7 em cada 10 lavradores e artesãos. Entre os seguidores da Igreja Reformada, 3 em cada 4 homens sabem escrever o seu nome, 1 em cada 2 se isolamos jornaleiros e pobres. Não sabemos,

certo, se as aldeias em torno da cidade universitária de Utrecht são representativas para as províncias da *Belgium Fœderatum* em geral. E também é difícil afirmar haver uma relação direta escrever o seu nome e ter estado na escola."
"Penso entender o que me está dizer, avó," diz Jean-Jacques depois de uma curta pausa. "Para mais é difícil deduzir do facto de saber escrever o nome o conhecimento geral duma pessoa. Temos a consciência que devemos pensar mais na qualidade do trabalho com crianças do que nas condições em que o fazemos. Tentamos interessar figuras-chave pelo nosso trabalho. Aprender, verdadeiramente aprender, só o conseguimos com quem reflecte como nós em como aumentar e organizar o tempo no qual é possível dar às crianças a oportunidade de ligar a sua curiosidade infantil ao conhecimento humano."

Quando Jean-Jacques e Elise iniciam a casa-escola no final do verão de 1785, Jean-Jacques já reunira à sua volta um grupo de cidadãos dedicando o tempo livro a aquisição de novo conhecimento. O casal conseguiu mais informações em relação à Escola-Quinta de Johann Pestalozzi e Anna Schulthess graças a alguns amigos de Mathilde que emigraram para a Confederação dos XIII Cantões. Recebem os dois primeiros volumes de *Lienhard und Gertrud* e também um exemplar de *Aufsätze über die Armenanstalt auf dem Neuhofe*[1]. Jean-Jacques e Elise sabem que Pestalozzi se inspira das ideias de Rousseau. Mas Jean-Jacques está desiludido quando constata que Pestalozzi não honra a velha máxima de Jan Amos Comenius de

[1] Ensaio acerca da casa de pobres no Neuhof

disponibilizar todo o conhecimento a todos. Pelo que Jean-Jacques entende, o pedagogo interessa-se sobretudo em treinar os pobres de modo eficiente para a sua auto-suficiência. Não é possível interpretar a afirmação "*Der Arme muss zur Armut auferzogen werden*"[1] como uma proposta para tornar Conhecimento e Ciência acessível a todos. No ensaio acerca da casa de pobres no Neuhof, Jean-Jacques lê entre outras coisas[2]:
*"Sempre acreditei que instruir os pobres é a tarefa mais importante da instituição para órfãos. Os pobres são em primeiro lugar pobre porque não foram ensinados para atender às suas necessidades. Temos que travar isso. Além da educação geral que se aplica a todas as pessoas, o objetivo final da educação dos pobres é que eles se encontrem na sua condição. Os pobres devem ser criados para serem pobres. Verificar se isso acontece deve ser a nossa principal preocupação quando queremos saber se uma instituição é realmente boa.*
*Educar os pobres requer um conhecimento profundo e preciso das reais necessidades, limitações e condições da pobreza. Requer*

---

[1] Os pobres devem ser criados para saberem serem pobres

[2] Ich habe immer die wichtigste Armenanstalt in der Auferziehung der Waisen geglaubt. Der Arme ist mehrenteils arm, weil er zur Erwerbung seiner Bedürfnisse nicht aufgezogen ist. Man sollte hier die Quelle stopfen. Der Endzweck in der Auferziehung der Armen ist, neben der allgemeinen Auferziehung des Menschen, in seinem Zustande zu suchen. Der Arme muß zur Armut auferzogen werden. Und hier ist der Brüfungsgnoten, ob eine solche Anstalt wirklich gut sei. Die Auferziehung des Armen fordert tiefe, genaue Kenntnis der eigentlichen Bedürfnisse, Hemmungen und Lagen der Armut, Kenntnis des Details der wahrscheinlichen Lage ihrer künftigen Tage. Denn es ist in allewege Wahrheit, daß jeder Stand des Menschen seine Tugend vorzüglich in den Einschränkungen. Hemmungen und Beschwerlichkeiten seiner ältern Tage üben soll, und ich glaube, das Wesentliche der Lehrzeit eines jeden Berufes bestehe in den Übungen der Beschwerlichkeiten desselben, in der Geduld und Überwindung aller Wünsche, die an einer fortgehenden, ununterbrochenen Tätigkeit in künstigen Hauptpflichten hindern würden.

*conhecimento dos detalhes da provável condição dos dias futuros dessas crianças. Na verdade, todas as pessoas, seja qual for a sua classe de pertence, praticam a virtude em primeiro lugar de acordo com as suas limitações, os obstáculos e as suas dificuldades na velhice. Acredito que a essência da aprendizagem de qualquer profissão consiste em praticar pacientemente as dificuldades inerentes e superar todos os desejos que impeçam a continuidade da atividade ininterrupta nas futuras tarefas principais..*"

Elise repara que Johann Pestalozzi interpreta Rousseau provavelmente no sentido em não ensinar demasiadas coisas mas somente ajudar as crianças do campo a desenvolver as suas capacidades para conseguir comida suficiente do bocado de terra que cultivam para as manter felizes. Se, além disso conseguem vender as sobras, já não ficam sujeitas à caridade.

Aparentemente, como outros, Pestalozzi não considera a divulgação do conhecimento uma possibilidade para melhorar o destino da humanidade. Para Elise Pestalozzi continua a assumir todos termos um espaço no nosso próprio estado, ou na nossa própria classe. Para ele, devemos ser educados para viver uma vida decente e feliz lá onde estamos. Ele escreve acerca disso[1]: *"O filantropo deve descer até a mais baixa cabana da miséria, ele deve ver o pobre homem no seu quarto escuro, a*

---

[1] Der Menschenfreund muß hinabsteigen in die unterste Hütte des Elends, muß den Armen in seiner dunklen Stube, seine Frau in der Küche voll Rauch und sein Kind am fast unmöglichen Tagewerk sehen Wenn diese Kinder so bei armen Eltern, so in armen Hütten lebten, so würden sie notwendig an alle diese Einschränkungen so gewöhnt, daß sie ihnen nicht beschwerlich sein würden, sie würden unter diesen Beschwerlichkeiten ruhig und glücklich leben können. Eine gute Auferziehungsanstalt soll ihnen diese Ruhe, diese Zufriedenheit nicht rauben. Und das würde geschehen, wenn der Menschenfreund, der arme Kinder auferziehen will, nicht genügsame Kenntnisse der Armut und ihrer Hilfsmittel hat.

*sua esposa na cozinha cheia de fumo, os seus filhos no quase impossível trabalho diário. Se as crianças órfãs (abandonadas) pudessem viver com pais pobres em choças pobres, elas estariam necessariamente tão acostumadas a todas essas limitações que não lhes seria um fardo. Elas poderiam viver tranquilas e felizes com esses fardos. Uma boa instituição de ensino não lhes deve roubar essa paz e esse contentamento. É o que acontece quando o filantropo quer educar crianças pobres sem ter conhecimento suficiente acerca da pobreza e dos próprios recursos dos pobres".*

Enquanto o Neuhof existia, a educação das crianças abandonadas revestia-se sobretudo de instrução para a tecelagem, a fiação e o trabalho de campo ou horticultura, completado com lições simples da pequena escola. Mas aquele *Selbstbefreiung durch das Wissen*, ou *auto-libertação através do conhecimento*, não era tão simples, nem para o próprio Pestalozzi, pensa Jean-Jacques, quando é informado o Neuhof fechara as portas em 1780 depois de ter sido declarado insolvente. Entretanto, Johann e Anna abraçaram novos projetos educativos assim parece e as crianças dos ano '80 passaram a ser jovens trabalhadores nas industrias locais, recebendo um salário de miséria. Se estão tão felizes como Johann e Anna é difícil de averiguar…

O princípio de estimular a auto-suficiência e assim evitar a dependência da caridade é claramente um ponto de partida interessante. Jean-Jacques sabe como um bom coração pode tornar outras pessoas dependentes. Mas será a proposta de Pestalozzi para treinar os pobres a saberem ser pobres a única solução para sair daquela dependência da caridade? Parece.

Na prática ele sugere de educar pobres infelizes para se tornar pobres felizes: "*O espaço educativo da criança pobre deve-se assemelhar o mais que possível à sua futura sala de estar. Estremeço quando penso na miséria dos desafortunados que perecem por caridade imprudente, a caridade que os faz labutar chorando sob o peso da pobreza desconhecida, lamentar quando comem o seu pão seco. Estremeço quando, devido a caridade, vejo definhar crianças enfermas*.

*Na boa verdade, no meu coração também existe aquele calor ardente, aquele desejo pelo bem-estar, pelo maior bem-estar possível, desses abandonados; mas só posso expressá-lo apoiando-os para viver na extrema aclimatação às restrições mais severas, dando unicamente a instrução principal para garantir futuro trabalho na indústria mais promissora. Isso combina-se com a continuada habituação séria e sustentada a todos os tipos de dificuldades que vivem os pobres do país e à inconveniência do entretenimento colectivo."*[1]

Não se trata aqui de uma solução de simples facilidade? Jean-Jacques aborda a questão com Elise. Ela foi há pouco brindada pela Mathilde com um exemplar de *Politique Naturelle*, durante a sua última visita a Oostende. O livro não refere o autor, mas

[1] Seine Auferziehungsstube soll seiner künftigen Wohnstube soviel möglich gleich sein Mir schauert vor dem Elende der Unglücklichen, die durch unweise Wohltätigkeit verloren gehen, wenn ich sie unter der Last der unbekannten Armut in Thränen arbeiten, in Thränen ihr Brot essen, wenn ich sie wie kränkelnde Kinder ihr Leben durchserben sehe. Wahrlich, auch in meinem Herzen brennt innige Wärme. Liebe zum Wohl, zum größten möglichsten Wohl dieser Verlassenen; aber ich sehe es nur in der äußersten Angewöhnung der strengsten Einschränkungen, in der angelegensten Ausbildung, der tätigsten Industrie, verknüpft mit ernsten, anhaltenden Übungen in allen Arten von Beschwerlichkeiten der im Lande üblichen Unterhaltungswege der Armut.

os conhecidos têm quase a certeza que se trata de uma obra da mão de barão D'Holbach, conhecido pelos seus debates de salão, com a filosofia como ingrediente mais importante. Assim, Elise observa: "O que mais me chama à atenção no raciocínio de Johann Pestalozzi é de manter a separação absoluta entre estratos sociais. Nisso não difere de Comenius ou La Salle; espera um momento —- acrescenta, quando vê a reação de Jean-Jacques —; eu sei como Comenius e La Salle diferem entre eles quanto à divulgação do Conhecimento e da Ciência, mas tens de aceitar que nenhum dos dois se interroga sobre a divisão dos seres humanos em estados. Os dois limitam-se a constatá-lo. Comenius é só mais generoso quando se trata de fazer conhecer a todos o conhecimento junto pela humanidade. Mas volto ao Johann Pestalozzi. Já passaram cento e cinquenta anos desde Comenius e mesmo assim, Pestalozzi continua a se fixar na premissa de Démia ou La Salle que os pobres não precisam aprender tanto como os ricos. Démia e La Salle fizeram esta proposta porque, para eles, não simplesmente é necessário os pobres saberem tanto como os burgueses abastados e a aristocracia. Transparece das palavras de Pestalozzi a sua preocupação para que os pobres possam viver felizes. E isto a mim parece-me uma interpretação livre do pensamento 'Rousseauano' do feliz ignorante. Démia e La Salle posicionam-se obviamente a partir de uma visão católica-romana de submissão a um dogma que eles próprios aceitam por absoluto. Nesse sentido entendo o raciocínio de D'Holbach. Ele fala de liberdade de consciência e diz: '*Pour être libre, il ne suffit pas que la personne & les possessions du Citoyen soient à*

*couvert de l'oppression; il faut encore que son esprit débarrassé des chaînes de la Tyrannie, puisse suivre en liberté les idées qu'il juge vraies, utiles, nécessaires à son bien-être. Les hommes sont religieux, mais ils ne le sont point de la même manière. Les divisions religieuses ont surtout les conséquences les plus terribles, lorsque l'Autorité Souveraine a la folie de vouloir mettre de l'uniformité dans des sentimens qui n'en sont pas susceptibles, ou de prétendre régler sur les siennes, la conduite & les idées des Sujets relativement à une chose plus respectable pour eux, que toutes les lois humaines, que l'Autorité des Rois & que leur propre vie.'*[1]. Para D'Holbach uma política Estatal correta é uma na qual não se decreta supremacia duma religião ou filosofia de vida em relação a todas as outras. Esta liberdade de pensamento deve ser garantido pela autoridade secular. Mas a garantia da autoridade secular não serve de nada se dispomos unicamente de padres-formadores que só confundem e enganam as pessoas. E, para D'Holbach é exatamente o que eles fazem. Ele diz literalmente: *'Des prêtres trompeurs ou fanatiques, loin d'instruire les peuples, les rendent insociables et turbulens. Égarés par de tels conducteurs, les hommes ont rarement des idées saines de liberté, et se conduisent en bêtes*

[1] Para ser livre não basta que a pessoa e a propriedade do cidadão sejam protegidas da opressão; também é necessário que a mente, liberta dos grilhões da tirania, possa seguir livremente as ideias que considera verdadeiras, úteis e necessárias ao seu bem-estar. As pessoas são religiosas, mas não todas da mesma forma. A divisão religiosa tem as consequências mais terríveis, especialmente quando a Autoridade Soberana é louca até ao ponto de querer uniformizar os sentimentos que não são suscetíveis a sê-lo, ou de pretender coordenar o comportamento e as ideias dos sujeitos, quando falamos de algo que lhes é mais respeitável do que todas as leis humanas, do que a autoridade dos reis e do que suas próprias vidas.

*féroces pour l'acquérir ou la défendre.'*[1]. Subscrevo D'Holbach quando ele diz que não se pode esperar grande coisa deste tipo de mestres-escola. Mais, D'Holbach afirma: '*Sous de tels instituteurs, les Peuples ne contractent qu'un esprit de servitude, que l'habitude de se laisser guider sans raisonner, qu'une apathie funeste pour les objets les plus intéressants de ce monde. Les leçons de ces maîtres ne parlent aux hommes ni de liberté, ni d'amour du bien public, ni de l'ambition de mériter l'estime de ses associés, ni de l'activité nécessaire à la vie sociale ; ... elles ne font que décourager l'homme, …'* [2]. E para te responder ao que me perguntaste acerca de Johann Pestalozzi; sim, parece me que o mínimo que se pode dizer é ele escolher uma solução fácil: deixamos viver os pobres como pobres, apoiamo-los para aprenderem a sobreviver e ficarão felizes com isso. Não lhes ensinamos um dogma que posteriormente poderão querer defender fanaticamente, mas façamos o que muitos padres fazem quando não os ajudam para aprender a pensar: ensinamos uns contos morais. Para mesmo assim ficarem felizes, ensinamo-los como melhor lidar com a sua condição, ensinando-os não tentar sair dela e fazendo com que não tenham contactos com outras formas de viver."

---

[1] Em vez de educar as pessoas do povo, padres enganadores ou fanáticos tornam-las anti-sociais e rebeldes. Enganadas por tais líderes, as pessoas raramente têm ideias saudáveis sobre liberdade e agem como feras quando as querem adquirir ou defender.

[2] Sob tais mestres, o povo adota apenas um espírito de servidão, apenas o hábito de ser conduzido sem raciocínio, apenas uma desastrosa apatia mesmo para os objetos mais interessantes deste mundo. Os ensinamentos desses mestres não apelam ao povo nem sobre a liberdade, nem sobre o amor ao bem comum, nem sobre a ambição de ganhar a estima de seus companheiros, nem sobre as atividades necessárias à vida social; ... Tudo o que eles fazem é desencorajar as pessoas, ...

Elise e Jean-Jacques provavelmente nunca souberam que aproximadamente na altura dessa partilha de impressões, a escola dos pobres de Oostende para órfãos e crianças abandonadas tenta obter da administração central em Bruxelas uma dispensa total de taxas sobre a venda em qualquer ponto do país do trabalho de renda branca produzido pelas crianças. O mercado maior, argumentam os responsáveis da escola, responde melhor às necessidades financeiras da escola. Poderia-se chamar a isso uma proposta-Pestalozzi.

A Companhia de Oostende há muito condenada à extinção foi entretanto efectivamente dissolvida. Como aconteceu nos Países Baixos do Norte, nos primeiros tempos os Países Baixos do Sul sentiram grandes alterações nas trocas comerciais com Hamburgo, mas nos últimos anos a situação mudou bastante. Hoje Oostende fornece Hamburgo de grandes quantidades de café, chá, açúcar, arroz, farinha de mandioca, tabaco, especiarias, peles, corno e algodão, provenientes dos territórios de ultramar no Oriente e no Ocidente. Diminuíra, é certo, a exportação de produtos em direção aos territórios de ultramar. Oostende deixou de ser um posto de comércio planetário como o era durante as guerras navais entre Espanha, França, Holanda e Grã-Bretanha entretanto terminadas. Outras companhias apoiadas pelos Austríacos como a *Associação Asiática de Triest*, não rumam só para Triest e Livorno mas também para Oostende. Contudo, hoje, a elevada atividade de Oostende tem sobretudo a ver com dificuldades internas nos portos de Nantes, Bordeaux, Marseille e Le Havre.

Seja como for, as famílias Lesmeister e Lemaître transferiram quase todos os seus investimentos para a armação de barcos para comércio local, pesca e as atividades afins, mantendo apenas um mínimo interesse na marinha mercante transoceânica.

## O saber, um privilégio reservado

Não é claro para os Lemaître se a política conduzida pelo Imperador em todos os territórios por ele controlado é influenciada pelas ideias de D'Holbach. José II procura reduzir o monopólio eclesiástico no ensino, certo. Pode até dizer-se ter tido ajuda do Papa quando este procedeu à dissolução da Companhia de Jesus. Assim o ensino depois da pequena escola passou para outras mãos. De resto, o Imperador quer contar com funcionários de confiança para melhor centralizar a governação de todos os territórios.

A abolição dos seminários episcopais e da formação tradicional de padres, seguido pela instalação do Seminário-Geral de Leuven com uma filial em Luxemburgo provoca muita revolta em *Belgium Austriacum*. Toda a cúpula da Igreja manifesta-se contra a formação de padres que José II queria humanista e fiel ao seu governo. A influência da liderança eclesiástica conservadora é suficientemente grande para provocar revoltas entre os seminaristas e rapidamente circulam panfletos a atacar a contestada política imperial. Mas nota-se também o movimento oposto. Circulam, e não só entre seminaristas, textos defendendo a política do Imperador.

A família Lemaître e os seus companheiros de trabalho seguem atentamente os desenvolvimentos mas percebem que todas as mudanças e brigas pouca influência tem sobre a pequena ou primeira escola. Continua a haver uma gritante falta de verdadeiros livros infantis e uma clara clivagem entre escolas para pobres e órfãos e o ensino para crianças da aristocracia e

dos meios abastados.

Quando Jan aborda as suas preocupações com os correspondentes em Sluis, recebe uma resposta irónica do seu amigo:

'*Temos agora a sorte nos Países Baixos do Norte com a publicação de Van Ollefen* De Proeve van Vaderlandse Gedichtjes voor Kinderen[1]. *Provavelmente é um castigo pessoal por tantas vezes termos implorado pelo aparecimento de literatura infantil. Esquecemo-nos de explicar o que para nós significa. Esses poemas vão para já continuar a provocar o estreitamento do pensamento religioso dos jovens. Imagina fazer lamentar as crianças que são demasiado novas para ir combater quem pensa de outra maneira. Vê uma dessas pérolas*:

Pai! Vejo com grande prazer,
Que tu, pela boa causa,
Portas armas, e deves ir.
Por quê ainda sou criança?
Adoraria fazer algo,
Para os bastardos sucumbir[2]

*Acredita ou não, Jan, mas a nossa vontade para transformar pelo menos uma das ilhas de Zeeland numa nova Utopia sonhada não para de crescer. Se um dia tiverem vontade de contribuir para um mundo dentro do mundo, por favor, avisem!'*

---

[1] O Sabor de Poemas da Pátria para Crianças

[2] Vader! 'k zie met groot vermaak,
Dat gij, voor de goede zaak,
Wapens draagt, en op moet komen.
Waarom ben ik nog een kind?
'K zou zo gaarene iets verrichten,
Om de bastaarts te doen zwichten

As noticias que chegam da Escócia são bem mais animadoras. A *Thomas Braidwood's Academy*[1] informa que a *Royal Society* concedeu o *fellowship* ao seu antigo estudante John Goodricke, surdo severo devido à escarlatina que apanhou em criança, quando ainda vivia em Groningen. Os seus pais tiveram a clarividência de o enviar para a escola para surdos de Thomas Braidwood, proporcionando-lhe a formação para, já adulto, observar as estrelas, com o seu vizinho Edward Pigott, em York, no observatório particular desse. Em conjunto estudaram a variação periódica de determinadas estrelas. Os astrónomos já sabiam da existência dessas estrelas que captaram a atenção dos dois homens. Alguns anos mais tarde John Goodricke conseguiu elaborar os cálculos para explicar o observado, depois de estudar atentamente a estrela Algol. Colocou a hipótese Algol ser na realidade um sistema de duas estrelas que rodam uma em torno da outra o que faz com que, visto da Terra, elas se sobrepõem regularmente, alterando a magnitude. Foi premiado com a medalha Copley em 1783 pelo seu trabalho. Infelizmente já não soube ter sido eleito *fellow* porque faleceu de doença, quatro dias depois da nomeação. Só tinha 24 anos.

Jan e Madeleine encontram aqui uma exemplar ilustração de como todas as crianças têm que ser acompanhadas no seu processo de aprendizagem. John ficou surdo em tenra idade e teve a sorte ter pais com dinheiro, mas também com o conhecimento da existência de ensino de qualidade para crianças surdas. Contudo, o casal de mestres-escola parte do princípio que estudar não pode depender de sorte, dinheiro ou

[1] Ver volume 03, *Publicações fora de controlo, Entre iluminação e escurecimento*

conhecimento acidental; deve ser dado a todos. Falam do assunto com amigos do irmão de Jan da *'loge des trois niveaux établies à l'Orient d'Ostende'*. O pequeno grupo, hoje bastante plural, ocupa-se sobretudo de trabalho de caridade. Jan e Madeleine falam de projetos como aquela escola escocesa com o intuito de mostrar que caridade pode consistir em doações para providenciar solido ensino e não em apoio direto a carentes, levando à dependência. Pode ser a alternativa a manter feliz os pobres proposta por Johann Pestalozzi.

Mathilde reflete acerca do espírito do tempo. A generalização da escolarização das crianças parece estar em marcha, mas tal não significa grande coisa para as crianças do povo, empregadas em troca de pouco dinheiro nas fiações ou nas tecelagens, no campo ou na pesca. As casas-escola do filho com a sua equipa e do neto e a sua esposa são obviamente iniciativas válidas, mas são só uma gota de água no oceano. Em todo lado vê-se a contradição entre o que muitos humanistas e livre pensadores dizem e a realidade observada em relação aos direitos humanos: quem tem poder procura diminuir o poder dos outros, quem não tem poder procura obtê-lo ao custo de outros, mesmo entre os próprios humanistas.
Do primeiro fenómeno existe no início deste ano de 1787 um belo exemplo nos Países Baixos Austríacos. No dia 1 de Janeiro, a Corte decretou duas reformas na justiça e na governação. A centralização deverá trazer uniformidade e fazer desaparecer privilégios seculares na jurisdição e nos tribunais locais. Os soberanos ficam entalados com o desagrado manifestado pela

cúpula da Igreja e a compreensão relativo ao ponto de vista desta cúpula de quase todos os outros grupos sociais. A simpatia com os dirigentes da Igreja não deriva necessariamente do gosto para o poder eclesiástico mas porque se sentem eles próprios ameaçados. As famílias ilustres de nobres de toga vêem nos novos decretos a ameaça às suas funções, ao seu rendimento, o seu status na comunidade e sentem que desaparece uma parte da sua base de poder.

Mathilde teme que o resultado líquido dos decretos centralizadores consistirá num aumento de poder do Imperador e não num melhor governo local do bem comum, controlado por um maior número de pessoas.

Ela pensa mais uma vez no que escreveu Nicolas de Caritat há pouco tempo, defendendo os direitos das pessoas em geral e mais em particular, os direitos da mulher e dos não-brancos. Naturalmente isto é interessante. De Caritat vê no desenvolvimento dos recém formados Estados Unidos uma concretização dos seus próprios sonhos. Daí retira exemplos para reformas políticas, económicas e governativas para a sociedade francesa. Mas, pensa Mathilde, ele pensa no governo da Nação, enquanto ela coloca dúvidas acerca do próprio conceito de Nação.

Parece tão simples quando ouvimos a curta e forte introdução da constituição dos Estados Unidos:

"*We the People of the United States, in Order to form a more perfect Union, establish Justice, insure domestic Tranquility, provide for the common defence, promote the general Welfare, and secure the Blessings of Liberty to ourselves and our Posterity,*

*do ordain and establish this Constitution for the United States of America."*[1]

Podemos perguntar-nos imediatamente quem são "*nós, o povo*". Os não-brancos e as mulheres de quem fala Nicolas de Caritat fazem parte desse povo? Trata-se de um abraço paternalista por parte dos fundadores daquela confederação a todos os imigrantes europeus que apareceram na America, quando dizem "*nós, o povo*"? E o que pensar em relação aos descendentes da população que aí existia antes da chegada dos colonos europeus? Não é um princípio perigoso de falar em nome de quem não lhe é reconhecido maioridade emancipada?

Também a própria constituição da União dos Estados Americanos é por si só um texto bonito, claro e simples, mas… O primeiro artigo diz "*All legislative Powers herein granted shall be vested in a Congress of the United States, which shall consist of a Senate and House of Representatives"*[2]. Como Montesquieu o propusera, este poder legislativo é mantido bem separado do poder executivo. Fica claro, logo no artigo 2 da mesma constituição: "*The executive Power shall be vested in a President of the United States of America; Before he enter on the Execution of his Office, he shall take the following Oath or Affirmation: 'I do solemnly swear (or affirm) that I will faithfully execute the Office of President of the United States, and will to the best of my*

---

[1] Nós, o povo dos Estados Unidos, decidimos redigir esta Constituição para formar uma união mais perfeita, proporcionar justiça, estabelecer a tranquilidade doméstica, assumir a defesa comum, garantir o bem comum e as bênçãos da liberdade para nós mesmos e nossa posteridade.

[2] Todos os poderes legislativos aqui conferidos serão depositados no Congresso dos Estados Unidos, que consistirá de um Senado e uma Câmara dos Representantes.

*Ability, preserve, protect and defend the Constitution of the United States'*[1]."

Deus não é aqui chamado e a bíblia também não. Só os reis precisam de Deus. Aqui, o eleito tem ele próprio a escolha se vai afirmar ou jurar. Trata-se de conhecer leis de seres humanos, feitas por seres humanos e da nomeação de alguém para executar corretamente estas leis.

Mas… Mathilde tem muitas dúvidas. Quanto tempo vai demorar até quem executa se sentir chamado a ser ele próprio a fabricar leis e depois as executar? Quão rápido vai o eleito sentir a necessidade de seja como for invocar a vontade e a supervisão de Deus, como uma espécie de escudo protetor, logo que alguém o acusa de ser autocrático? E o que pensar da liberdade dos povos do resto do planeta? Não é ela posta em causa perante a defesa coletiva dos Americanos colocada na constituição pelos seus porta-vozes?

Mathilde pensa um pouco mais. Quem tem competência para elaborar uma constituição? Pode uma constituição servir a humanidade inteira ou só um grupo de indivíduos artificialmente forjado em Nação? Uma constituição promove libertação ou servidão? Há pouco, Jean-Jacques deu a ler uma proza de Jan Baptiste Verlooy, antigo estudante de Direito em Leuven e hoje a exercer advocacia no Conselho de Brabant. Verlooy defende claramente a razão, também em questões

[1] O poder executivo é exercido por um Presidente dos Estados Unidos da América; Antes de iniciar o exercício de seu cargo, ele deverá prestar o seguinte juramento ou afirmação: "Juro solenemente (ou afirmo) que desempenharei fielmente o cargo de Presidente dos Estados Unidos e observarei a Constituição dos Estados Unidos, que preservarei, protegerei e defenderei com os melhores das minhas capacidades."

administrativas, e diz esperar muito de uma constituição, desde que ela seja elaborada e afinada com a devida atenção. Segundo ele a boa política depende de uma boa estrutura e uma constituição clara garante esta estrutura.
As ideias de Verlooy interessem Mathilde. Ela fica satisfeita em saber que Jan e Karel se associaram ao *Cercle Littéraire d'Ostende*. Não é, pois, o círculo onde vão encontrar pescadores ou artesãos, nem sequer os filhos e filhas deles que porventura frequentaram a casa-escola. Mas graças às conversas frequentes dos adultos da casa-escola com os pais dos escolares, todos podem ficar informados acerca das novas ideias políticas e as novidades na ciência e na técnica. Alguns sócios do *Cercle* só o procuram para ler o jornal. Mas Jan e Karel gostam de visitar o *Groot Cafféhuys* de Pieter Salzgeber, na esquina da Rua dos Macacos e da Rua da Comédia, onde o *Cercle* organiza as suas atividades na mais ampla das salas da casa de café.

A partir de 1788 sente-se o ambiente geral verdadeiramente agitado. Por um lado esta agitação tem claramente a ver com o crescente afastamento da velha nobreza, por outro lado com o crescente poder da nobreza de toga e da burguesia abastada. Estranhamente tem muito menos a ver com as condições de vida degradantes de grande parte da população citadina; camponeses tem frequentemente uma vida melhor do que dos trabalhadores na cidade, artesãos incluídos. Muitos agricultores conseguem enviar filhos para o seminário ou para a universidade de Leuven.
Mais uma vez, a família Lemaître deverá deixar os Países

Baixos Austríacos e se instalar temporariamente em Sluis. Mas ainda não chegamos lá. De momento a casa-escola continua a ser um sucesso. A casa-escola de Brugge de Jean-Jacques e Elise tem já uma boa oferta de atividades de aprendizagem para crianças e jovens adultos, rapazes e raparigas.

A gravidez de Elise serve Mathilde e Maria de pretexto para se fixar durante algum tempo em Brugge. Mesmo antes de partir, Mathilde aborda com Jan as vantagens e desvantagens do poder regional alargado exercido pelos Senhorios e o clero local. Mesmo se ambos detestam a ideia de um poder central demasiado forte e nele vêem o perigo para o fantasma absolutista, também não partilham da fantasia romântica que todo o local seja só por isso melhor. Há demasiados exemplos de abusos locais de quem tem poder sobre quem não tem. Não pensam só no poder político ou religioso. Frequentemente grandes proprietários não são bons exemplos no plano da ética, viram-no muitas vezes. E sempre voltam ao mesmo: sem longo, conjunto e sério processo educativo que inclui conhecimento e ciência para desenvolver o pensamento crítico e apontar para a necessidade de, em tempos de negociação, pensar mais longe do que na co-existência pacífica imediata, o poder local pode ser tão corrosivo e nefasto para as relações humanas como o poder central absolutista.

Mãe e filho consideram serem necessários longos processos de co-educação para estimular o pensamento crítico e reduzir as tensões como as hoje existentes entre autoridades locais e governo central. A arrogância hoje manifesto em ambos os lados faz com que reformas centralmente anunciados enfurecem

imediatamente as autoridades locais. Essas últimas consideram todas as iniciativas da autoridade central como uma intromissão e um ataque à relativa independência desfrutada pelos seus principados e as suas cidades desde há séculos. Mas mudar atitudes através de um processo educativo leva muito tempo.
Mãe e filho lembram-se bem como a resistência foi conduzida em todas as Províncias, começando pelo Hainaut, depois no Brabant e finalmente em Flandres. Depois do protesto de muitas instituições e dirigentes, irromperam motins, parcialmente provocados por quem beneficiara da redução do poder dos potentados locais. Originaram a criação de grupos urbanos de vigilantes civis para manter a ordem. Os governadores, Alberto de Saxo-Teschen e Maria Christina, irmã do imperador, assustaram-se com os protestos. Aconselharam retirar algumas das medidas, mas o casmurro José II manteve a sua posição. Originara assim o oposto do pretendido: mais desagrado em vez de menos mal-estar, enquanto o governo central parecera continuar a perder o controlo dos acontecimentos. A Oostende chegara o rumor que em Antuérpia teriam morrido indivíduos da vigilância urbana quando o seminário episcopal foi evacuado pela força das armas.
Por fim, o Imperador concedera reverter algumas decisões em relação ao governo e à jurisdição, mas ainda hoje não aceita renegociar as reformas eclesiásticas.

Fins de maio, sai a boa notícia de Brugge direção Oostende e Leuven anunciando aos pais de Jean-Jacques e de Elise o nascimento de um saudável neto. Mathilde informa que o

parto não foi demasiado duro e que a Elise se recompõe depressa. Com o rapazito parece estar tudo bem, apesar do nome com o qual os pais decidiram brindar o bebé, acrescenta Mathilde com alguma ironia. Escolheram Lodewijk[1] e a bisavó pergunta-se como explicar na França um Jean-Jacques escolher o nome de 'Louis' para a sua descendência! Mas Jean-Jacques sorri-lhe dizendo que ela percebeu tudo mal. Na sua origem Lodewijk significa *livre lutador* e é o que esperam ver do seu filho. Jean-Jacques e Elise não podem imaginar que o nome Lodewijk vai na mesma dar algumas dores de cabeça anos mais tarde.

No início de julho, Maria e Mathilde regressam a Oostende. Uns dias depois de voltar toda região é fustigada por uma enorme tempestade durante vários dias. No dia 13 até assume as características de um devastador redemoinho de vento.

Algumas semanas mais tarde sabe-se dos enormes estragos provocados pela tempestade, não só na Flandres, Zeeland e Holanda, mas sobretudo em Île-de-France, Picardia e Artois. Vento e granizo destruíram campos e colheitas em todas essas regiões. Perde-se todo o trigo e há quem já se prepara para um ano de escassez de farinha e pão.

Mathilde ouve de amigos Parisienses como já surgem pequenas revoltas devido a imediata subida de preço da farinha provocada por quem já especula.

Informam-na também ter entrado em vigor o Edito de Versailles para formalmente pôr termo à discriminação dos não-católicos. Mas o Edito reafirma a Igreja Católica como

[1] Luís

igreja estatal, dando uma serie de privilégios para os católicos em comparação com calvinistas, luteranos e judeus. Na prática o edito não é mais do que um acordo entre o monarca da França e o Papa em matéria eclesiástica. A Igreja Católica Francesa reconheça a autoridade do Papa como chefe da Igreja, mas em troca são exigidas conceções relativas à autoridade do Rei da França. A igreja veste-se de uma identidade claramente nacional, marcada por uma autonomia alargada em relação ao Papa. Outra notícia é que o Ministro Étienne Charles de Loménie de Brienne convocou os Estados-Gerais franceses para o primeiro de maio do próximo ano de 1789. Segundo os amigos de Mathilde esse acto revela tensões entre quem reivindica mais poder para o Rei e quem quer pôr termo ao poder absoluto.

Mathilde lembra a sua conversa com o filho de há alguns meses. Ela consegue ver um paralelo com os acontecimentos nos Países Baixos Austríacos, apesar da abordagem diferente dos respectivos monarcas. O poder central quer interferir na liberdade de fé e nos assuntos da igreja, mas também passar a controlar os poderes locais. De momento não consegue visualizar bem o concreto significado dos Estados-Gerais na França para o Terceiro Estado. As reformas do Imperador José II parecem mais claros, ou são pelo menos percebidas como tal. Jan penso que esta clareza explica o apoio de parte da população rural ao Imperador. A redução dos privilégios das cidades em relação a impostos, guildas e direitos de mercado foi uma medida popular, muito aplaudida nas zonas rurais, onde a indústria caseira ainda é importante. De resto, no

campo sente-se a desconfiança em relação aos patriotas do Brabante, que não param de apelar à resistência. Os administradores conservadores querendo preservar seus próprios privilégios instigam e semeiam a discórdia e frequentemente enganam a população ignorante. De resto, o movimento dirigido por Jan Frans Vonck pretende alargar o poder dos notáveis urbanos, assim se diz. Contudo sente-se também fora da cidade uma onda de simpatia para a rebelião fiscal em curso contra os Estados de Flandres em Schorisse e Avelgem.

"Vamos outra vez para tempos sombrios?" pergunta Madeleine à Mathilde.

"Temo bem que sim. Todas as informações apontam nessa direção. Sentimos a tensão a subir. Honestamente, considero que o Imperador José II conduz de forma desastrosa as reformas na direção certa e muitos pequenos potentados fazem-lhe frente por causa disso," responde Mathilde.

"Concordo com Mathilde," diz Karel. "E temo que os governadores locais, apoiados por párocos mal formados, vão conseguir mobilizar o povo sem ou com pouca formação."

"Sim," pensa Boudewijn, "hoje é claramente necessário uma grande capacidade de raciocínio para entender o verdadeiro significado dos argumentos a favor e contra o Imperador."

"Para não falar de como entender as ações do próprio Imperador," ri Tiene. "Para isso precisas de todo um bando de corujas!"

"Um bando de corujas," admira-se Gertrude.

Mathilde sorri. "Há pouco tivemos entre mãos um documento

provavelmente da *Ordem dos Aperfeiçoáveis*," começa.
"E lemos como os *Illuminati* continuam a valorizar em primeiro lugar o conhecimento," continua Gertrude.
"Utilizam a Coruja de Minerva num livro aberto como símbolo para se identificar. Foi o que estava a pensar: iremos precisar de muitas corujas para iluminar com sabedoria estes sombrios tempos…"
"Uma visão poética sobre o espírito do nosso tempo," considera Jan.
"Sim," corrobora Madeleine, "se falam dessa forma, podemos bem concluir que vocês não pertencem a este grupo que menos-preza a língua materna. A casa-escola tem o seu lado bom…"
Todos riem.
Madeleine refere claramente ao *Tratado sobre o desrespeito da língua materna nos Países Baixos*[1] que acaba de ser publicado anonimamente. Como muitos outros, a família Lemaître tem fortes suspeitos o texto ser da mão de Jan Verlooy.
"Porque dizem que é trabalho de Verlooy?" pergunta Boudewijn.
"Quando lemos o tratado e o comparamos com textos dos quais temos a certeza que são de Verlooy, vemos traços comuns, penso," diz Jan. "Ele identifica-se com facilidade com os hábitos de uso de línguas regionais, sem tomar uma atitude política territorial. Ele mostra-se comprometido com as pessoas do povo e tem claramente muita simpatia para as ideias mais radicais vindo da França. Corresponde bem com o tom deste

[1] literalmente: *Verhandeling op d'Onacht der moederlyke Tael in de Nederlanden*

ensaio anónimo."
Madeleine diz: "Se o compreendo minimamente, Verlooy considera que a soberania do povo igualiza a soberania nacional. Parece concordar com Rousseau quando este retira o poder-mor ao rei para o entregar ao povo."
Mathilde pergunta: "Portanto ele pensa que toda a gente se poder representar a si próprio?"
Madeleine responde: "Não penso que ele segue Rousseau sem mais. Parece estar antes a favor da representação delegada do que da auto-representação."
Boudewijn pergunta: "Julgam portanto que Verlooy se aproxima mais de Montesquieu?"
"Parece-me mais provável, sim," concorda Madeleine. "Quando ele fala da representação, tem um pensamento mais pragmático comparado com quem argumenta em favor do autogoverno e da auto-representação."
"Entretanto, tenho as minhas reservas acerca de toda essa agitação," retoma Mathilde. "Não quero ser arauto da desgraça, mas de todo este incitamento contra José II não vira coisa boa… espero não ter razão."

O inverno é tão frio como o anterior na altura das festas de fim de ano. Nos Países Baixos Austríacos as temperaturas mínimas variam entre 16 e 19 graus negativas na escala de Réaumur. Segundo informações vindo da França, o inverno frio em combinação com o agravamento de falta de farinha, aumenta mais uma vez a tensão. Os Lemaître procuram ficar informados e preparam-se para receber amigos ou familiares

que poderão fugir da França.
Entretanto, e apesar do frio, os amigos de Sluis estão em Oostende para passar os dias de Natal com os Lemaître. Contam como o sistema escolar nortenho pouco a pouco consegue mantém mão nos mestres-escola. Uma dificuldade recorrente fora sempre a moral duvidosa de muitos entre eles: fornicação, embriaguez, desacatos públicos eram vigiados há já muito tempo, nem sempre com sucesso. Além disso muitos mestres negligenciavam o ensino em si e frequentemente as escolas fechavam antes da hora. Os *Pais da Igreja* preocupavam-se como sempre com o fraco conhecimento do catecismo. A melhor formação inicial parece ter um efeito positivo. Mas o próprio recrutamento de novos mestres faz-se hoje com mais rigor. De ano para ano há menos casos de castigos aplicados aos mestres, certamente uma boa notícia. Porém, os rendimentos continuam magros, apear de ligeiras melhorias. Resumindo, o ensino escolar melhora, ali nos Países Baixos Nortenhos.

No próprio dia de Natal, toda a família está reunida. Uma das salas da biblioteca foi transformada numa sala de estar acolhedora. Membros da família e amigos sentam-se algures.
"Avó, não tens uma história para nos contar?" pergunta Jean-Jacques.
Mathilde pensa um momento. "Já vos falei do gnomon de St-Sulpice?" pergunta.
"O que é um gnomon?" pergunta Gertrude.
"É uma espécie de apontador orientador. Esse produz um

sombra seguindo um trajeto bem definido em função da aparente movimentação do sol. Observando a sombra podes deduzir dia após dia quando o sol está no seu ponto mais alto e definir o meio-dia exato num determinado lugar. Pode-se regular um relógio recorrendo ao gnomon," sabe Jean-Jacques.

Mathilde começa: "Correto. Mas o observador do sol de Saint-Sulpice não é um verdadeiro gnomon. Na prática, trata-se de uma linha traçada no chão, de sul a norte, na qual cai uma mancha de luz. No vitral por cima da linha, foi feito um pequeno orifício, a 80 pés de altura, pelo qual atravessa um raio do sol provocando uma mancha de luz no chão.

Na primeira metade do século, Jean-Baptiste Languet de Gergy era pároco de Saint-Sulpice. Em 1727 formulou o desejo de conseguir medir no local o *verdadeiro meio-dia*, para saber com precisão quando tocar o sino. Para medir este verdadeiro meio-dia no local onde está a igreja de Saint-Sulpice não era o suficiente um relógio de pêndulo. Esse só apresenta o meio-dia médio e não considera as variação do meio dia solar. Essa variação é consequência das ligeiras perturbações do eixo de rotação da Terra. Saibam que as observações científicas actuais dão uma explicação para quase todos os movimentos aparentes do Sol com resultado da rotação e da oscilação da Terra. Na realidade é necessário juntar ou subtrair até 16 minutos em relação ao tempo-pêndulo para conseguir o meio-dia solar em Saint-Sulpice. Gergy solicitou De Sully para concretizar na sua igreja o que o cientista tinha escrito acerca da regulação dos relógios no qual se conjuga tempo aparente

com tempo equivalente, para assim tornar a igreja o lugar do relógio referência para o meio dia em toda a cidade de Paris. Mas De Sully faleceu em 1728 e no ano seguinte, o observatório de Paris dispunha de uma linha de meridiano visualizada, com a qual era possível calcular com precisão a hora média do meio-dia. Contudo…"

"Solicitar este cálculo não significava dar razão a Galileu?" interrompe Boudewijn. "Aquele pároco não entrava assim em conflito com a igreja?"

Mathilde acena a cabeça e continua: "Quando Gergy formulou o seu desejo pela primeira vez, alegar o movimento da Terra ainda era contrário ao ponto de vista oficial da Igreja. Logo era provavelmente mais simples deixar este tipo de medições para um instituto de ciência da natureza, mas o pároco podia sempre alegar estar a observar o movimento do Sol e não da Terra.

E Jean-Baptiste de Gergy fez finca pé. Em 1742 elaborou uma proposta ligeiramente diferente. Além do momento exato do meio-dia, queria também fazer um estudo pormenorizado do equinócio Pascal: mais tarde deixará gravar no pedestal do 'gnomon' *Ad Certiorem Paschalis Aequinoctii Exploratorium*. No entanto, isso também é tanto uma preocupação religiosa como científica.

Como talvez sabem, a atenção dos cristãos pela data da Páscoa é dupla: por um lado querem saber o momento exato da ressurreição. Esse momento corresponde com o Pessach, a celebração judaica da libertação do povo hebraico do jugo da escravatura no Egito. Não podem esquecer que Jesus era judeu

e, por essa razão, celebrava aquele momento alto com os seus discípulos. Mas os judeus determinam a data recorrendo a um calendário lunisolar de 12 ciclos de lua, acrescentado de um décimo terceiro mês variando em número de dias, para assim acompanhar o ano solar. Para os judeus é relativamente simples para fixar o Pessach na lua cheia do primeiro mês primaveril, 14 Nisan.

Hoje, o calendário comum nas regiões onde vivem a maioria dos cristãos é o nosso: um calendário solar de doze meses. O número de dias por mês varia e não toma em conta com precisão os ciclos de lua. Para definir o momento da Páscoa precisa-se de um novo cálculo do tempo. Obviamente já se sabia no tempo do Concílio de Nicea que, entre nós, o equinócio da primavera ocorre por volta do dia 21 de março. Naquele Concílio decidiu-se que a Páscoa seria o domingo que segue à primeira lua cheia depois do 21 de março. Assim, o aspecto religioso para a definição da Páscoa cristã estava resolvida. Como sabem, hoje adoptamos o calendário gregoriano. Ao longo dos séculos tinha-se verificado um erro de cálculo no número de dias e horas do ano solar. E isso foi corrigido, depois de, por volta de 1580, o Papa Gregório ter solicitado calcular a data precisa para o equinócio Pascal, recorrendo a um gnomon.

De Gergy não tinha em mente iniciar um novo cálculo do calendário, mas só queria percorrer os passos dos seus antecessores italianos e para tal dispor dos instrumentos de medição corretos. Contudo, para o fim desejado um gnomon só não serve de grande coisa. Não se pode observar fases lunares com ele. Além disso, a festa pascal está fixada, numa espécie de

calendário lunar perpétuo que descreve os movimentos médios de uma lua fictícia.

Só um reparo em relação à observação de Boudewijn. Em 1757 Papa Benedicto XIV mandou retirar as obras de Galileu do *Index*. Mas já 17 anos antes, logo após a sua eleição como Papa, ficara claro para o clero com interesse pela ciência que esta teria um tratamento menos dogmática durante aquele pontificado.

De Gergy encarregou o então ainda novo astrónomo Le Monnier de visualizar um meridiano atravessando a igreja de Saint-Sulpice. Todos os dias, no verdadeiro meio dia solar, uma mancha de luz solar passa uma fina barra de latão incrustada numa pedra de mármore branco. O dia do solstício de inverno, a mancha de luz fica no ponto literalmente mais alto da linha de latão que foi prolongada num obelisco, construído no ponto a norte. Foi a solução encontrada para visualizar este solstício, do qual o ponto de luz senão teria caído 65 pés fora da parede Norte da igreja. No dia dos equinócios a mancha de luz passa por cima do círculo dos equinócios, feito de cobre, situado perto do altar. No dia do solstício de verão, o ponto de luz toca a extremidade sul da linha de latão, incorporada num quadrado de mármore branco. Ainda hoje, Le Monnier visita a igreja em cada solstício de verão para apontar onde cai exatamente o ponto de luz no meridiano dentro do quadrado de mármore. Graças a esta observação de anos e anos o astrónomo conseguiu calcular a variação na obliquidade da Terra. Conforme anunciou na Academia de Ciência, esta variação seria de aproximadamente 45 segundos de arco por

século.
Acho a história da construção do *meridiano* de Saint-Sulpice, tendo erradamente o nome de *gnomon*, uma história bonita. Faz-nos ver ser perfeitamente possível agir além de fronteiras entre dois mundos de pensar distintos. Só existem problemas se um mundo de pensar se quer impor ao outro. Grave é quando a ciência é dogmatizada, mas também quando um dogma é cientificado.
A investigação científica depende da confirmação de hipóteses e da aceitação que hipóteses podem estar erradas, incompletas ou devem ser incorporadas por outras. Na ciência não existe a verdade absoluta. Le Monnier parece ter conseguido confirmar a hipótese da oscilação da obliquidade da Terra com as suas observações e os seus cálculos. De momento, esta hipótese por si é boa porque também dá suporte a outras, explicando outros fenómenos naturais. Mas é só isso.
Um dogma é a expressão de uma crença ou a fé de um grupo que se une ou se deixa unir culturalmente. Fazer de um dogma uma ciência tem a pregação da verdade absoluta como consequência. Já vimos o suficiente que a pregação da verdade absoluta é desastroso e degenera facilmente em guerra quando essa mesma pregação envolve padrões culturais.
Para mim, Saint-Sulpice é um muito pequeno exemplo da ideia cosmopolita: colocar um instrumento de medição científica num local de oração, indo ao encontro dos cientistas e dos padres, que cada um da sua maneira querem usufruir do instrumento. O padre para saber quando exatamente fazer dobrar os sinos apelando à oração do meio-dia e para confirmar que a Páscoa é

celebrada no momento certo; o cientista para completar as suas observações no seu trabalho de pesquisas astronómicas."
Jean-Jacques larga um suspiro. "Tens o dom de contar histórias, avó. E pelo que me é dado de entender, a moral dos contos de Mathilde Larouge é mais abrangente do que aquela das fábulas de Jean de La Fontaine."
Todos os presentes riem alegremente. Depois de se despedir demoradamente uns dos outros e em conjunto do ano velho, os visitantes regressem a casa e os membros da família recolhem-se nos seus aposentos.

O ano de 1789 ainda não tem um mês, quando Johannes informa Jan que senhora Marie Van Den Heede vendeu a sua propriedade na Rua Longa ao grossista Théodore Van Moorsel de Antuérpia. É um dos dois diretores da *Compagnie d'Assurance de La Flandre Autrichienne*, aqui em Oostende iniciada há alguns anos pelo Escocês Herries. Johannes pensa ser o momento certo para discutir com Van Moorsel uma possível oferta de capital, mas também para rever a política de seguros, sentindo como a crescente tensão na França facilmente poderá fazer faísca nos Países Baixos Austríacos.
Seguem algumas semanas de longas discussões e a família Lemaître sente-se financeiramente reforçada, não só no que toca aos seus interesses na pesca e atividades afins, mas também na sua atividade educativa. Como Jan bem diz, é absolutamente necessário dispor de meios próprios para assegurar a casa-escola e a investigação associada, tanto em Oostende como em Brugge. Logo agrada à família que

continua a chegar a Oostende quem faz investimentos: não muito tempo depois do seu próprio modesto aumento de capital na armação de barcos de pesca, Jan fica a saber que a edilidade conferiu a autorização ao negociante inglês Holman de construir um estaleiro para chalupas e lugres.

Todos apercebem-se como o clima político continua perturbado. Nos Países Baixos do Sul sentem-se os ventos da revolta sobretudo no Hainaut e no Brabante. Os governadores locais não querem mais ouvir da abolição, anulação ou retirada de privilégios em favor de um governo central com funcionários nomeados. E quando o arcebispo intervém protestando contra a política do governo em relação ao ensino no Seminário-Geral, a oposição contra as reformas do Imperador vai de vento em poupa. A condenação ainda não é unânime mas é quase. Só partes da população rural com conhecimento de causa continuam a defender as reformas. O pequeno povo das cidades é muito influenciável e tanto se encontra parte da população na oposição como outra parte entre os partidários do Imperador. Quase em todo lado surgem pequenos tumultos.
Na França é iniciada a recolha dos *Cahiers de Doléances* para os Estados-Gerais. Começa-se por identificar e eleger os representantes para os três estados nos Estados-Gerais. O terceiro estado parece conquistar poder quando é acordado que pode enviar seiscentos representantes, equivalente ao número de representantes dos dois outros estados juntos.
Mathilde ouve dos seus amigos parisienses como Nicolas de

Caritat Marquês de Condorcet se lançou mais uma vez no terreno político com a defesa das mulheres, exigindo mais intervenção na vida política e científica para elas. Terá argumentado que só uma muito restrita elite de mulheres aristocratas tenham algo para dizer, frequentemente por razões meramente dinásticas mas que as mulheres em geral não têm direitos políticos, não votam e não ocupam cargos políticos. Mathilde está completamente de acordo não poderem as mulheres continuar a ser unicamente cidadãs passivas, dependentes dos homens que decidem o que para elas é melhor.

Os Estados-Gerais vão se realizar em Versailles. Como muitos outros, Maximilien de Robespierre ruma para Paris naquela primavera. Ele representa o Terceiro Estado para a sua província. De aqui alguns meses fará parte da Assembleia Nacional Constituinte e integrará o *Clube dos Jacobinos*. Para já volta a declarar não ser nem monárquico nem republicano e continuar a se opor à pena de morte.

Então, no dia 5 de maio os Estados-Gerais são solenemente declarados abertos e cada um procura o seu lugar. À direita do presidente sentem-se a aristocracia, o clero e os burgueses monárquicos que querem manter o regime atual, sem alterações. À esquerda do presidente tomam lugar os liberais seculares que querem quebrar o poder da ordem tradicional em favor da burguesia.

Da plebe e da sua participação no exercício do poder não ou quase não se fala. E mesmo falando, de momento os Estados-Gerais não mudam nada à situação política. Tradicionalmente

vota-se por estado e cada estado tem 1 voto. Significa uma grande vantagem para os conservadores do Primeiro e Segundo Estado. A votação acaba sempre por ser de 2 contra 1. Os representantes do Terceiro Estado exigem que se passa a votar por cabeça e em conjunto. Traria-lhes vantagens. Não só dispõem de tantos votos como os outros dois Estados juntos, mas sabem que podem contar com alguns votos da pequena aristocracia no Primeiro Estado.

Mathilde recebe neste período até duas cartas por semana dos seus amigos franceses. Ela segue portanto os acontecimentos passo a passo. Assim já sabe em fins de junho que os Estados-Gerais se auto-proclamaram *Assemblée Nationale*, quando o Rei rejeitara as suas reivindicações. Em meados de julho sabe existir um acordo de não ser dissolvida enquanto o país não dispor de uma constituição pelo que a *Assemblée* passa logo a Assembleia Nacional Constituinte. Jean-Joseph Mounier redigiu uma *Declaração dos Direitos Naturais e que não Prescrevem do Homem*.

Entretanto, o Marquês de Condorcet aprecia o protesto de muitas mulheres nos *Cahiers de Doléances* contra o andar dos acontecimentos na França. Significa, diz, que na prática tomaram uma posição política.

Logo em fins de abril já se registaram tumultos sangrentos, quando circularam rumores acerca do grossista em papel Jean-Baptiste Réveillon. Réveillon participara na industria dos balões fornecendo o especial papel de revestimento azul fazendo fortuna. Anunciara querer reduzir o salário de 300 trabalhadores e terminar o preço fixo para o pão. Vira-se

obrigado a fugir para a Grã-Bretanha e grande parte da sua casa e das suas pertenças foram queimadas.
Os tumultos continuam e só terminam provisoriamente com a invasão na prisão da Bastille, na qual também participam mulheres. São sobretudo as lavandeiras e as vendedoras que se organizam cada vez melhor para protestar contra a má situação económica na qual se encontram.
Durante todo este período a má colheita de trigo do ano anterior faz-se sentir e há fome em muitas zonas do país. Não muito longe de Dijon, em Auxonne, general Jean-Pierre du Teil decide oprimir um motim. Entrega a ação ao jovem tenente Napoleão Bonaparte.

Em Oostende também existe alguma tensão devido à falta de alimentação. Quando a situação arrisca agravar-se, a edilidade liderada por André Van Iseghem decide atribuir prémios a quem consegue trazer trigo para o Oostende e as taxas sobre os cereais são abolidas.
Mathilde, Jan e Madeleine ainda não vêem razão para deixar a cidade. As atividades da casa-escola seguem o seu curso normal e a pequena comunidade de mestres-escola, crianças e pais das crianças tenta o melhor que pode manter-se mutuamente solidária.
Enquanto nos Países Baixos Austríacos a população rural continua a mostrar simpatia com as reformas do Imperador, na França vive-se um verdadeiro levantamento campesino, apesar de se registarem os primeiros passos para acabar com os privilégios feudais. Para uns não vai suficientemente depressa,

para outros vai depressa demais…
No Príncipe-bispado de Liège com fronteiras tanto com os Países Baixos Austríacos como a França, a notícia da invasão da Bastille em Paris provoca uma rebelião local. O Príncipe-Bispo autoritário é corrido. Na cidade de Liège ja havia conflitos de longa data entre a burguesia industrial, o baixo clero, a aristocracia e o príncipe-bispo autocrático. Rapidamente percebe-se o poder da burguesia industrial para tomar em mãos o governo da cidade obrigando aristocracia e clero de abdicar de grande parte dos seus privilégios. Os revoltosos no príncipe-bispado querem, à semelhança do que fez o Imperador Austríaco, reformas para retirar privilégios ancestrais ao clero e à aristocracia. Mas enquanto nos Países Baixos as mudanças são dirigidas de modo centralizado, recorrendo a funcionários, em Liège parece ser a própria burguesia a tratar do assunto. Seja como for, a revolta de Liège serve de gatilho para as do Brabante e do Hainaut e desde há pouco em algumas cidades flamengas. Mas aqui, o motivo da oposição contra as decisões centrais é duplo. Ainda que seja o Imperador a figura visada, os conservadores procuram reganhar os seus privilégios enquanto quem, tal como os habitantes de Liège, simpatiza com as ideias vindas da França, procura a participação alargada nas tomadas de decisão.

Em finais de outubro as tensões aumentam mais uma vez em *Belgium Austriacum* devido a notícias vindas de Paris. Aí registou-se outro grande motim, parcialmente originado por uma notícia provavelmente empolgada por alguns noticiários:

o cocar terá sido desonrado no palácio real durante um enorme banquete, enquanto em toda a França a fome flagela a população. São principalmente as mulheres do povo a empreender uma marcha em direção ao palácio real. Essa marcha é relatado em toda a França e além fronteiras. Entre as mulheres figura Pauline Léon que advoga plenos direitos políticos para a mulher e mais tarde defende o direito ao porte de armas para todas as mulheres, durante a curta existência da *Société des Citoyennes Républicaines Révolutionnaires*. Ela segue assim outros defensores dos direitos da mulher, incluindo Nicolas de Caritat, Marquês de Condorcet que durante todo o ano de 1789 dedica aos direitos da mulher uma série de artigos no *Journal de la Societé*.

Em Oostende, alguns semeadores de conflitos não só se aproveitam da escassez de cereais, mas também dos tumultos para provocar mais tumultos.
No Cais do Imperador teima-se neste fim de mês de Outubro que o fogo vai ser atiçado, quando chega a notícia das uma pesada derrota das tropas imperiais em Turnhout. Ouve-se falar cada vez mais das duas figuras principais que encabeçam as revoltas contra o imperador austríaco, Hendrik Van der Noot e Frans Vonck. Mas Jan e Madeleine tranquilizam quando vêem com agrado como a gente de Oostende mantém a calma. Só o general austríaco Conde De Rindsmaul aqui acantonado enerva-se e enerva os outros. Obriga o burgomestre a convocar uma reunião da edilidade e declara que as corporações devem ser armado para defender a cidade. Os deões das corporações, a

começar pelo próprio burgomestre Van Iseghem consideram a proposta sem razão de ser. Quando mesmo assim o teimoso general começa a colocar canhões nas fortificações, a edilidade explica que para evitar banhos de sangue, melhor será deixar as portas da cidade abertas a quem quiser entrar. O conde percebe que mais vale aceitar a decisão e abandona a cidade levando com ele toda a guarnição.

Na França a confrontação entre os diferentes estados continua e torna-se mais agressiva. Fala-se abertamente de revolução e cada vez mais vozes levantam-se para afastar a velha aristocracia. Há quem quer simplesmente acabar com todos os nobres, mesmo os que foram por parte responsáveis pela divulgação das ideias republicanas. Muitos dizem que a governação não deve ficar nas mãos da nobreza, seja ela qual for. A Igreja é ainda mais atacada. Em novembro são confiscados todos os seus bens. Os dízimos já tinham sido abolidos e daí resulta a suspensão do apoio aos pobres e das escolas organizado pela Igreja. Os párocos são, a partir daquele momento, assalariados do Estado.
Este tipo de notícias fazem os conservadores em *Belgium Austriacum* pintar qualquer vento revolucionário vindo da França como sendo a obra malévola do diabo. Eles continuam a contrariar qualquer reforma tentado pelo Imperador. Temem que as suas reformas relativamente suaves em comparação com o que se passa na França, darão mais força a quem simpatiza com os revolucionários franceses. No Brabante continua ainda uma estranha aliança contra o Imperador entre

quem discordo mutuamente de tudo excepto do desejo de ver desaparecer o Imperador. Agora Mathilde teme que tinha razão quando antevia o início de uma guerra entre os diferentes estados sociais, mas também interna em cada estado. Adeptos mal informados seguem líderes que querelem entre si, utilizando informação contraditória e muitas vezes dogmática. E se adeptos mal informados e pouco escolarizados de lideres com análises e aspirações antagónicas se confrontarem, o banho de sangue que a edilidade quer evitar, tomará grandes proporções. Mathilde aconselha os seus filhos de Oostende e Lille para procurar abrigo levando a família e os amigos das casa-escola de Oostende e de Brugge. Aqui, na Flandres pondera-se novamente o exílio provisório para Sluis.

Os próximos quatro anos serão anos difíceis para a família Lemaître. Não querendo abdicar do projeto da casa-escola, os três casais de mestres só ocasionalmente estarão juntos em Oostende. Começa logo no dia 11 de janeiro de 1790 quando a *Confederação dos Estados Unidos dos Países Baixos*[1] se declara independente da coroa austríaca. Os líderes encabeçados por Hendrik Van der Noot falam de liberdade conquistada. O Imperador José II parece ter passado à história. Na esteira de Brabante, todas as regiões de *Belgium Austriacum*, exceto o Ducado de Luxemburgo, declararam-se independente. A confederação organiza um Estado-Geral e anuncia o *Tractaet van Vereeninge*[2]. O texto inspira-se da declaração de

[1] Confederatie van de Verenigde Nederlandse Staten

[2] Tratado de Unificação (ou união).

independência dos Americanos mas também da organização de *Belgium Fœderatum*. Pode-se imaginar que nem tudo vai ser um mar de rosas. Verdade seja dita, a confederação terá a vida muito curta…

Rapidamente surgem clivagens inultrapassáveis entre os conservadores que querem regressar à organização do poder anterior ao Imperador José II e os adeptos de Rousseau que querem seguir o caminho dos Franceses. As propostas dos estados de Hainaut para preparar novas instituições representativas para a 'Nação', provocam imediatamente inquietação e agressão para com os inovadores. A maioria conservadora dos Estados de Brabante nomeia em 30 de janeiro o general Prussiano Schönfeldt, residente na confederação, comandante em chefe do exército. Um dia mais tarde cardeal Franckenberg toma posição com uma carta pastoral na qual condena os adeptos de novas ideias, nomeadamente da separação da Igreja do Estado. Habilmente manipulados pelos velhos poderes, grupos citadinos e logo a seguir também grupos da população rural, viram-se logo contra os adeptos de Vonck, o líder a propor a efectiva participação de todos na condução da nação. O conflito torna-se maior quando o grupo que se inspira de Rousseau não só confronta a nobreza, o clero e os camponeses, mas também as guildas de Bruxelas. Membros armados dessas guildas juntam-se à população rural contra novas ideias, tolerância e os adeptos de Vonck. Editores de jornais inflamam os arruaceiros, alertando sem parar para o perigo daquilo que dizem ser uma filosofia anti-religiosa.

A família Lemaître sabe estar bem conotada nos diferentes grupos da população de Oostende, devido à casa-escola, contudo Jan preocupa-se. Ele sabe também como pobres diabos excitados e sob o feitiço dos pregadores do ódio da igreja conservadora facilmente se predispõem para atos de violência. Boudewijn e Gertrude por seu lado, têm uma atitude crítica em relação aos párocos mal formados, mas eles estão solidamente inseridos na comunidade católica de Oostende. Karel e Tiene não se pronunciam muito, mas qualquer pessoa poderá afirmar que devem ser abordados com desconfiança quanto às questões com a igreja por trabalhar desde há muito com Jan e Madeleine. Jan propõe a Boudewijn e Gertrude de se mudar provisoriamente para o Cais do Imperador e manter parte da casa-escola a funcionar se lhes for possível, enquanto eles próprios deixam Oostende durante algum tempo, oficialmente para trabalho de pesquisa e de escrita. Karel e Tiene ficarão a trabalhar com eles, só devendo deixar a cidade se mais pessoas o fazem, pois uma eventual fuga influenciará o número de crianças na casa-escola.
Todos estão convencidos que a separação será de breve duração, mas mesmo assim, a despedida provoca muitas emoções. Levando consigo o material de estudo mais imediato, Jan, Madeleine e Mathilde seguem para Sluis, uns dias antes do entrudo.

O trio instala-se na casa do casal de mestres amigo. Tomam conhecimento do trabalho de Andrew Bell, em Madras, na India Oriental, graças ao amigo piloto de navios. Andrew vive desde

1797 em Madras onde se tornara capelão de alguns dos regimentos britânicos aí acantonados. Dá regularmente palestres desde que foi nomeado inspector-chefe de um orfanato para bastardos e filhos órfãos de oficiais. Ele alega numa dessas conversas ter visto como crianças Malabares ensinam o alfabeto a outras fazendo desenhos na areia. Por isso tomou a decisão de fazer algo de parecido no orfanato: crianças mais inteligentes tomam conta de crianças menos inteligentes. Ele pronuncia-se claramente contra os castigos corporais e está aparentemente a desenvolver um sistema de recompensas.

De França chega a notícia que a população rural está a ser incitada contra as propostas de secularização das funções sociais do Estado. A *Constituante* decidiu fazer prestar um juramento constitucional de fidelidade aos párocos para continuarem a ser reconhecidos e pagos. Ordens contemplativos são abolidos e os bispos recusando-se a fazer o juramento são dispostos e substituídos por colegas constitucionais. Os protestos contra estas mudanças provocam uma dolorosa fração sobretudo entre a população rural na zona ocidental do país. A clivagem contribui para a impopularidade das mudanças em curso cada vez mais apelidadas de *Revolução*.

Mathilde sabe do filho em Lille que o filho de Emilie de Châtelet continua a apresentar-se como Duque de Châtelet. Ele não seguiu os passos da mãe e nunca se interessou muito pelo trabalho científico, apesar da mãe se ter esforçado para o orientar nesse sentido, ente outros quando lhe dedicou o livro *Institutions de physique*. Ele optou por uma carreira militar e

até dia 15 de julho do ano passado foi coronel das *Gardes Françaises*, o corpo de elite ao serviço do rei. Durante o seu curto mandato tornou-se rapidamente odiado pelos seus soldados provenientes do povo e que simpatizavam com os representantes do terceiro estado nos Estados-Gerais, enquanto o seu coronel continua a representar a nobreza, mostrando-se fiel ao rei. Para ele, o rei deve ser o único com o direito de declarar a guerra ou a paz. Não, pensa Mathilde, esse é mais filho do pai do que da mãe…

Na *Confederação dos Estados Unidos dos Países Baixos* acabada de se formar já ficou claríssimo os estadistas conservadores não estarem de modo nenhum abertos para o alargamento do governo do estado a representantes eleitos pelo povo. Finalmente um maior número de camponeses e operários do têxtil melhor informados percebem que as reformas do Imperador José II se aproximam mais das exigências do terceiro estado e tratam o povo ligeiramente melhor do que as propostas dos estadistas. Hoje quem deseja mostrar apoiar o Imperador prende cocares pretos nas suas roupas.

E mesmo naquela altura, o Imperador José II morre em fins de fevereiro, vitima de uma infeção de tuberculosa. É sucedido pelo irmão mais novo Leopoldo II. Este não consegue entender porque é que as reformas do seu irmão, em tudo parecido com o que ele próprio promoveu com sucesso em Toscana, são alvo de tanta resistência nos Países Baixos. E mesmo quando se disponibiliza a deixar cair uma série de medidas restritivas

contra a igreja, os Estados-Gerais nem o querem ouvir. Querem simplesmente manter afastada a autoridade austríaca.
Ainda em Sluis, os Lemaître sabem às vezes mais depressa dos desenvolvimentos na *Confederatie van Verenigde Nederlandse Staten* do que quem ficou em Oostende. Assim, Mathilde ouve como existem muitas dúvidas nos Estados do Limburgo e de Overmaas. Aí muitas corporações de voluntários não estão dispostas a jurar fidelidade aos Estados de Brabante considerando o orgão demasiado conservador. Imediatamente parte da população ignorante da zona de Bruxelas é atiçada por brigões ao serviço da aristocracia e do clero conservador. As casas dos simpatizantes da mais liberal reforma francesa são sistematicamente assaltadas e vandalizadas. É fomentada uma campanha de ódio contra os adeptos de Jan Frans Vonck. Quem sabe mesmo que Vonck e o seu colega de profissão Verlooy são exatamente os a conduzir a revolta não só contra a autoridade austríaca mas sobretudo contra o regresso dos privilégios da aristocracia e da igreja, como Hendrik Van der Noot deseja? Ambos defendem o modelo de Montesquieu com a separação de poderes, acompanhada de uma mais ampla participação da população. Os Estadistas conservadores conseguem fazer fugir muitos adeptos de Jan Vonck e Jan Baptiste Verlooy para a França mas continuam a existir focos de oposição aos conservadores no Limburgo, e também em Gent e no Hainaut.

Jan e Madeleine concordam inteiramente com Mathilde que a *Confederatie der Verenigde Nederlandse Staten* não terá vida

longa. Já é claro não haver em curso nenhuma revolução, mas unicamente uma espécie de contra-reforma política promovida por quem ainda detém o poder e unicamente para restabelecer todos os velhos privilégios. O primeiro e o segundo estado tem habilmente utilizado os defensores do terceiro estado durante um curto espaço de tempo para reforçar a sua posição contra o Imperador Austríaco. Hoje os estadistas consideram ter novamente o poder nas mãos e só querem afastar o mais depressa possível aquele aliado não desejado.

"Até há um génio que se lembrou de cunhar moedas com o mesmo leão de há duzentos anos quando se comemorou a revolta contra a Espanha," diz Jan em tom irónico aos seus anfitriões. "Aqueles velhos Senhores, sempre a pensar no seu poder a custo da subserviência do povo ignorante, mostram deste modo claramente viver no passado."

"Também não entendo porque de repente muitas pessoas colocam cocares laranjas na roupa. O que é isso agora?" pergunta Mathilde. "Não é outra vez o exemplo de como se consegue manobrar seja quem for quando privado de conhecimento e informação? Não posso imaginar de repente grande parte da população a se sentir próxima da Casa de Laranja. Anunciam sonhar de uma República Católica e agora consideram a protestante *República das Sete Províncias* não só um exemplo como um aliado."

O seu anfitrião larga uma gargalhada. "Talvez podemos inventar um cocar da Generalidade e oferecer dois exemplares a cada habitante de Estado-Flandres, convidando a todos de oferecer o segundo a um refugiado vindo da Flandres. Depois

reivindicamos uma Generalidade passando a abranger as duas Flandres e podem os nossos Estados-Gerais e os Estados-Gerais de Van der Noot e Van Eupen querelar quem ficará no governo."
"Perdoem a minha ignorância," diz Madeleine, "mas quem é Van Eupen?"
"Li na gazeta uma peça acerca do sujeito há alguns dias. Cónego Petrus Van Eupen é o faz-tudo do Bispo Nelis de Antuérpia. Ultramontano, combateu desde a primeira hora as reformas de José II. Conseguiu manobrar para se tornar o principal conselheiro de Hendrik Van der Noot. Mas, mudando de assunto, queria saber o que te chegou da França nos últimos dias."
"O meu filho em Lille," começa Mathilde, "escreveu-me que Jan Vonck e Jan Verlooy aí residem depois de Van der Noot e os seus adeptos avivaram a intolerância. Parecem ter concordados de escrever ou reeditar alguns textos em conjunto para os divulgar rapidamente. Penso que pretendem comparar o despotismo do Imperador, contra o qual se opuseram o ano passado com o que consideram o despotismo de quem hoje controla os Estados-Gerais. Lembro-vos as palavras de Verlooy em *Les intrigues du despotisme démasquées*. Ele diz: *'Mais le Despotisme! le Despotisme, qui ne regne que par la crainte, qui selon sa monstreuse nature doit toujours ou frapper, ou tenir le bras levé, cherchoit des victimes pour inspirer la terreur.'* Não é difícil perceber como de seguida apela a todos para se opor a qualquer tipo de governo no qual todo o poder está na mão de uma pessoa.
Perante as ameaças da população ignorante atiçada pelos

conservadores, Verlooy foge e se instala em Lille. Ele escreve que os estadistas já em dezembro de 1789 se apropriaram ilegalmente do poder e da soberania. Afugentaram José II, mas fazem exatamente o mesmo: mostram um comportamento de déspota. Verlooy mantém esta a linha de raciocínio em '*Projet raisonné*' como no panfleto '*De Nederlandsche volksgezinde*'[1] no qual escreve: '*Mas Estados sem Soberano, ou Soberano sem Estados, é igual. São sempre tiranos, déspotas*.'[2] Em '*H. Van der noot ontmaskert*'[3], Verlooy escreve que '*Estados sem príncipe, não são menos tiranos do que um príncipe sem Estados*'[4]. Descreve como as eleições que os conservadores não querem se deveriam processar. Na sua '*Brief van de Vluchtige Nederlanders*'[5] tal como o '*Projet raisonné*' e '*De Nederlandsche volksgezinde*' divulgado a partir de Lille, Verlooy fala das acusações feitas a quem são apontados como grupos populares revoltosos e escreve: *'Mas onde está a revolta nas escolhas populares em Gent, Tournai, Oostende, Menen, Mechelen, ...? Não são essas idolatrias de Van der Noot e aquelas procissões de camponesas rumo às capitais dez vezes mais desenfreadas do que uma opção tomada dentro de uma paróquia?'*[6]. Sentimos o fervor de Verlooy quando o lemos e

---

[1] O apoiante do povo dos Países Baixos.

[2] Dogh Staeten zonder Souvereyn, of Souvereyn zonder Staeten, zyn 't zelve. Dit zyn altyd dwingelanden, Despoten

[3] Tirando a máscara a Van der noot

[4] Staeten zonder Prins, niet min tyrannen zyn als eenen Prins zonder staeten

[5] Carta dos neerlandeses fugidos

[6] Maer wat oproerigheid vind men in de volkskeuzen die reeds geschied zyn in Gend, Doornik, Ostende, Meenen, Mechelen, ...? Zyn die Vandernootsche afgoderyen en boere processien naer de hoofdsteden niet tienmael oproeriger, als eenen keus binnen elke parochie?

vemos facilmente como Jan Vonck se apresenta um pouco mais radical até."
"Mas como vê Verlooy então a organização dos assuntos de governo?" continua o anfitrião de Mathilde.
"Ele fala, tal como os Americanos e os Franceses da necessidade de uma constituição. E esta deve ser bem elaborada. Já a referia em 1787, quando escrevia: '*Une Constitution née au hazard, une Constitution trouvée ou composée nonchalamment ne promettroit pas de durée. L'ouvrage de votre vigueur vous sera plus cher & sera plus solide!*' Ao seu ver não há boa política sem haver uma boa estrutura."

Uma *Confederação dos Estados Unidos dos Países Baixos* irrequieta é o menos desejado por qualquer casa real europeia. As grandes monarquias querem somente manter os Países Baixos do Sul como região-tampão contra a propagação das ideias republicanas francesas, nas quais não ou quase não existe espaço para um soberano real. Em finais de julho, a Convenção de Reichenbach decretou o fim da rivalidade com a Austria, pondo termo ao apoio Prussiano à Confederação. E agora, dois meses mais tarde, os representantes do Imperador, da Prussia, de Grã-Bretanha e das Sete Províncias assinam em Den Haag uma convenção regulando as condições para o restabelecimento da autoridade imperial no Sul, abolindo todas as prévias reformas imperiais, no domínio da igreja, da justiça e do governo. Pretendem obviamente inflingir assim o golpe mortal aos Estados independentes que os estadistas de Hendrik Van der Noot defendem. Como podem os estadistas

continuar a lutar contra o imperador Austríaco, quando todas as casas reinantes, a da Austria incluída, garantem a restituição de todos os privilégios? Ou vão assumir querer ficar no poder sem tutela?

Nos tempos iniciais da Confederação, Jean-Jacques, Elise e o pequeno Lodewijk mantiveram-se em Brugge, sem grandes problemas. Aqui não se nota muito das tensões entre os adeptos de Vonck e Verlooy e os de Hendrik Van der Noot. Modo geral, havia uma certa simpatia com os opositores do imperador fieis às antigas estruturas. Só os poucos fervorosos adeptos do imperador tiveram duros meses enquanto toda a gente pensou que os Austríacos tinham definitivamente deixado a Flandres.

Jean-Jacques constatara-o na feira anual e em outros eventos comerciais. Ele move-se facilmente entre os membros das guildas das diferentes profissões e atividades e conhece alguns dos mais importantes bastonários de leilões e vendas em haste pública. O velho bastonário Greysel confessara-o em tempos que Brugge podia muito bem entender-se com o governo da Imperatriz Maria Theresa. O seu há pouco falecido filho fora inicialmente bem recebido em Brugge, há dez anos, pouco depois de ter assumido o poder.

Mas em Brugge aconteceu o que Maria Theresa temera, conhecendo o seu filho impaciente. A sua vontade para acabar com todas as antigas formas de governo levara ao aparecimento de alguns adeptos de Vonck, mas a maior parte da população de Brugge optou pela linha dos estadistas de Van

der Noot.

Tanto o velho Greysel como o jovem Greysel dão se bem como Jean-Jacques e brincam regularmente com ele por causa do nome do filho… Lodewijk… Jean-Jacques e Elise pensam entronar um Luís XVII? perguntam muitas vezes entre risadas. Como encontrar na mesma família um Jean-Jacques e um Lodewijk, gracejam. Jean-Jacques repete ter-se deixado levar pelo significado original de *lutador livre* e, acrescenta com um pouco de vergonha, pela declinação germânica de Ludwig, nome da criança-milagre Beethoven, mais do que pela declinação francesa, nome de monarcas absolutistas.

Jean-Jacques aprecia a amizade da católica e tradicional família Greysel e os Greysel admiram o modo como Jean-Jacques consegue fazer pensar e falar jovens, às vezes além das bem traçadas fronteiras de estado, guilda ou ocupação, de modo complementar mas não acusador. Esta amizade é muito importante para o reconhecimento do trabalho do jovem casal, mesmo por quem tem alguma apreensão em relação a uma casa-escola fora do controlo da igreja, envolvendo de perto uma mulher e além disso aberta a rapazes e raparigas. E, claro, a felicidade de Jean-Jacques é grande quando o jovem Greysel anuncia no dia 7 de Setembro o nascimento da pequena Hanne, dizendo ser uma futura aluna de Jean-Jacques e Elise.

Brugge e Sluis distam só de quatro horas de caminho, logo os Lemaître não consideram necessário mudarem-se já. Os meses de verão foram os momentos mais complicados para os adeptos imperiais em Brugge, mas, mais uma vez, Jean-Jacques e a sua família não tinham muito a recear. Os seus pontos de vista em

relação a educação eram já conhecidos, a casa-escola também. Mas como é habito dos membros da família Lemaître, ninguém adota atitudes presunçosas e ele não condenam sem mais ou agressivamente a influência da igreja na educação. O casal de pedagogos limita-se a apontar indícios de possível abuso de poder, tanto entre os adeptos imperiais, os estadistas conservadores, como os adeptos mais liberais de Vonck e Verlooy. Eles só querem ajudar as pessoas para aprender a pensar. Só um ou outro odioso pároco lúgubre faz questão de os atingir com palavras proferidas do alto do púlpito, mas, como dizem os Greysel, eles são protegidos pela sua integridade, mesmo nestes tempos conturbados…
Mathilde chega entretanto à conclusão que tudo somado, as coisas estão mais tranquilas nos Países Baixos do Sul do que na França. Ela começa a ver como o princípio da liberdade passa a ser abusivamente interpretado pelos liberais, quando pouco a pouco consideram qualquer associação profissional um ataque ao direito de livre empreendimento. Aborda a questão com Jan. Tudo é possível? É pensável a organização de uma comunidade sem haver estruturas? Em que circunstâncias? E o que isto significa para a formação, o ensino, o conhecimento e a ciência?

Pouco a pouco os membros da família refugiados em Sluis presumem ter agido depressa demais perante a previsão de uma situação perigosa mas talvez inexistente. Karel e Tiene descrevem uma situação de tranquilidade em Oostende. Certo, o burgomestre André Van Iseghem desloca-se com frequência

para os Estados de Flandres, mas a edilidade cuida de manter a ordem na cidade, apesar da inicial oposição entre quem queria ver desaparecer o imperador para voltar ao antigamente, quem o queria ver sair para introduzir novas formas de governo e quem o quer de volta. A morte de José II, as promessas do irmão e o exercito de patriotas mal organizado talvez contribuíram. Tudo passa um pouco ao lado dos Oostendeses por assim dizer.

Mas, escreve Karel em termos velados, é verdade haver adeptos de Van der Noot a incitar trabalhadores quase analfabetas da cidade e do campo para assaltar as casas de quem se suspeita ser adepto de Vonck. Podemos perguntar-nos mais uma vez como o Senhor é abusado nesse minúsculo pedaço do planeta sobre o qual os governadores atuais espalham o lema *Domini Est Regnum*[1]. Provavelmente aqui em Oostende estes adeptos de Vonck são muito discretos, se já existem, brinca Karel, porque atos de terror contra eles, nem vê-los. Alias, outros atos também não. Plantou-se uma árvore da liberdade, mas essa liberdade pode ser interpretada de muitas formas.

A maioria dos Estados foram agora reocupados por tropas Austríacos, escreve Karel, e Flandres passou sem demasiado violência para o controlo do novo Imperador Leopold II. Este parece honrar os compromissos assumidos na Convenção de Den Haag. Ele insiste com Jan e Madeleine para voltarem para casa antes de 11 de dezembro. Burgomestre Van Iseghem comprometeu-se com general Conde De Baillet-Latour em

[1] Literalmente *Reino do Senhor*

relação à hospedagem de soldados e oficiais durante a ocupação da cidade nesta fase de reafirmação do poder Austríaco. Se eles voltam, a *Casa-escola dos Cais* não será muito afectada pelo acantonamento forçado e os locais de ensino e a biblioteca continuarão integralmente disponíveis para o trabalho com as crianças. Será benéfico para o projeto que no último ano só funcionou durante seis meses.

Jan e Madeleine chegam assim a tempo para assistir ao fim de uma estranha revolução sem o ser: mais uma vez há festa com carrilhão e iluminação nocturna. Às vezes podemo-nos mesmo perguntar, observa Mathilde, se as pessoas não ficam de facto indiferentes ao governo da cidade e do estado, desde que haja festa.

Mathilde não aprecia a decisão de Karel Theodoor, Eleitor de Bavaria para, instigado pela Igreja, promulgar um edito proibindo os *Illuminati*. Igreja e Eleitor preferem erradicar tudo que cheira a maçon ou outras irmandades secretas. Obviamente muitas irmandades optam manter em segredo os nomes dos seus membros por uma razão simples: querem se escudar contra o poder e a arrogância exagerada de governadores eclesiásticos e seculares. Não é necessariamente objectivo deles acabar com os detentores do poder. Mesmo depois da proibição da organização dos *Illuminati*, muitos dos seus membros continuam a ser difamados pelos seus críticos religiosos e conservadores. Estes alegam atividade subterrânea dos *Aperfeiçoáveis,* originando a Revolução Francesa. Mathilde, e não só ela, considera implausível esta acusação.

Nicolas de Caritat, Marquês de Condorcet mais uma vez advoga

os direitos das mulheres, agora na publicação *De l'admission des femmes au droit de cité*. Mathilde recebe um exemplar do livro através de Lille.
Entretanto Jan retoma o contacto com o *Círculo Literário* algumas semanas depois do seu regresso em Oostende, com novo regulamento desde o Natal.

Os anos de 1791 e 1792 continuam apesar de tudo a ser de grande instabilidade política. Oostende não sofre de muito violência mas o continuado acantonamento de soldados estrangeiros, seja ao serviço da França seja ao serviço do imperador Austríaco dificultam o trabalho educativo dos casais da casa-escola, sobretudo para as saídas com as crianças.
No interior de Flandres, mas sobretudo de Brabante, Hainaut e agora também de Liège, os problemas são bem maior.
Quando, em junho, os governadores austríacos voltam para Bruxelas, eles ficam impressionados com a recalcitrância dos governantes locais, às vezes acompanhados pelo resto da população, outras vezes não. Muito tem a ver com bens alimentares, clima e impostos. A Casa de Habsburgo sabe muito bem como nessas regiões desde sempre se contestou o direito dos Reis para governar a nobreza e o clero local como simples súbditos, e conhecem bem o alcance dos poderosos deões das guildas. O terceiro estado continua a ter os olhos postos na França, a nobreza de toga também, enquanto o clero prefere manter-se com os estadistas de Hendrik Van der Noot. De vez em quando aparecem arruaceiros de Paris e muitas vezes nem as forças de ordem ousam intervir nos tumultos. A

governadora Maria Christina queixa-se da população recalcitrante, toda a gente o sabe. Muitos continuam a querer uma revolução. Os Estados parecem voltar a estar abertos para os defensores do Terceiro Estado e mesmo para uma certa forma de eleições populares.

A família Lemaître recebe notícias de Lille, confirmando o surgimento de clubes de adeptos de Vonck e Verlooy aliando-se aos fugitivos anticlericais de Liège e protegidos pela *Constituante* francesa. Esses clubes têm a firme convicção que *Belgium Austriacum* será em breve *États-Belques-Unis* e que Liège fará parte dessa união. Os grupos querem claramente limitar o poder da igreja nos assuntos mundanos e não são certamente aliados de Van der Noot e Van Eupen. Defendem sobretudo o direito do indivíduo, mais do que uma igualdade económica ou social.
Verlooy, por exemplo, pronuncia-se com entusiasmo acerca da abolição dos direitos feudais e da separação dos indivíduos em estados impedindo seja quem for de se desenvolver. O círculo de amigos do irmão de Jan e da família de Madeleine tem muitas dúvidas em relação à lei de Le Chapelier, proibindo desde junho todas as associações profissionais. Mas Verlooy é peremptório. Para ele, a França é agora o país da *'verdadeira liberdade, aquele mesmo de uma verdadeira igualdade em direitos, …'* Pelo menos podemos dizer de Verlooy não enganar ninguém com falsas promessas. Ele dí-lo claramente: bens e fortunas não vão ser repartidas de forma equitativa. Ele escreve: *'Também você é levado a acreditar que uma plena igualdade significa a igualdade*

*de fortunas e a repartição de bens e propriedades. Não, isto é logro*.' Para Jan e Madeleine, as afirmações de Verlooy correspondem mais ou menos ao que escreve Emmanuel Sieyès: '*Les inégalités de propriétés et d'industrie sont comme les inégalités d'age, de sexe, de taille, de couleur etc* …'

Jan resume: "Da França surge uma ideia de igualdade política e jurídica mas não de igualdade geral. Para esses pensadores liberais tal como a escola não é precisa para todos, procurar a igualdade completa não tem lógica, nem é alcançável."

Segundo Karel tudo ficou bem mais claro desde agosto deste ano: "Os reis soberanos reformadores também não pensam em representação do povo através de eleições, e obviamente menos ainda em repúblicas sem Reis."

Em fins de setembro Karel consegue contar alguns pormenores do encontro que houve no mês anterior no castelo de Pillnitz, entre o imperador Leopoldo II e Frederico Guilherme II da Prussia. As suas fontes dizem o propósito ter sido a tentativa de fuga mal sucedida de Luís XVI para longe de Paris. Os dois soberanos foram encorajados pelas outras casas reais com as quais têm laços familiares de pôr de lado as suas divergências pessoais e debruçar-se sobre a sorte de Luís. Madeleine e Mathilde tentem de saber mais. O encontro em Pillnitz serviu em primeiro lugar para apaziguar diferenças e conflitos entre os dois soberanos. Houve alguma atenção, é verdade, para a situação na França, antes como sinal de boa vontade para com o irmão de Luís, como outros membros da aristocracia francesa, provisoriamente refugiado para sítios mais seguros. Sogra e nora conseguem, graças à correspondência com a família de

Lille o texto provavelmente correto da declaração de Pillnitz. Este diz[1]: "*Sa majesté l'Empereur, et sa majesté le roi de Prusse, ayant entendu les désirs et les représentations de Monsieur et de monseigneur le Comte d'Artois, se déclarent conjointement qu'elles regardent la situation où se trouve aujourd'hui le roi de France comme un objet d'un intérêt commun à tous les souverains de l'Europe. Elles espèrent que cet intérêt ne peut être méconnu par les puissances dont le secours est réclamé, et qu'en conséquence elles ne refuseront pas d'employer, conjointement avec leurs dites majestés, les moyens les plus efficaces relativement à leurs forces pour mettre le roi de France en état d'affermir dans la plus parfaite liberté, les bases d'un gouvernement monarchique, également convenable aux droits des souverains et au bien-être de la nation française. Alors, et dans ce cas, leurs dites majestés, l'Empereur et le roi de Prusse sont résolues à agir promptement et d'un mutuel commun accord avec les forces nécessaires pour obtenir le but proposé en commun. En attendant, elles donneront à leurs troupes les ordres convenables pour qu'elles soient à portée de se mettre en activité*."
O conteúdo desta declaração mostra o ridículo das afirmações

[1] Sua Majestade o Imperador e Sua Majestade o Rei da Prússia declaram conjuntamente, após ouvir os desejos e declarações de Senhor e Monsenhor le Comte d'Artois, que consideram a situação, em que o Rei da França se encontra, objeto de importante preocupação comum para todos os soberanos da Europa. Esperam que esse interesse não seja desrespeitado pelas Potências cuja ajuda é solicitada, que, portanto, não recusarão, juntamente com as Majestades aqui mencionadas, empregar os meios mais eficazes das suas forças armadas para ajudar o Rei da França para na mais perfeita liberdade, lançar as bases de um governo monárquico, adequado tanto para os direitos dos soberanos como para o bem da nação francesa. Assim e neste caso, disseram as suas Majestades, o Imperador e o Rei da Prússia estarem determinados a agir rapidamente e de acordo com as forças necessárias para atingir o objetivo commumente proposto. Entretanto darão às suas tropas as ordens apropriadas para que estejam em condições para rapidamente se tornarem ativas.

de Anne Josephe Théroigne de Méricourt, apesar da sua pose de amazona, com a qual irrita aliás bastante muitos dos estadistas. Ela vangloriara-se em Bruxelas ter falado com o imperador e o ter convertido para os princípios básicos por ela defendidos.

Mas na França a reação da *Constituante* à declaração conjunta é de fúria. Circula o rumor tratar-se de uma verdadeira declaração de guerra a quem propaga a república, forjada pelos reis reinantes da Europa nisso atiçado por monarquistas franceses. Pouco depois, a atitude anti-monárquica funde-se ainda mais com a atitude anti-clerical e a *Constituante* decreta que todos os padres não-constitucionais são automaticamente suspeitos.

Os amigos da *Casa-escola dos Cais* temem que a guerra aberta e efectiva está por breve.

## Arrogância e ignorância mortal

O *Cais do Imperador* está de luto. No primeiro dia de 1792 faleceu Mathilde. Jan e Madeleine estão muito abatidos. Jean-Jacques, Elise e pequeno Lodewijk, agora com 4 anos, vieram para Oostende para acompanhar os pais de Jean-Jacques. Boudewijn e Gertrude sentem-se também como se tivessem perdido uma avó.

Jan promete terminar o texto que estava a ultimar com a mãe para o publicar antes do fim do ano. O ensaio pretende homenagear os avós John e Mariana e atualiza o esquema com o qual visualizaram a arrogância e a ignorância.

As atividades da casa-escola seguem o seu curso, depois do contingente de soldados austríacos terem deixado novamente a cidade. Jan aconselha alguma moderação a Jean-Jacques nas tomadas de posição em público, sobretudo quando se trata do direito à participação política do povo em geral. Mais pessoas sabem atualmente a origem de ideias. O *Clube dos Jacobinos* e assenta-as nos trabalhos de Rousseau nos quais fala da soberania dos povo. E isto parece hoje uma contradição nos termos num território governamental ainda definido pelos Estados-gerais como *Reinado do Senhor*. Os líderes continuam a preferir governar na graça de Deus do que na graça do povo. A separação dos poderes mal coloca o poder legislativo na mão do povo todo. Mesmo os liberais têm um discurso muito confuso quando falam de sistemas de representação dos votos. Os grupos de Lille dizem estar de acordo para trabalhar com quem quer erradicar a presença austríaca, mas não é

recomendável gritar demasiado alto pretender a Generalidade do povo soberano. A Jan parece-lhe mais útil trabalhar calmamente e com convicção com crianças e jovens, pensar em conjunto e elaborar com eles as regras para o trabalho de aprendizagem.

A Declaração de Pillnitz originou uma reviravolta ainda mais estranha do que inicialmente se pensara. A *Constituante* vê nesta declaração um ataque às reformas em curso, e concorda com a declaração de guerra… vindo de Luís XVI. Jan pergunta-se se a febre revolucionária provoca cegueira. Pelo que entende, depois da morte de Leopoldo II e a entronização de Frans II como Imperador do Sacro Império, o rei Francês só quer o mais rápido possível reunir todos os conservadores, espalhados dentro e fora fronteiras com o único objectivo de defender a Coroa. Os membros da *Assembleia Legislativa* consideram necessário a declaração de guerra da França para continuar a propagar a revolução. Estranhamento, no *clube dos Jacobinos*, o membro Robespierre declara não poder estar de acordo com um argumento deste tipo, uma vez que ninguém gosta de ver aparecer a sua porte missionários armados. O tribuno confirma outra vez não ser nem monárquico nem revolucionário e continuar oposto à pena de morte.
Mas as primeiras investiduras das tropas francesas, reforçadas pelas legiões de Liège e de recalcitrantes habitantes dos Países Baixos Sulistas acumulam derrotas, deixando um rasto de destruição e mortes.
A família Lemaître ouve com tristeza e pesar como se

desenrolara uma espécie de pequena guerra civil em Lille, depois do assassinato de general Dillon, por se suspeitar ele fazer parte de uma conspiração aristocrata. No desenrolar dos eventos, um ano mais tarde, Lille sofrera um cerco durante o qual sucumbiram os últimos membros da família Lemaître que ainda lá viviam. O cerco não levara à rendição da cidade, mas o que ainda ligava a família desaparecera de um dia para outro. Nada mais ouviram dos irmãos de Jan e de Madeleine e casas e bibliotecas parecem ter ardidas por completo. São dias negros. Serve de cínica consolação Mathilde já não os viver.
Em Oostende volta a aparecer uma guarnição austríaca, ficando até pouco tempo depois do cerco de Lille. Depois os soldados fogem a sete pés da cidade rapidamente tomada pelas tropas francesas. Muitos Oostendeses já não sabem com quem ou como estar e fogem mais uma vez em direção a Zeeland, entre 12 e 17 de novembro. Desta vez, Jan e Madeleine arriscam ficar. Karel, Tiene, Boudewijn e Gertrude levam consigo documentos e provas dos escritos de Jan e Madeleine, com a intenção de os deixar compor e imprimir em Utrecht ou em Amsterdam. A casa-escola fecha novamente, mas desta vez só por um curto período.

Entre a nova ocupação da cidade pelas tropas austríacas e a plantação de mais uma árvore da liberdade na praça do mercado, a violência na França descamba para o terror, como a família já viu ocorrer em Lille.
Progride a perseguição dos padres não constitucionais. Vinte denuncias são o suficiente, considera a *Constituante* para um

padre ser declarado foragido por lei. O rei recusa-se a assinar a proposta. Mas mesmo sendo só uma proposta, ela origina durante os meses de verão vários assassinatos colectivos e linchamentos de padres de quem se suspeita ou sabe não quererem defender com a sua vida a interpretação revolucionária de *Liberdade* e *Igualdade*.

No Cais do Imperador ouvem-se com crescente mal-estar os testemunhos de cidadãos fugidos da França procurando abrigo onde podem. Na casa de Jan e Madeleine estão alojados quatro conhecidos da sua família de Lille, trazendo histórias macabras. Em agosto acabara-se por depor o rei e em setembro declarara-se o fim da monarquia. Muitos monárquicos foram assassinados sem nenhuma forma de processo, na rua, como nas prisões. Entretanto os camponeses consideraram insuficientes as regras autorizando resgatar direitos de posse de terreno. Mesmo depois de sair uma nova regulamentação, as zonas rurais continuaram inseguras, muitas vezes por falhas ou erros na informação dada.

Um duro golpe para as mulheres fora a atitude arrogante e totalmente irresponsável em relação à formação para parteiras de M^me^ du Coudray. Madeleine entende ver aqui não apenas a ignorância, mas sobretudo a arrogância cega do que ela descreve como o mundo masculino em busca de conflitos.

"Estás mesmo zangada," constata Karel, alguns dias antes de Tiene e ele saírem para Sluis.

"É mais do que escandaloso," diz Madeleine. "Saibas que M^me^ du Coudray deve ter hoje uns 77 anos e vive em casa duma prima. Da oposição à monarquia resulta ela ter perdido a

pensão real de que usufruía. Todas as decisões da *Constituante*, que hoje parece ter o nome de *Convenção Nacional*, continuam a ser assunto de homem. E os homens não tem nenhuma atenção para a formação das parteiras fora da grande cidade."

"Podemo-nos mesmo interrogar se esta indiferença acerca do parto em dor, muitas vezes com final mortal, tem a ver com estupidez masculina, com arrogância religiosa ou só com ignorância geral," considera Jan. "De resto, parece-me uma estranha forma de simpatia revolucionária, quando homens não querem fazer nada para proteger as mulheres com quem têm filhos."

"As mulheres e as crianças," continua Madeleine. "A prima de M^me^ du Coudray escreveu uma carta para a Assembleia Legislativa, na qual reforçou a importância de parteiras formadas. Na carta alegou a história de La Fayette, de quem o nascimento milagroso se deve a M^me^ du Coudray. Mas devido aos jogos políticos e golpes baixos entre homens sedentes de poder, La Fayette já caiu em desgraça e o seu opositor doutor Alphonse Leroy aproveitou-se da situação para criticar virulentamente a ignorância de todas as parteiras. Ouvi que falou com desdém daquela *demoiselle* que ensina os partos com uma boneca."

"Para situar o homem," completa Jan, "é conhecido em Paris como um arrogante fazedor de opiniões. Mesmo enquanto médico deixa-se levar mais pelas suas próprias simpatias e antipatias do que pelo trabalho científico. Entretanto não se importa em fazer passar invenções ou técnicas de outras pessoas como suas, se isso lhe convier."

"Atualmente doutor Vicq d'Azyr terminou uma investigação bastante alargada em todo o território francês, com a qual se aprende que muitos médicos estão com Mme du Coudray," diz Madeleine. "O ódio às mulheres mostrado por Leroy, ainda por cima especialista em partos, provoca muito mais danos tanto para a ciência como para as parturientes do que o curso de Mme du Coudray unicamente baseado na prática e na experiência. Longe do hospital e do médico-especialista, o curso com a boneca dá às parteiras uma boa percepção sobre o ato de dar à luz, difícil de conseguir obter de outra forma. Ridiculizando-o, o arrogante Leroy abre ele próprio a porta a toda uma legião de amadores, entre eles muitas mulheres. Todos aproveitam-se do descuido revolucionário de ridiculizar estudos e de retirar títulos, o que desvaloriza os próprios cursos entre uma população já por si anteriormente mantida ignorante pela Igreja."

Com o fim da monarquia na França, o novo governo adopta um calendário republicano. Os feriados cristãos são reconvertidos em dias festivos laicos. Muitas igrejas recebem uma nova função e são designadas *Templo da Razão*. Madeleine e Jan duvidam muito do sentido que isto tem. Será a Razão o novo dogma? A liturgia civil *Culto da Razão* parece a expressão um pouco infantil desse novo dogma. Os membros dos *Clubes de Jacobin* estão a falar a sério? Nada é muito claro. Porque não desenvolver a Razão nas universidades, agora despidas das suas vestes religiosas? Mais tarde ouvem de franceses fugitivos existir no seio do *Club de Jacobin* um grupo

que se formou gradualmente, encabeçado por Maximilien de Robespierre. Quando falam de desvios ditatoriais, quem sempre se pronunciou contra a pena de morte, agora desvaloriza os assassínios de rua e na prisão com observações como "*Citoyens, vouliez-vous une révolution sans révolution?*". Algum tempo depois Jan consegue um número de *Chronique de Paris*, no qual lê, da mão de Condorcet: '*Pergunta-se porque é que tantas mulheres seguem Robespierre, em casa dele, na tribuna Jacobina, nos Cordelier, na Convenção? Acontece que a Revolução Francesa é uma religião, e Robespierre transforma-a numa seita: ele é um sacerdote que tem os seus devotos, mas é óbvio que ele gosta de se fazer representar*[1]*. Ele intitula-se de amigo de pobres e fracos, ele é seguido por mulheres e por quem tem a mente fraca. Seriamente acolha a sua devoção e o seu tributo. No mínimo perigo ele desaparece para só reaparecer quando o perigo passou. Robespierre é um sacerdote e nunca será mais do que isso*.'

A leitura ocasional da *Chronique*, ou de outras revistas com notícias vindas da França, mostra Jan e Madeleine haver cada vez mais grupos a querer outra coisa em vez da monarquia. Com a sua habitual abertura humanista, não entendem como estes grupos passam mais tempo em atacar-se mutuamente naquilo que divergem em vez de procurar completar-se nessa divergência toda. Thomas Morus provavelmente os enviaria para Utopia…

[1] Sa puissance est en quenouille... Literalmente: o seu poder é transferido a mulheres, um poder entregue condenado a fraquejar.

Dois dias depois dos amigos terem deixado Oostende, o Coronel Maschalk e as suas tropas chegam à cidade. Instalam-se e fecham o serviço postal existente considerado demasiado germânico e pouco público. A partir de agora existirá um serviço estatal para servir toda a população, assim é anunciado. O *Post Comptoir* é aberto na Rua Longa e passará a ser dirigido por Mestre dos Correios De Rudder durante os próximos anos. Hoje, 17 de novembro, Jan e Madeleine tomam conhecimento de mais uma árvore da liberdade plantada na praça do mercado. Tal como o burgomestre Van Iseghem, não entendem muito bem porque a árvore foi coroada com um barrete frígio. Mesmo se desde tempos remotos esse gorro é símbolo de liberdade obtida, hoje ele é principalmente utilizado pelos Jacobinos. E é legítimo perguntar-se de que maneira as propostas dos Jacobinos reforçam a liberdade em geral. Os generosos objectivos de melhores condições de trabalho, mais salário, o fim dos serviços senhoriais, acabam por aumentar a liberdade individual de alguns, certo Mas o fim de muitos impostos beneficia os proprietários e não quem não possui nada… e o que pensar de propostas como:

- Proíbe-se o cristianismo e os bens da igreja são confiscados (sobretudo os terrenos, vendendo-os a agricultores ricos). Em vez de adorar o divino, deve-se adorar o humano.
- Executa-se o rei e todos os outros opositores à república.
- A educação e escolarização de todos deve exaltar a revolução.
- Os meses do ano mudam para meses revolucionários.
- Línguas outras que o Francês são proibidas.

As leituras ao longo dos anos de documentos do espólio da família levam Jan a pensar que a liberdade generalizada não decorre da simples proibição de antigas exclusividades, substituindo-as por algo diferente com novas exclusividades. Ainda irão Jan e Madeleine se lembrar daquele árvore de liberdade com barrete frígio, quando ouvirão ano e meio mais tarde, em 8 de pluviose III o Jacobino Vieuzac defender o francês como única língua autorizada no território francês com '*Citoyens, la langue d'un peuple libre doit être une et la même pour tous*'. A finalidade subjacente não é exatamente a mesma como a de propor uma língua comum para ciência e escolarização, pensa Jan. E o povo livre restringe-se pelos vistos a quem vive dentre das fronteiras franceses. Vai todo o planeta ser território francês e livre? Um bom projeto para imperadores…

Jan e Madeleine não ficam muito surpreendidos com o desenvolvimento dos acontecimentos na França mas não deixam de estar desiludidos. O único resultado das mudanças mostra como quem menospreza as pessoas comuns retoma o poder a quem despreza a plebe, um pouco como Mathilde tinha previsto.

Jan publica no mesmo ano a '*Nova descrição do ser humano pensante e como o pensamento é conduzido. Uma tentativa de compreensão da arrogância e a ignorância*'. Trata-se duma adaptação do trabalho dos seus avós John e Mariana acerca da caracterização do ser humano e das relações entre indivíduos. O modo como aborda a relação entre arrogância e ignorância

é claramente influenciado pela política Europa atual. Atualizando o documento original, Mathilde e Jan realçam novamente encontrar só esporadicamente indivíduos simultaneamente pouco arrogantes e pouco ignorantes na Europa de hoje. Influenciado pelas suas conversas com Mathilde, Madeleine, Karel e Boudewijn, mas também pela leitura dos filósofos na biblioteca dos avós, Jan não fica convencido com os mitos do Nobre Selvagem trazidos pelos primeiros viajantes Espanhóis e Portugueses da Oeste-Índia, mais tarde referida como América. Para ele, o ponto a favor daquela população oeste-índia não é de desconhecer o conceito de *posse*, mas de ter o saber não possuir, mas unicamente utilizar aquilo que é da natureza. Contudo, em todo o mundo cristão, ou, se queremos alargar, em todas as sociedades apoiadas em dogmas incluíndo o reconhecimento de um ser supremo, a porta está grande aberta para a instalação de hierarquias. E não é alguma vez possível haver soberanos sem súbditos, só há senhor se houver servo. Mesmo sem nunca falar diretamente do nobre selvagem, o filósofo do contrato social advoga a boa natureza inicial do ser humano corrompido pela sociedade. Durante a reformulação do trabalho dos seus avós, Jan considera só existir diminuição da ignorância se todos os seres humanos são aceites numa cultura que disponibiliza toda a Ciência *em si* a todos. Não significa que *toda* a ciência possa ser compreendida por uma só pessoa. Colectivamente, os seres humanos sabem tanto, que uma pessoa só enlouqueceria se tentava compreender tudo. Mas as bibliotecas são inventadas pelo ser humano para ser a

extensão da sua própria mente e memória. A essas bibliotecas todo e qualquer um deve ter acesso, assim que sabe ler, conhece várias línguas e dispõe de tempo para trabalhar o enriquecimento da sua mente sem limites. Um humanista cosmopolita só existe num mundo no qual a herança cultural é *por definição* herança pública; num mundo onde ninguém está ao serviço de outro, mas onde todos se completam a todos. Isso por sua vez só é possível se dogmas e nações não separam as pessoas com fronteiras traçadas. Essas fronteiras são invenção humana e não tem nada a ver com a manutenção de um território de caça, como vemos entre animais predadores e alguns tribos muito afastadas de nós. As fronteiras tem a ver com pensamento e cultura, dão a quem exerce poder a ideia indicar o acréscimo de posse. Origina a terrível ideia a um imperador secular ou religioso ter na mão o poder para fazer desaparecer as fronteiras assim que domina o planeta. Mas dogmas não se fundem. O mais bem sucedido, obviamente o do soberano, simplesmente ganha a todos os outros e passa a ser imposto, criando sempre azedume entre os adeptos do dogma vencido.

No ensaio, Jan admite Mathilde e ele próprio serem antes pessimistas acerca da possibilidade do desenvolvimento do mundo humano pacífico baseado na compreensão. Segundo eles, só um ligeiro aumento de arrogância e de ignorância já chega para mesmo os humanistas apresentarem traços de supremacia sobre outros seres humanos. De resto, dizem, é possível falar de figuras neutras. Não utilizam a sua baixa ignorância para cultivar a própria arrogância, antes se criam

uma imagem do que poderá ser o melhor para os outros sem o conseguir realizar. O *molusco* é provavelmente o único do qual se pode dizer utilizar o seu conhecimento para não fazer mal aos outros sem tomar nenhuma iniciativa para se pôr ao serviço de outros.

A grelha com uma nova visão geral de individualidades tomando em conta a ignorância e a arrogância incorporada no ensaio procura tornar mais claro os pontos de vista de Jan e Mathilde:

| **Nova descrição do ser humano pensante e como o pensamento é conduzido** | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **Arrogância e Ignorancia elevada** | | | | | | **Neutro** |
| Europeísta tolerante | Europeísta paternalista | Eruopeísta intolerante | | Destruidor | | Déspota iluminado |
| **Ignorância elevada, baixa arrogância** | | | | | | Diplomata |
| Escravo | Carne para canhão | Servo | Estúpido amansado | | | Líder tolerante |
| **Arrogância elevada, baixa ignorância** | | | | | | Molusco |
| Rei ou líder déspota | Senhor de guerra | Escravista | | | | |
| **Baixa arrogância e ignorância** | | | | | | |
| Humanista cosmopolita | Humanista convicto | Humanista paternalista | Humanista tolerante | | | |

Jan explica ter começado a escrever o ensaio com Mathilde, inacabado na altura do seu falecimento. Ele agradece Madeleine, Karel e Tiene pelo apoio na melhor elaboração de ideias na altura não finalizadas. As suas reflexões resultam sobretudo da adoção de uma atitude crítica em relação ao ideal de liberdade tanto de Rousseau como de Condorcet. Estes colocam o indivíduo em primeiro lugar. Para Jan a *liberdade individual* absoluta simplesmente atrapalha a

liberdade de todos os indivíduos. E isto porque um indivíduo se imagina a sua própria liberdade em função da consciência que tem da sua própria arrogância e ignorância. Daí, Jan deduz o papel da escola e da educação. Baseando-se neste raciocínio, considera ainda válido discutir o credo de Comenius. Explica como a *Casa-escola dos Cais* à qual dedicou grande parte da sua vida com Madeleine, melhorando-a, primeiro com Karel e Tiene e depois também com Boudewijn e Gertrude, tem como objetivo levar à *liberdade colectiva*. Para se aproximar do conceito, as crianças são apoiadas em viver as suas diferenças como complementares e não como hierárquicas ou excluintes. O ensaio termina advogando a educação popular abrangente, na qual sempre se considera o conhecimento coletivo disponível. O texto apela ainda para a edição de bons livros infantis, que ajudam crianças a pensar de modo complementar em vez de hierarquizado.

As ideias de Johann Pestalozzi não são necessariamente um progresso, pelo menos enquanto o pedagogo argumenta ter que ensinar os pobres em como viver a sua pobreza. Esta pobreza decorre pois da riqueza de outros e ensinar a vivê-la resume-se novamente a manter a hierarquia de possuidores, existindo no fundo da lista os não-possuidores. Jan não está grandemente admirado com a notícia que Johann Pestalozzi recebeu este ano a cidadania honorária da França. Na Confederação dos XIII Cantões ele é logo censurado por colaborar com o inimigo. Mas na França existe a ideia ele simpatizas com todos que se manifestam contra a injustiça generalizada. E provavelmente há muitos revolucionários do

Terceiro Estado concordando com Pestalozzi que existe um estado de pobres. Convém conduzir bem quem nele pertence, para continuar a se sentir feliz. Pode dizer-se ao seu favor que o pedagogo se pronuncia contra a violência, sendo ela revolucionária ou não.
O pessimismo de Jan e Mathilde, acerca do modo como as pessoas se vêem e tratam, influencia Jean-Jacques e Elise. Ainda em Leuven aperceberam-se como o acesso à Ciência ainda está dependente do estado e do sexo. Por isso mesmo ambos rapidamente revertem o seu trabalho com crianças para o com adultos. O *Círculo de Estudos de Bruges* por eles liderado cresce depressa. Muitos novos membros provêm das Câmaras dos Retóricos ainda existentes, outros aproximam-se porque já tinham antes confiado a educação dos seus filhos ao casal. O círculo de estudos segue atentamente as novidades em ciência e dá muita atenção em evitar o pensamento dogmático entre membros. Logo fala-se frequentemente acerca da dúvida se da possibilidade ou não de provar a existência de Deus. Para já, faz sentido desejar chegar a esta prova? Talvez não, quando se pretende uma sociedade de pessoas com ideias diferentes e não uma de pessoas entre as quais alguns se afiguram tolerantes paternalistas em relação a quem se julga ainda não ter vislumbrada a (verdadeira?) luz.

Agora são os amigos de Jan e Madeleine a conseguir rapidamente transmitir as novidades dos Países Baixos do Norte através de Sluis. Confirmam o rumor de há mais de um ano em relação à patente da *Companhia das Índias do Oeste*.

Ela não foi renovada, não numa tentativa de eliminar a escravatura, mas por meras razões económicos. Aliás segundo informação vindo de Middelburg, as dificuldades económicas da Companhia dever-se-iam sobretudo à liberalização do negócio de escravos deixando de ser o negócio exclusividade de uma companhia só. Daí resultou os investidores procurarem novos lucros e hoje torna-se ainda mais difícil perceber qual é a percentagem proveniente do negócio de escravos nos lucros gerais de empreendimentos comerciais. Mas continua a ser óbvio que os lucros da comercialização da maioria dos bens provenientes das colónias ou das Américas se baseiam em trabalho de escravo e os lucros da comercialização dos bens na Europa nas compensações ridiculamente baixas pagas aos trabalhadores manuais. Manter os pobres pobre é portanto a premissa de todos os proprietários com o objetivo de aumentar as suas posses, aristocracia e terceiro estado incluído.

Jan e Madeleine precisam como sempre de outros rendimentos para manter a *Casa-escola dos Cais* a funcionar e decidem rever mais uma vez os seus investimentos. Afastam definitivamente o último reduto de interesses na marinha mercante. Jan envolve Jean-Jacques nas conversas para este entender os interesses económicos da família. O futuro é difícil de prever e Jan não exclui o cenário no qual a época agitada vai arruinar muitos investimentos. Por isso, pais e filhos concordam em transformar provisoriamente a liquidação dos interesses na marinha mercante em ouro e prato.

Os ocupantes vindo da França tentem entretanto reforçar a sua posição nos territórios Flamengos, de Hainaut e do Brabante.

Os clubes Jacobinos locais parecem ser os únicos a acompanhar em tudo os revolucionários franceses. Os estadistas conservadores só querem afastar os Austríacos dos Países Baixos do Sul. Porém, os governadores franceses opõem-se com ainda mais veemência à influência da igreja nos assuntos seculares do que o fazia o imperador Austríaco. Jan e Madeleine não entendem sempre as alianças dos activistas da falhada independente *Confederação de Estados Belgas Unidos*. Na prática as cidades são obrigadas de acatar todas as leis franceses, por decreto de 15 de dezembro de 1792. O ocupante francês vê nos territórios conquistados as províncias a serem sugadas até ao tutano para assim custear a revolução na terra-mãe. Os constantes assaltos aos bens das igrejas são uma verdadeira afronta para a população local. Tenta-se negociar, mas os ocupantes franceses não deixam muito margem. Mal os comissários sentem um foco de resistência, dissolvem a edilidade sem permitir eleições gerais a seguir. Já aconteceu em Brugge, Gent, Aalst, Ieper e Antwerpen. A família Greysels conta a Jean-Jacques e Elise como os crentes católicos se sentem hoje ameaçados em cada ida à igreja. De resto, de semana a semana constata-se o desaparecimento de tesouros da igreja, sem sempre saber se é saque dos ocupantes ou se membros da comunidade escondem os objectos. Jean-Jacques lê portanto com alguma surpresa Jan Baptist Verlooy, protagonista revolucionário depois do falecimento de Jan Vonck. No seu texto '*Estão a fé, a liberdade e a propriedade em perigo?*', Jan Baptist Verlooy explica o novo governo francês querer sobretudo acabar com a aristocracia esbanjadora, bem

como com o clero esbanjador que dela descende. Ele argumento que em termos gerais o Estado proporciona uma melhor vida aos párocos, mas por isso se vê obrigado a confiscar os bens de bispos opulentos para a melhor vida dos párocos não ser um peso sobre a população em geral. Explica tratar-se de igualdade política na mesma linha geral: '*a seguir não haverá mais nobres, nem corporações de artesãos, nem guildas, nem Estados, e assim: porque são todos desigualdades políticas*'. Jean-Jacques supõe a verdade estar algures no meio. Como acontece muitas vezes no auge de um conflito, ela não estará inteiramente do lado dos Greysels, nem do lado de Verlooy. Pode aqui haver (boas?) intenções de redistribuição. Contudo continuam também as pilhagens feitas por simples soldados rasos mal pagos, em nome de ordens superiores, sem por isso as injustiças de que fala Verlooy serem corrigidas.

Outra notícia chega da França: o rei foi executado depois de ter sido acusado de alta traição. É hoje evidente para todos: na França as cabeças só estão ligeiramente seguras nos pescoços e é assim para todos. Surge uma nova onda de decretos de anexação de cidades nos meses de fevereiro e março, mesmo depois da batalha de Neerwinden no dia 18 de março, terminando a anexação dos Países Baixos do Sul devido ao êxito da tropa austríaca. Existem muitas dúvidas em relação à livre vontade dos cidadãos para serem anexados, pensam tanto Jean-Jacques e Elise em Brugge como Jan e Madeleine em Oostende. Como é possível? De repente a anexação é unanimemente aprovada em Brussel e Bergen, sim, mesmo em Gent e Namur? Oostende aprova o decreto de anexação no

dia 11 de março mas ele já não vai entrar em vigor. No dia 30 a tropa dos ocupantes franceses abandona a cidade à desfilada pela Porta de Oeste, direção Flandres Francesa…
Em vez de se preocupar com os decretos de anexação, os Oostendeses preferem debruçar-se sobre o artigo de professor Lichtenstein publicado no *Almanaque de Goettingen*, no qual ele quer provar o poder de cura milagroso e inegável da água do mar a partir da sua própria experiência. O escrito beneficia os banhos de mar e portanto a economia de Oostende e de algumas cidades costeiras na Grã-Bretanha. Tendo essas notícias em mente, os Oostendeses recebem solenemente Cavaleiro De Wapenaer no dia 5 de abril. Jan e Madeleine ouvem como a árvore da liberdade foi rapidamente reduzido a cinzas, barrete frígio incluído. Pouco depois, as guildas organizam uma grande festa popular. Ao ver a aderência, Madeleine escreve a Jean-Jacques, e apesar de todas '*as ideias democráticas*' defendidas por Verlooy, o povo continua a gostar de senhores e mestres que oferecem festas. No dia 22 já a cidade abunda de Ingleses, nunca se sabe se não todos vão tomar banho aqui. Mas para já procura-se acantonar soldados. Não longe do Cais do Imperador, criam-se estábulos para 900 cavalos no Convento das Freiras Brancas.

As notícias vindas diretamente de França escasseiam agora. Jan e Madeleine dependem novamente das histórias dos fugitivos e dos escritos de adeptos da revolução francesa, como é o caso de Jan Verlooy. Na França os Girondinos são pouco a pouco afastados da Convenção Nacional e o número de

oponentes decapitados aumenta rapidamente. O termo oponente torna-se aliás deveras relativo, porque quem guilhotina facilmente é guilhotinado amanhã. Os periódicos ingleses fazem crescer rapidamente a coleção de caricaturas desse hábito francês em curso.

O terror aumenta, a revolução torna-se mais violenta e cada um interpreta à sua maneira como implementá-la.

A *chocolatière* parisiense Pauline Leon e a actriz Claire Lacombe, fundem a *Société des citoyennes républicaines révolutionnaires*. Pauline alia-se com os *Enragés*, depois de se casar com o protagonista deste grupo, Theóphile Leclerc. A *Societé* exige o direito ao porte de armas para as mulheres. O seu regulamento apresenta um programa com três vertentes: instrução mútua, estudo da constituição e das leis da república e defesa de qualquer indivíduo vítima de arbitrariedade. A proposta de instrução mútua interessa Madeleine e ela tenta saber mais desta associação de mulheres.

Com o terror apoiado em leis torna-se fácil denunciar situações em determinadas partes do território 'não estando sob controle'. Capitão Bonaparte está envolvido no esmagamento de motins em Avignon. A seguir ele escreve *Le Souper de Beaucaire*, um panfleto no qual defende as posições jacobinas, beneficiando desse modo a sua própria carreira militar.

Na economia, os camponeses livres constituem-se novo poder emergente depois de, desde 1789, terem conseguido acabar com o direito feudal. Personalizam de certa forma as ideias fisiocráticas e validam-nas economicamente, sobretudo depois da lei de Le Chapelier proibir corporações e da adopção pela

Assembleia Geral Nacional do princípio geral de liberdade individual de empreendimento.
As questões religiosas não resolvidas fazem regressar o protagonista Jacobino Maximilien de Robespierre à ribalta. Ele define-se deísta e explica como as reformas profundas para separar a igreja do estado degeneram num ateísmo intolerante. Para ele, esse ateísmo radical é um fenómeno aristocrático e decadente incompatível com a verdadeira natureza do povo. Advoga maior liberdade religiosa na França e opõe-se na prática ao *Culto da Razão*. Robespierre distancia-se também de Pauline Léon na sua luta pelo reconhecimento da cidadania das mulheres, iniciado no seio do *Clube de Jacobin*. Quanto ao conceito da perfeita justiça e igualdade, Robespierre defende a abolição da escravatura e um sistema progressivo de impostos, mas limita a sua proposta de sistema de voto universal aos homens, excluindo as mulheres…

Depois da pausa de verão, mal começou o trabalho escolar quando na cidade de Oostende se fica mais uma vez inquieto. Parece que as tropas franceses estão às portas de Nieuwpoort. A guerra vai mais uma vez entrar cidade dentro? Desta vez, Ingleses e Austríacos estavam prevenidos quanto à concentração francesa. Diques perfurados inundam os polderes e forçam o exército vizinho a recuar. Os agricultores lamentam a destruição dos seus campos de cultivo.
Jan e Madeleine sabem dum oficial austríaco que os Franceses guilhotinaram no dia 16 de outubro a irmã mas nova do há pouco falecido Imperador Leopoldo II, tia do Imperador Frans

II e do governador Carlos da Austria. Maria Antonieta era a esposa do já executado rei Luís XVI.

No final desse mesmo mês de outubro a Assembleia Nacional francesa decide proibir qualquer associação de mulheres. As mulheres já nem sequer tem o direito de se reunir, apesar do protesto de Louis-Joseph Charlier que declara: '*Je ne sais sur quel principe on peut s'appuyer pour retirer aux femmes le droit de s'assembler paisiblement. À moins que vous contestiez que les femmes font partie du genre humain, pouvez-vous leur ôter ce droit commun à tout être pensant?*'[1]. Madeleine não conseguiu saber mais dos desejos e do modo de funcionar da *Société des citoyennes républicaines révolutionnaires* ou sequer de entrar em contacto com as mulheres da agora proibida associação. Jan e ela própria vêm na proibição um claro e preocupante sinal do caminho errado tomado pelos líderes da revolução fazendo reaparecer em força a arrogância masculina. A instrução mútua faz cada vez mais falta, pensam eles, não só entre mulheres, mas também entre crianças provenientes de estados diferentes. A *Casa-escola dos Cais* poderia muito bem ser uma *Société d'Enfants Républicains*. Como muitos pais das crianças que agora nela estudam a frequentaram no passado, talvez a ideia se popularize entre os seus clientes.

O casal lê com redobrada atenção os ensaios de Jan Verlooy. O advogado não fala de co-educação, mas ele defende sem hesitação o direito universal ao voto. Ele escreve não poder estar de acordo com os estadistas e diz: '*os democratas ou*

[1] Não sei em que princípio se apoiam para privar as mulheres do direito de se reunir pacificamente. Podem privá-las desse direito comum de todos os seres pensantes, ou talvez contestem que as mulheres fazem parte do genro humano?

*populares pelo contrário não querem governo se não por escolha e para um, dois ou três anos*'. Podem Jan e Madeleine fazer a pergunta, claro, quem está em condições para votar com conhecimento. Eles vêem uma resposta possível para esta pergunta. Votantes devem poder contar com eficaz educação, saber raciocinar, saber ler e escrever e aprender a conviver com quem tem opiniões diferentes das suas. Mais uma ideia para a *Société d'Enfants Républicains*. Sem encontrar nos textos de Verlooy indicações em como ele vê a educação para possibilitar o voto universal, não lhes custa subscrever o seu ponto de vista que todos, do simples trabalhador manual até o mais rico proprietário ou anterior aristocrata deve ter um voto, igual ao voto de cada outro. Mas mais uma vez, observa Madeleine, este filho de Brabante divulga as ideias vindas da França, sem nunca falar do papel das mulheres.

Contudo, retomar mesmo boas ideias da França não é muito popular de momento, em Oostende. As tropas franceses acabam de afundar um cúter no canal de entrada do porto com o intuito de dificultar a navegação em geral e a entrada dos barcos vindos da Inglaterra em particular. Quando pouco depois se abre uma filial para receber doações patrióticas em favor da Casa da Austria, é bem claro para onde vai a simpatia hoje.

Mais razões existem; grande parte da população por cá continua a desconfiar do anticlericalismo do governo francês. Ainda há pouco a Convenção de Paris declarou pela enésima vez ter o direito de acabar com a religião católica e de a substituir pelo *Culto da Razão*. O *Clube de Jacobin* continua muito ativo nesta

matéria, mesmo se Robespierre se distancia outra vez de um ateísmo demasiado radical. Ele acolha mais adeptos quando é mal interpretada a intenção de fazer da Notre-Dame um templo da razão onde não o Deus Cristão mas a Razão é adorada. As más línguas até afirmam registarem-se orgias nos corredores laterais da catedral. Maximilien de Robespierre terá dito nessa ocasião que se Deus não existe, ele deverá ser inventado.

No início de 1794 todos percebem bem a intenção dos revolucionários da França. Eles querem anexar os Países Baixos do Sul a qualquer preço para dispor de mais receitas. Jan e Madeleine constatam mais uma vez a gritante diferença entre quem tenta sobreviver de dia para dia e quem decreta guerras em nome de ideias de igualdade, quando a igualdade económica nem sequer está contemplada. Há novos alunos provenientes do bairro dos pescadores, admirados porque na *Casa-escola dos Cais* sempre recebem um pouco de peixe ou de carne ao almoço. Eles falam das rações diárias em casa; consistem em batatas cozidas e esmagadas preparadas pela mãe de manhã cedo e servidas ao almoço e ao jantar, às vezes com um pouco de azeda brava, às vezes com uma cenoura ou umas ervilhas, e, se possível, regado de molho de cebola.
Enquanto Jan reflete sobre essa vida quase de escravo, a evacuação de Austríacos e Holandeses de Oostende e Brugge continua. Madeleine escreve uma carta aos amigos em Sluis aconselhando não voltar ainda para casa, até passar a violência bélica que se anuncia. Entretanto Elise escreve para anunciar o refúgio temporário em Sluis da pequena família.

Está claramente nos planos da tropa francesa de ocupar Brugge. Jean-Jacques e ela própria preferem não correrem riscos, depois de ouvir histórias acerca de soldados mal pagos soltando a sua frustração nos habitantes das cidades ocupadas. É melhor ninguém ouvir o filho, agora com seis anos, anunciar com orgulho em cada esquina que ele é *Lodewijk, o livre lutador*. Pode ser alvo de gozo, ou pior. As partidas são frequentemente maldosas e alguns Louis, Lodewijks e Ludwigs já o experimentaram com facadas da parte dos 'libertadores revolucionários'…

Nas ruas ouve se a toda hora gritar '*le jour de gloire est arrivé*', mas essa glória é frequentemente mortal, literalmente para quem pensa diferentemente, de modo figurado para muitas instituições. Obviamente todas as instituições militares e diplomáticas que serviram o rei decapitado são agora *non grata* e quem servia nelas não tem a vida segura. É o caso do duque du Châtelet, representante da aristocracia nos Estados-Gerais e chef militar odiado pelas suas tropas. Depois da morte do rei ele chegou a fugir do país, mas voltou depressa querendo proteger os seus bens. Nisso, tentou subornar funcionários para apagar as evidências da fuga e tornar-se mais credível perante o novo poder por alegadamente nunca ter deixado o país. Mas continuou a liderar uma rede de opositores à revolução decretando assim a sua morte. Madeleine soube da sua decapitação há pouco mais de um mês.

Dias antes do fim de junho, Jan conta a Madeleine ter ouvido

na rua que a coligação contra as tropas franceses perdeu a batalha de Fleurus. Os franceses aproximam agora rapidamente e muitos Oostendeses fogem sem mais pensar para a Zeeland. Contudo, destes vez Zeeland não é suficientemente afastado para fugir à guerra, sabe Jan. Os franceses querem continuar até às margens do rio Escalda seguindo rumores persistentes, não só para garantir a ocupação dos Países Baixos do Sul mas também para manter abertos os portos de Gent e de Antwerpen através do controlo sobre o rio. O casal pede a quem vai para Sluis de levar cartas para os amigos, nas quais garantem que farão todos os possíveis para evitar o acantonamento de soldados nas suas casas. Contudo, será conveniente não esperar muito para regressar a Oostende mal existe um acordo de ocupação. Obviamente não conseguem fazer muito para Jean-Jacques e Elise, mas estes precaveram-se e têm amigos a viver na sua casa com escola.

Quando no dia 30 os Austríacos atiram todas as munições ainda disponíveis na cidade ao mar, o recado é claro. E no dia 2 de julho, 15.000 franceses entram na cidade, todos a precisar de alojamento.

François Picard, um dos dois oficiais acantonado em casa de Jan e Madeleine, é originário de Lille. Rapidamente anfitriões e hospede forçados descobrem que os avós do tenente integravam o grupo de convidados regulares das sessões de salão de Dieudonné e Mathilde. No aconchego da casa e depois de algumas discretas conversas de reconhecimento inicial o hospede e os anfitriões constatam estarem de acordo em muitos aspectos, mesmo em relação a sua apreciação da

revolução na França: ela tornou-se cada vez mais uma caricatura de si própria, e amanhã é executado quem hoje executa.

Jan e Madeleine sabem de François da prisão de Nicolas de Caritat, Marquês de Condorcet já no passado dia 27 de março em Clamart. Ele fora encontrado morto dois dias depois na prisão de Bourg-l'Égalité. Segundo rumores teimosos, ter-se-á suicidado com um veneno escondido ao qual terá dado o nome de '*pain des frères*'. Mas também há quem diga que ele simplesmente morreu de medo.

Com alguma tristeza, François continua: "Eu descendo de uma família na qual os estudos sempre se sobrepuseram a uma carreira militar. Mas nos últimos cinco anos não havia muita escolha para os filhos das famílias da pequena aristocracia: procuras sobreviver como oficial militar ou tens a certeza de uma rápida denuncia por ignorantes incitados como traidor da revolução, para depois ser linchado ou guilhotinado sem processo sério. Nós reconhecemos na pessoa do Marquês de Condorcet alguém que realmente tentava de obrar pela liberdade política, também das mulheres. Vocês falam-me das propostas dele para o ensino e dizem talvez não terem sido as suficientes, mas eu posso vos assegurar que o vosso projeto de escola pelo que me é dado ver não tem igual, certamente não na França ou nos Países Baixos do Sul."

"Seguimos um sonho sonhado por poucos e sabemo-lo," diz Jan. "Aqui em Oostende não foi fácil também não manter um grupo de aproximadamente sessenta crianças, e com momentos, oitenta. Provavelmente está ao nosso favor não haver na cidade

quem pertence à alta aristocracia mais conservadora. De resto mantivemos sempre ótimas relações com o pároco mais importante da cidade. Mas para voltar a Condorcet: há alguns anos eu li como ele se referia negativamente a Robespierre referindo-se a ele como sendo uma espécie de padre da revolução."

"Não li nada do género mas provavelmente ele tinha uma espécie de pressentimento. Há alguns meses Robespierre falava do Ser Supremo e da imortalidade da alma. Hoje perfila-se como Alto Sacerdote do *Culto do Ser Supremo*, antagónico ao *Culto da Razão*. É a sua resposta ao ateísmo profundo detetado por ele e os seus seguidores. Para ele o cristianismo está corrompido por inteiro, logo precisamos de uma religião racional: um culto do ser supremo, uma religião estatal deísta. A alegórica *Deusa da Razão* tem um papel importante. Entretanto padres católicos são pressionados para prestar um juramento de subordinação à República e um de ódio à monarquia. Desde o início do ano, mias igrejas voltam a serem fechadas."

"Infelizmente não só fecham as igrejas," comenta Madeleine que se junta à conversa. "Várias academias reduziram a sua atividade até ao mínimo ou fecharam mesmo. A Academia de Bruxelas já estava praticamente parada durante aquele estranho ano de Van der Noot, enquanto Vonck e Verlooy quase se espetaram. Agora foi dissolvida… É estranho isto acontecer quando oficialmente todos falam de Razão e Ciência."

O hospede olha para cada um deles e solta: "Infelizmente vão

constatar mais idiotices. Em nome de uma específica intolerância, de uma arrogância e ignorância generalizada, fecham se agora também as universidades com a justificação que todas elas são controladas pela Igreja."

Jan dirige a conversa para outro assunto espinhoso: "Consegues nos dizer, aqui, a volta da mesa, se já é seguro para os nossos amigos para voltarem para casa?"

"É me difícil olhar para um futuro mais distante, porque, também aqui entre nós, é difícil de perceber qual será a verdade de amanhã. Temos as nossas ordens para incorporar todo o território flamengo, Estado-Flandres incluído. Assim não é muito diferente para os vossos amigos viverem em Zeeland ou aqui. Oiço fala da instalação de uma armada permanente no *Franc de Bruges*, como barreira contra as tropas inglesas. Para Oostende, temo haver a continuação da situação que já existia antes da nossa última chegada. A *Companhia de Trieste* e a marinha mercante sobre a Índia vão continuar a abrandar atividade. Antuérpia voltará a ser um porto importante. Provavelmente Oostende regressa a porto de pesca, eventualmente com alguma marinha mercante para abastecimento local. Mas os Ingleses estão sempre a dois passos de aqui."

Dois dias depois François conta como é cada vez mais fácil de prender pessoas sob mera suspeita terem ideias negativas acerca da revolução: "No 22 Priarial ano II foi votado uma lei para constituir o Tribunal Revolucionário. Desaparecem as poucos garantias de defesa das quais alguns acusados ainda dispunham. Pelo que entendo, este novo tribunal é o meio

para tratar aristocratas e pessoas com bens da mesma forma arbitrária como os pobres, tirando-os tudo que antes ainda lhes fazia ter meios para se proteger. Este tipo de igualdade não é para mim um avanço na justiça, mas um retrocesso. Em vez de dar meios aos pobres para se fazerem ouvir, priva-se deles quem ainda os têm, e mais ninguém consegue fazer-se ouvir. Só para perceber melhor: Georges Couthon participou nesse projeto e terá dito que[1] *'Le délai pour punir les ennemis de la patrie ne doit être que le temps de les reconnaître; il s'agit moins de les punir que de les anéantir… Il n'est pas question de donner quelques exemples, mais d'exterminer les implacables satellites de la tyrannie ou de périr avec la République.*' Parece-me uma forma peculiar para defender a liberdade e a fraternidade."

Gradualmente os Oostendeses regressem de Estado-Flandres para descobrir que os comissários da armada são tão eficazes na requisição de bens e alimentos como os da marinha. General Moreau apropriara-se imediatamente de todos os binóculos e mapas *Ferraris*. Os comerciantes e lojistas devem agora entregar toda a sua provisão de cobre, ferro, chumbo, estanho, enxofre, salitre, potássio, talco e couro. Mais grave é a exigência da guarnição para ser abastada diariamente com 18.000 libras de pão, uma sobrecarga para toda a população. Passadas duas semanas, a tropa de ocupação exigira 300 caldeiras e toda a provisão de carvão existente. E os prazos de

[1] A demora em punir os inimigos da pátria deve limitar-se à determinação que o são; não se trata tanto de puni-los, mas de aniquilá-los… Não se trata de dar alguns exemplos, mas de erradicar os satélites irreconciliáveis da tirania ou, senão, de afundarmos junto com a República.

entrega são curtos. À título de exemplo, os lojistas tiveram no dia 21 de julho 24 horas para providenciar a armada de 1200 libras de velas, 6000 libras de queijo, 10 barris de óleo de linhaça, 400 libras de arroz, 130 barris de aguardente, 108 caixas de tabaco e 54 caixas de sabão.

"Tenta percebê-los," comenta Karel na primeira conversa depois de Tiene e ele voltarem a Oostende. "Todos se queixam e ninguém sabe como fazer com todas as requisições da tropa de ocupação, mas toda a gente anda a festejar. Ainda ontem havia uma enorme festa na praça principal e plantou-se outra árvore da liberdade. Não sei quem desta vez enfiou o barrete, a árvore ou a população de Oostende. Mas a dupla águia dos Austríacos desapareceu do Cais dos Pescadores. É só ignorância, ou fala o medo?" pergunta Karel, olhando François de soslaio.

Este responde: "Terá parcialmente a ver com medo. Não temos ordens para escrutinar o comportamento dos civis mas devem circular espiões do *Tribunal Révolutionnaire* aqui como em qualquer lado. Este pequeno exército de controladores arrogantes, Karel, irá manter todos sob o seu jugo senão durante meses, talvez durante anos, assim o vejo."

Não passam quinze dias dessa conversa quando François traz notícias perturbadoras de Paris: Maximilien de Robespierre parece não ter sobrevivido ele próprio ao tribunal revolucionário ou uma adaptação do mesmo, e foi agora também guilhotinado. Vai se ainda falar anos e anos desta figura que durante muito tempo se pronunciou contra a pena de morte, depois aceitar o seu uso, defendê-la e finalmente ser vítima da mesma. Ele foi

morto e caluniado por quem ainda ontem o admirava. Até Jan Verlooy não resiste a escreve em 19 Thermidor ano II *'La trahison de l'infame Robespierre'* desmarcando-se claramente deste discípulo de Rousseau.

Mas a vida em casa está mais perto do que a vida em Paris e as pequenas preocupações do dia-a-dia preponderam. Tiene e Madeleine falam com François acerca das requisições sem fim de todo tipo de bens para os soldados franceses. Nunca para: este mês foram das lojas dos comerciantes de Oostende rumo à guarnição 120.000 libras de açúcar em pó, todos os ferros de lanterna, 30 barris de conhaque e 28 barris de aguardente, 10.000 pares de sapatos e meias, lona, 40.000 libras de arroz, 60.000 libras de tabaco e a lista não fica por aí. Além disso, as portagens cobradas na carreteira para Torhout vão atualmente imediatamente para a fazenda do Estado francês. François não consegue senão dizer que os militares são obrigados a cumprir as ordens.

No meio de requisições de queijo e binóculos, aparece em setembro ainda para mais uma nova organização para medir o tempo. O dia passa a ter dez horas de cem minutos cada, divididas em cem segundos. O dia parece correr mais devagar para quem desde tempos imemoriais está habituado à divisão sexagesimal babilónica. A imposição fracassa e alguns meses depois Paris abdica do projeto. Mas a lei sobre a organização decimal de pesos e medidas continua em vigor, facilitando as trocas comerciais além fronteira de estados, reinos e cidades.

Próximo do fim do ano de 1794 o ocupante francês tem pleno controle dos Países Baixos do Sul. Oostende é dividido em 15

bairros e tal como em outras cidades, os habitantes recebem a notícia de dissolução de todas as associações com confisco dos bens. Só há uma exceção. Os comissários da República deixam funcionar o *Cercle Littéraire*. Classificam-no como necessário no seu relatório. Jan e Madeleine não sabem bem o que pensar. Os comissários vêem este círculo literário como instrumento para divulgar ideias revolucionárias? Ou trata-se simplesmente de um grupo de fácil infiltração, visto o francÊs ser a língua franca? De vez em quando, eles organizam reuniões paralelas clandestinas na sua casa. As conversas, nas quais até François participa, são em flamengo. O hóspede já fala razoavelmente bem o dialecto local e todos confiam nele. Numa dessas reuniões, Tiene e Gertrude perguntam se François ouviu falar de Marie-Anne Pierette Paulze.

"Só sei que ela casou em criança, com Antoine Lavoisier, há uns vinte anos. Sempre colaborou com o marido, mesmo na altura em que manteve uma relação com um amante."

"Colaborar e uma forma de dizer," observa Gertrude. "Eu diria que ela foi necessária ao Antoine, porque na altura já falava inglês e traduzia a sua correspondência com colegas britânicos. Ela teve um papel para a divulgação da *teoria do flogisto*, mas também para divulgar o desacreditar na mesma, logo que Antoine Lavoisier demostrou a importância do *air vital* na combustão de substâncias."

"E ela continuou a tradição de outras mulheres franceses bem situadas," diz Madeleine. "Não só fez as ilustrações para o '*traité élémentaire de chimie',* a obra publicada do marido, mas também mantivera muito tempo um salão."

“Ela foi presa após a execução do seu pai e de Antoine,” continua Jan. “Se bem percebi, Antoine foi executado porque trabalhou durante algum tempo como colector de impostos na *Fazenda Geral*. Desenvolveu o *assignat*, com Condorcet, muito antes da revolução.”

François diz após uma ligeira hesitação: “Se repetirem seja onde for o que vou dizer agora, eu serei preso e morto. No tribunal revolucionário o arrogante ignorante Jean-Baptiste Coffinhal declarou, após o encarceramento de Lavoisier: ‘*A República não precisa de sábios ou químicos; a força legal não pode ser corrompida*’. Recorreu a acusações mais do que provavelmente falsos publicados por Marat em l’*Ami du peuple*. Um dia depois da decapitação de Lavoisier, Louis Lagrange declarara: ‘*Custou-lhes um momento para fazer cair esta cabeça e provavelmente cem anos não serão o suficiente para produzir uma equivalente*.’ Não acreditem que eu subscrevo esses actos de terror. Vejo-os acontecer com profunda tristeza. É verdade, esta revolução já trouxe mais mal do que bem aos humanos em geral e eu diria, ao povo trabalhador em particular. Somos dirigidos por arrogantes ignorantes sem escrúpulos só interessados no seu próprio poder.”

“É muito duro o que acabas de dizer, François,” observa Karel. “Infelizmente muitos indícios dão te razão. Entretanto, os preconceitos baseados na ignorância continuam a se manifestar em todo lado. Imaginem vocês, ouvi em Sluis que em diferentes locais mulheres com atividade científica são inibidas de tomar conhecimento do sistema de Carolus Linnaeus para a classificação das plantas. A classificação é

baseada em propriedades sexuais e de reprodução e segundo muitos homens tal conhecimento só provoca pensamentos imorais nas mulheres. Mulheres, sobretudo enquanto mães, não podem ser maculadas assim, dizem os devassos ignorantes portadores da moral."

Riem-se um momento do fervor com Karel falou. "Não todos os homens arrogantes são necessariamente devassos e libertinos," ri Boudewijn, "mas entendo a tua afiada declaração. Dá para desanimar… Contudo, aqui e acolá há esperança. Há pouco chegou de Grã-Bretanha a notícia acerca de Caroline Herschel. Ela emigrou de Hannover para Bath por querer fazer trabalho científico e hoje é a primeira mulher a receber um pequeno salário anual da Corte pelo seu trabalho de astrónoma e a sua pesquisa em relação aos cometas. Há quem especula que irá publicar para a *Royal Society*. Estou com boa expectativa."

"Vamos continuar a divulgar este tipo de histórias e exemplos na *Casa-escola dos Cais*," diz Jan. "É absolutamente necessário continuar a fazer ver às crianças como com conhecimento e instrução todos podemos contribuir para enriquecer o Conhecimento Humano e que a paz é melhor do que guerra, a não ser para um pequeno arrogante grupo de líderes."

O ano de 1794 passa para 1795 e da França continua a chegar antes medo e não alegria. Em Oostende todos os sapateiros ainda confederados são obrigados a trabalhar para a República até produzirem 300.000 pares de sapatos.

Em Brussel, Verlooy pisa novamente os caminhos da política quando os Franceses ocupam a cidade. Primeiro ele é

promovido para o cargo de edil e mais tarde, em 1 Floréal Ano III para o de burgomestre, devendo abdicar algumas semanas mais tarde por razões de saúde.
Entretanto, os Países Baixos do Norte estão em ebulição. Guilherme V foge para a Inglaterra e é declarado a Republica Batava. Alguns dias depois são nomeados em todo lado representantes do povo da Holanda, desde os Estado-Flandres até a Frísia. Quando o governo francês toma a administração de Estado-flandres em mão e deixando a região fora da República Batava, os amigos de Sluis observam não existir fronteira estatal entre eles e Oostende pela primeira vez.
As ideias republicanas passam lentamente para as colónias. Nas ilhas de Oeste-Índia ocupadas pelos Franceses já se falava da libertação dos escravos. Em Curaçao a notícia impressiona Tula, um escravo com forte personalidade. Os nossos amigos de Oostende ouvirão falar dele só alguns anos mais tarde.
As esferas altas mencionam Beethoven que dá concertos de piano em Viena e publica os seus primeiros trabalhos.
Regra geral, a Europa masculina continua a afastar as mulheres da escolarização e do ensino. Mas Gertrude traz a história de Martha McThier, amiga de Elizabeth Hamilton. Em Belfast, seguindo os passos de David Manson, ela iniciou na casa dela uma pequena escola para meninas pobres. Boudewijn e Gertrude acabaram por não ir de balão até Belfast, mas eles continuam informados, graças ao amigo que aí atraca de vez em quando. “É hoje claro,” diz Boudewijn, “David Manson tem mais seguidores a arrumar a vara e a deixar estudar as crianças em pares de trabalho.”

"Martha McThier é uma dessas seguidoras," continua Gertrude. "Ela conhece muitas antigos alunos de Manson e as conversas entre eles e com ela estimularam-na para começar ela própria uma pequena escola, só para meninas pobres."

"Ouvi ao seu respeito," diz Madeleine, "ela se inspirar de escritoras como Mary Wollstonecraft, Anna Laetitia Barbauld, Anne Radcliffe e Elizabeth Hamilton."

Gertrude entusiasma-se quando conta: "Faz agora dois anos, Martha McThier escreveu ter orgulho das suas pequenas meninas. Elas sabem bem mais do que falar do Novo Testamento e laboriosamente decifrar textos. Elas lêem tão bem que encontram muito prazer na leitura."

"O seu sucesso levou-a este ano a propor à cidade e com o apoio de Lady Skeffington um projeto para um internato para meninas que também fornece roupa e refeições" conta Boudewijn. "E a reação de homens arrogantes não se fez esperar. Olhem, aqui, no *Northern Star*, alguns indivíduos daquela espécie, publicam sob o nome "*The Bucks*"[1]: '*We love girls educated above their rank, and their heads filled with ideas beyond their means. We by experience, know the consequence - we shall always have fresh supplies from your excellent seminary*'[2]."

"Podemos dizer se tratar de velhos bodes que apreciam a verdura fresca," ironiza Madeleine. "Estou curiosa em saber se

---

[1] literalmente 'os machos', eventualmente o bode, o coelho macho, etc.

[2] Nós gostamos de meninas que foram educadas acima do seu estado e que têm suas cabeças cheias de ideias para viver acima do seu estado também. Sabemos por experiência qual é o resultado: sempre teremos abastecimento fresco proveniente do seu excelente seminário.

a Martha McThier vai conseguir o que pretende."

O mês de agosto é um triste mês em Curaçao, para quem se quer libertar da escravatura. Graças ao testemunho escrito de padre Jacobus Schink, Europa irá saber da história alguns anos mais tarde. Entretanto, longe dos lugares onde burguesia e comerciantes se enriquecem graças ao trabalho de quem continua a ser escravo negro, naquele dia, o carismático Tula não quer trabalhar. Segundo o relato foi em 17 de agosto. Com cinquenta companheiros-escravo explica ao seu proprietário que ele têm o direito de defender a sua liberdade, à luz dos acontecimentos na França e na República Batava, onde no dia 4 de Fevereiro do ano anterior a França tinha abolido a escravatura. O seu proprietário Van Uytrecht declara-se incompetente na matéria e sugere a Tula de apresentar o seu caso em Willemstad. Este parte com o seu grupo e, atravessando outras plantações, vai libertando escravos mantidos presos. São dois mil a apresentar-se frente ao Conselho Colonial. O Conselho procura mandar os escravos de volta, recorrendo a mediadores. Padre Schink assegura Tula, abordado com o título de Capitão, ter dito não pretender fazer mal a ninguém, mas simplesmente querer a liberdade de todos os negros, como os negros nas ilhas Franceses já o são. A Holanda, conquistada pelos Franceses, deverá fazer o mesmo. Segundo Padre Schink, Tula terá ainda acrescentado: '*Senhor Padre, não descendem todos os humanos de Adão e Eva? Fiz mal em libertar dos ferros que lhes foram injustamente colocados 22 dos meus irmãos? Veja Padre, tratam melhor os animais: quando*

*um animal parte uma perna, ele é curado*.' E termina o seu discurso repetindo: '*Não desejamos nada senão a nossa liberdade*.' Mas os proprietários das plantações holandeses pensam de maneira diferente. Com o apoio do exército do Conselho Colonial, perseguem os escravos de Curaçao havendo um desenlace muito sangrento. Tula recebe o cognome de Rigaud referindo a André Rigaud, líder da revolta dos escravos em São Domingo.

É bem possível o destino de um único branco, o mestre-escola Sabel, ter selado o destino de todos os escravos negros que se levantaram para exigir a sua liberdade. No início da caminhada para Willemstad, Sabel foge da sua plantação, mas volta para salvar parte dos seus pertences. Cai na mão de alguns escravos revoltosos agora não são tão meigos como ele estava habituado da população negra. É maltratado e no fim, num ato de clemência, fuzilado para acabar com o seu sofrimento.

Tula percebe que os brancos se deixam levar por sentimentos de vingança e esconde-se em território não habitado. Um dos seus companheiros trai-no e indica o seu esconderijo contra pagamento. Os governantes brancos autorizam tortura sobre Tula até ele apresentar uma falsa declaração ter sido o seu intuito de matar todos os brancos na ilha. Assim o Conselho Colonial tem o argumento necessário para o condenar a morte e Tula é executado. Aqui não é a ignorância que leva governadores arrogantes a pôr de lado as suas próprias leis, mas a pura ganância. A iniciativa de Tula terá um pequeno resultado, apesar da maneira horrível como o Conselho

Colonial o assassinou, baseado em falsas declarações. Em novembro de 1795 entra em vigor uma nova lei prescrevendo o domingo como dia livre, o tempo máximo de trabalho diário, a alimentação e o vestuário a providenciar aos escravos. Mesmo se a lei é meticulosamente cumprida, ela não representa o fim da escravatura.

Mais perto de Oostende as escaramuças entre Ingleses e Franceses, sobretudo no mar e na foz do Escalda, provocam receios entre a população costeira dos departamentos da Lys e do Escalda, os nomes escolhidos pelos franceses para identificar a antiga Flandres.

Mas a exigência republicana para generalizar a separação de Estado e Igreja continua também a provocar distúrbios. As ordens são proibidas e durante o culto a solenidade e os sinais exteriores devem ser abolidos. Processões eclesiásticas, dobrar dos sinos e o porte de paramentos clericais são proibidos. Isto aumenta a tensão entre crentes católicos e o resto da população.

Nicolas de Caritat Marquês de Condorcet tinha formulado em tempos propostas renovadoras para o ensino na França. Enfatizara por exemplo a ideia dum ensino organizado pelo governo. Propostas como as de bolsas de estudo, ensino gratuito, escolas de co-educação (sexo, proveniência e estado ou classe) mereciam muito atenção mas não foram concretizadas durante a sua vida, nem no curto espaço de tempo da revolução. Não havia ninguém disposto a financiar as medidas e depois da sua morte nem se falava mais disso em

público.
Nada foi feito para tornar as pessoas menos ignorantes e para as ajudar a aprender a conviver umas com as outras, por meio de escolarização, ensino ou disponibilização geral do conhecimento.
A *Casa-escola dos Cais* e o *Círculo de Estudos de Bruges* de Jean-Jacques e Elise não têm a vida facilitada. A co-educação e o ensino não religioso é autorizado, mas há frequentemente observações de comissários que não vêem de bons olhos a junção de crianças de proveniência ou estado diverso e querem averiguar 'o caracter revolucionário' dessas iniciativas.
Tudo somado a constante situação política tensa e as suas consequências na atividade local resultam num retrocesso do número de crianças que frequentem a escola. Nos anteriores territórios de Flandres e Estado-Flandres há muitas queixas. As crianças dos pobres estão ausentes. Os pais com mais dificuldades económicos têm relutância em enviar os seus filhos para escola e na República Batava há quem superiormente mostra querer por termo ao ensino gratuito. Muitas histórias circulam, como dum aluno do colega de Jan que recebeu apoio para estudar, se tornou aprendiz de um artesão, autorizando ausências para ir à escola. Nos primeiros tempos, o rapaz faltava à escola e quando mais tarde se insistira com ele, o seu patrão declarou já não poder abdicar dele na loja. É um exemplo entre muitos, escreve o amigo de Jan, para mostrar que no departamento do Escalda as coisas não correm bem. Os crescentes custos de vida afasta crianças, pais e patrões da escola. É um espiral que faz regressar em

força o exército de ignorantes, mais uma vez subordinados à arrogância de velhos e novos proprietários.
Pode considerar-se irónico este afastamento, exatamente na altura em que nas escolas que ainda recorrem ao *Haneboek*, a aprendizagem da leitura se torne um pouco menos desadequado. O referido livro adotou lições de leitura e ortografia com frases e palavras significativas, após uma curta introdução das letras e de alguns exercícios para soletrar sílabas. A maioria dos mestres-escola parecem finalmente admitir livrinhos escolares ditos inovadores. Histórias bíblicas continuam a ser populares e entre os mestres-escola patrióticas a *Vaderlandsch A-B Boek voor de Nederlandsche Jeugd* de Jan Hendrik Swildens ganha interesse ao lado do pouco usado *Nieuwlyks Uitgevonden A.B.C. Boek* de Kornelis de Wit. Não significa que as ideias de alguém como Rousseau passam a ser aceitas nos departamentos do Escaldo e do Foz do Escalda. Isto é bem claro, visto a pouca procura dos livros de Willem Perponcher Sedlintksy. Podem aqui jogar o preço dos livros e a proveniência do autor. Mas existe aversão contra as propostas de Rousseau em relação à educação livre, à natureza e à liberdade. Elas estão demasiado longe do que ainda ontem se instruía nas escolas dos pobres.

Apesar da regressão temporária do número de escolares, os departamentos que cobrem o anterior território de Flandres contam com cerca de 1 mestre-escola para cada 800 habitantes. Surgem novas regras eventualmente diferentes de uma cidade para outra acerca das ocupações secundárias dos mestres. Existe hoje uma discussão geral alastrando-se na

sociedade acerca do ensino. Por isso passa a ter uma maior preponderância, pensa Karel. Mais pessoas tomam consciência que melhorar as escolas constitui um factor importante para operar mudanças. O poder secular deve tomar a sua responsabilidade aqui. Muitos vêem hoje para a igreja um papel de suporte, se necessária. Mesmo sem se pronunciar explicitamente acerca da separação e igreja e estado há mestres-escola a fazer entender que os melhoramentos verificados provêm do governo secular e não da igreja.

Karel e Tiene pensam mais uma vez nas suas observações em Sluis, durante a primeira invasão francesa. Na altura era possível ver três grupos de mestres-escola. Em primeiro lugar havia os mestres-escola e docentes das escolas latinas, baixo-alemães e franceses, trabalhando ao serviço do poder público e e pago por ele. Depois havia os mestres-escola baixo-alemães e franceses e as mestras-escola francesas que mantinham uma escola autorizada pelo governo, sem por isso receber apoio financeiro. Por fim havia os mestres-escola ao serviço de uma instituição de caridade. Em conjunto representavam 'o mercado educativo' dos ensinantes a quem recorrer para educar as crianças. A regulação desse mercado estava em mãos dos pais e tutores, o governo, e, nas zonas rurais, também da igreja. Mestres-escola provenientes dos Países Baixos do Sul eram poucos

Nos Países Baixos do Sul, antes e depois da anexação francesa, os salários anuais dos mestres-escola divergem menos do que os dos preceptores ou mestres particulares. Os mestres particulares em Leuven ganham de 100 até 500 florins sabem Jean-Jacques

e Elise. O salário anual dos mestres-escola no atual departamento da Ourthe varia de 350 a 420 florins, em muitos casos significa eles ganharem menos do que há 20 anos atrás.
François por sua vez sabe que o governo central quer mais controlo sobre o ensino e quer um modelo geral, provavelmente com leis escolares gerais. As mudanças em curso abrangem mais do que só o ensino.

Pouco a pouco parece surgir uma nova classe de governadores. Antevê-se para os próximos decénios uma população pobre escrava não de quem possui a terra, mas de quem se aproprie do poder, não em nome de Deus, mas em nome do povo.

Escrevemos 31 de dezembro 1795 ou 10 Nivôse do ano IV. Ou seja, 31 Newnomehns 117.95.

*Fim do livro 04*

## Uma estranha carta

Querido Pascal

Aproveitámos uma pequena falha no continuum do espaço tempo para te fazer chegar uma saga dinástica de educadores, pedagogos e antropogogos que foi publicado pela primeira vez em 122.15 (calendário holoceno), o que corresponde ao ano 2215 segundo a contagem do calendário que vocês usem no vosso século XXI.

A dinastia percorre 20 gerações, desde 1630 até 2222 no vosso calendário.

Quando pesquisámos o teu século encontrámos o teu nome e sabemos do teu interesse pela aprendizagem dialogada, razão pela qual te solicitamos a disponibilização dos documentos à medida que te os conseguimos fazer chegar.

Fica descansado. A falha no continuum não irá provocar nenhuma alteração ao passado e ao futuro das pessoas. Só permite o envio de documentos.

Em nome da equipa de co-autores,

Maria Liber

Umut interessa-se pela mitologia e pela influência sobre a mente humana por parte de pessoas com poder ligados a dogmas.
Binh Pam interessa-se pela história da desinformação fornecida por quem está no poder e nos tempos em que movimento de tropas causavam guerras em nome de ideais muitas vezes não honrados.

Acompanhamos a família Lemaître, a quarta até sexta geração da dinastia Magister-Auctor, na segunda metade do século XVIII (117º hectano). Em quase todos os lugares do mundo conhecido, o terceiro estado de burgueses e nobres de robe procura substituir as monarquias por formas de governo com decisões tomadas em representação de uma base populacional mais alargada.
No entanto, o Conhecimento continua a ser um privilégio não concedido a todos. Depois de deixar Dieudonné e Mathilde, Jan Lemaître e Madeleine Lacour tentam fazer algo a esse respeito, em pequena escala, a partir da biblioteca dos avós de Jan em Oostende, cidade em expansão na costa dos Países Baixos do Sul. O filho Jean-Jacques parece seguir-lhes os passos...